

No Reino Aventuroso de Artur
Um olhar sobre a Mulher - a partir
de uma leitura da versão portuguesa de
A Demanda do Santo Graal

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maria do Carmo Barreto Gomes de Sousa Marques
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

junho | 2013

Ma

Rei

T/M uma
82
MAR Rei

73403
KOH A

No Reino Aventuroso de Artur
Um olhar sobre a Mulher - a partir
de uma leitura da versão portuguesa de
A Demanda do Santo Graal

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maria do Carmo Barreto Gomes de Sousa Marques
MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E CULTURAIS

UNIVERSIDADE DA MADEIRA
SECTOR DE DOCUMENTAÇÃO
E ARQUIVO

ORIENTAÇÃO
Ana Isabel Ferreira da Silva Moniz



Dissertação de Mestrado em **Estudos Linguísticos e Culturais**

No Reino Aventuroso de Artur

- Um olhar sobre a Mulher - a partir de uma leitura da versão portuguesa de *A Demanda do Santo Graal*

Maria do Carmo Barreto Gomes de Sousa Marques

Orientação:
Professora Doutora Ana Isabel Ferreira da Silva Moniz

Junho 2013

Ao meu pai,
que me ensinou a ouvir a música do silêncio da
montanha e que nas manhãs de domingo me levava aos
museus para espreitar o passado.

Agradecimentos

Quero deixar aqui a minha gratidão e apreço à Professora Doutora Ana Isabel da Silva Moniz, minha orientadora, pela simpatia com que desde o primeiro momento me acolheu, pelo cuidado na revisão do texto, pelas suas valiosas sugestões e pela disponibilidade com que me apoiou nesta demanda.

O meu agradecimento à minha amiga Ana Lomelino, companheira de tantas horas de descobertas literárias, pelo seu ombro amigo e opinião sempre presente e preciosa.

Uma palavra para os meus amigos Jorge Borges e Susana Silva, que juntamente com a Ana, me levaram, ao longo dos anos, a acreditar em mim e a ousar para além dos limites que a mim própria imponho. Obrigada.

O meu carinho para as quatro representações do masculino do meu reino: o Artur, meu marido e o André, meu filho, que apoiaram esta minha aventura; o Sebastião, o meu fiel companheiro que todas as noites me pousa o focinho no colo para lembrar que são horas de dormir e o Gato Esteves, o meu tigre anafado.

O meu reconhecimento à Escola Secundária Francisco Franco, em cuja biblioteca encontrei bibliografia relevante para a feitura deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos os que ao longo dos tempos se dedicaram à temática arturiana e me têm proporcionado horas de puro prazer, em particular à Professora Doutora Irene Freire Nunes, pelo seu admirável trabalho de transcrição do manuscrito de *A Demanda do Santo Graal* que serviu de base para esta dissertação.

Resumo

Em *A Demanda do Santo Graal*, novela de cavalaria representativa da literatura Arturiana no Portugal da Idade Média, analisamos o modo como é feita a abordagem da presença feminina num universo essencialmente masculino. Aceitando como premissa que a literatura é reflexo da realidade de uma época e, simultaneamente, nela se reflete e deixa a sua influência, iniciámos o estudo, cujo resultado constitui o texto desta dissertação. Após uma referência às circunstâncias prováveis da chegada do primeiro manuscrito a Portugal, e de algumas considerações sobre o propósito pedagógico e legado cultural da obra na sociedade Portuguesa, perspetivamos a posição da mulher na época medieval, analisando e refletindo sobre cada uma das representações do feminino que emanam do texto e que mencionamos através do relato dos vários episódios em que ocorre a presença feminina.

Palavras-chave: Demanda do Graal, mulher, aventura, cavalaria, traição, castidade

*

Abstract

In the text of *A Demanda do Santo Graal*, a representative work of the Arthurian literature in medieval Portugal, we look closely at the way the feminine presence is approached in a primarily male dominated universe. Believing that literature bespeaks the living reality of an epoch and, simultaneously, both reflects itself and exerts its influence on that same reality, we set out on the study, the result of which is the text of this dissertation. After a brief reference to the probable circumstances concerning the arrival of the original manuscript in Portugal and some considerations on the pedagogic purpose and the cultural legacy of *A Demanda do Santo Graal* in the Portuguese society, we analyse the position of women in the Middle Ages, reflecting on each of the female representations that emerge from the text and that we give account of by reporting the episodes in which the feminine presence occurs.

Key words: Grail quest, woman, adventure, chivalry, betrayal, chastity

*

INTRODUÇÃO.....	13
I. A DEMANDA DO SANTO GRAAL.....	19
1. A CHEGADA DO MANUSCRITO	19
2. O ALCANCE SOCIAL DE A DEMANDA DO SANTO GRAAL.....	23
II. A MULHER NO REINO AVENTUROSO DE ARTUR	27
– REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM A DEMANDA DO SANTO GRAAL.....	27
1. DONZELAS MENSAGEIRAS	27
2. AS SERVAS DO SENHOR.....	47
2.1. <i>Mulheres de vida monástica</i>	47
2.2. <i>Ascetas</i>	50
2.3. <i>Mártires</i>	53
3. A DIMENSÃO DA MULHER NO MUNDO LAICO – MATERNIDADE, CASAMENTO E PATRIMÓNIO	67
3.1. <i>Mães</i>	67
3.2. <i>Anfitriãs</i>	75
4. MULHERES DETENTORAS DE ARTES DE ENCANTAR – FADAS E DEMÓNIOS	79
5. LUXÚRIA, PAIXÃO, AMOR E (DES)CORTESIA.....	89
5.1. <i>As vítimas da luxúria</i>	89
5.2. <i>Amantes em desespero</i>	101
5.3. <i>... e amadas idolatradas</i>	107
III. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
ANEXOS	135
ANEXO 1: REGRAS DE CAVALARIA EM EVIDÊNCIA EM A DEMANDA DO SANTO GRAAL	135
ANEXO 2: NOMES PRÓPRIOS REFERIDOS NESTE TRABALHO	136
ANEXO 3: ÍNDICE DE OCORRÊNCIAS FEMININAS REFERIDAS NO TRABALHO.....	139
BIBLIOGRAFIA.....	141
Índice de Ilustrações:	
Ilustração 1 – donzela com um falcão <i>Manesse Codex</i>	39
Ilustração 2 – Cela de San Esteban,	50

*Where do vanes and towers of Camelot
And tall Tintagel crumble? Where do those tragic
Lovers and their bright-eyed ladies rot?
We cannot tell – for lost is the Merlin’s magic.”*

Francis Brett Young,
Hic Jacet Arthurius Rex Quondam Rexque Futuros

Introdução

A figura do rei Artur e dos seus cavaleiros tem, ao longo dos séculos, povoado o imaginário de escritores e artistas de todos os géneros e dos seus respetivos públicos. Na ficção ou na procura da reconstituição histórica, não obstante os muitos milhares de páginas já lavrados, em inúmeras línguas, o interesse pelo tema não parece correr o risco de esmorecer. Este apelo inelutável deve-se, em muito, ao facto de nunca ter existido uma versão única para a história dos feitos de Artur que, desde a sua nublosa origem na tradição celta até aos nossos dias, se vem vestindo ou despindo de detalhes, ganhando ou abandonando elementos e assumindo as mais diversas características o que, por certo, contribui para adensar o mistério à sua volta e acicatar o fascínio de criadores, de leitores e de estudiosos.

São inúmeros os contos, poesias e romances à volta da temática arturiana, publicados através dos tempos, que vão chegando aos leitores em vagas de sucessos editoriais quase sempre garantidos. A ação dessas obras situa-se nos diversos períodos da longa Idade Média, conforme a preocupação que o autor possa ter de as tornar, do ponto de vista histórico, mais ou menos fidedignas¹. Nelas há um esforço de reconstituir a vida e a forma de pensar da época dando-lhe, todavia, um toque que adequa a nova versão das histórias ao tempo em que é escrita, naturalmente para a tornar mais apelativa para o leitor ou, em alguns casos, até para a ajustar às conveniências do contexto social e político em que o autor vive. A imagem do rei Artur como monarca poderoso, justo e unificador foi, de facto, aproveitada várias vezes no contexto político da história das monarquias europeias. Como exemplo, podemos referir Leonor de Aquitânia², que ao encomendar a tradução da vida de Artur

¹ A ter de facto existido, como parecem demonstrar alguns raros vestígios documentais, Arthur, Artos ou Artorius, qualquer que fosse o seu nome ou a sua posição na escala social, teria vivido na Grã-Bretanha pós-Romana e, por conseguinte, em época bem anterior àquela em que habitualmente o colocam os romances de cavalaria que o tornaram tão popular. Esse Artur não se faria acompanhar de cavaleiros possantes e bem armados ou munidos de escudos coloridos, obedientes aos preceitos do código de cavalaria, simplesmente porque tais armamentos e tais conceitos não existiam na época. Não teria uma Távola Redonda nem habitava um castelo de inúmeras e belas torres como Camelot, uma vez que esse tipo de construção também ainda não existia. O castelo onde esse possível Artur teria vivido ou lutado seria uma construção de madeira erigida num local estratégico, como o cimo de um monte, e circundado por um fosso defensivo ou uma simples paliçada que lhe garantiria alguma capacidade defensiva. A este respeito ver, por exemplo: Daniel Mersey, 2004, *Arthur King of The Britons From Celtic hero to cinema icon*, Great Britain, J. H. Haynes & Co. Ltd,

Nota: *Sword at Sunset* de Rosemary Sutcliff, (2008, Chicago Review Press) é um dos raros romances, que conhecemos, em que há a preocupação de aproximar a narrativa da realidade histórica, colocando Artur numa Inglaterra do tempo em que as legiões romanas abandonam a ilha e vários poderes se evidenciam para tomá-la e governá-la.

² Leonor de Aquitânia (ca. 1122-1204) – Era filha única de William X, senhor do mais vasto, populoso e próspero ducado de França. Tendo herdado o património do pai em 1137, foi de imediato casada com Louis VII, rei de França. Depois de um casamento de 15 anos, do qual não resultou qualquer descendente varão, a voluntariosa Leonor conseguiu a anulação do casamento para logo, (já com 30 anos) se consorciar com Henrique de Anjou (de 19 anos), que se tornaria Henrique II de Inglaterra, o Plantageneta. Deste casamento viriam a nascer vários rapazes, entre os quais os futuros reis de Inglaterra, Ricardo, Coração de Leão e João, Sem Terra. Leonor foi uma mulher muito ativa e influente quer na cultura quer na política, durante toda a sua vida (Richard K. Emmerson, 2006, *Key Figures in Medieval Europe*, New York, Routledge Taylor & Francis Group, pp. 198,199).

para francês não o terá feito de forma inocente. Segundo Norma Lorre Goodrich¹, Leonor procurou promover o seu marido Henrique Plantageneta, que se tornou rei de Inglaterra em 1154, através das lendas do Rei Artur como rei supremo de toda a Bretanha, [Grã-Bretanha] o que Henrique não era, mas almejava vir a ser. Outra evidência de adequação ao contexto social é o fenómeno a que assistimos no final do século XX, início do XXI, quando a literatura no feminino conquistou um largo espaço a coincidir com a visibilidade que as mulheres entretanto alcançavam nas mais diversas áreas da sociedade. As próprias mulheres pareceram (re)descobrir-se umas às outras e a si próprias; começaram a ganhar consciência da sua importância e a desejar saber mais sobre essa parte da humanidade, à qual pertencem, e que durante séculos permaneceu na penumbra sob a sombra da figura masculina que sobre ela se agigantou. Na área das lendas arturianas, muitos romances foram escritos procurando apresentar uma perspectiva feminina das velhas histórias. Ao longo das suas páginas, deparámo-nos com Guineveres, Morganas, Morgauses ou Damas do Lago, para mencionar apenas algumas, poderosas, informadas e assertivas, elementos participantes mais ou menos visíveis no desenrolar dos acontecimentos do reino de Logres. Contagiadas por esse encantamento, aventurámo-nos na nossa própria viagem de descoberta pelos muitos caminhos de Camelot até que chegámos à transcrição do manuscrito da versão portuguesa de *A Demanda do Santo Graal*² e outra imagem da condição feminina se impôs perante os nossos olhos. Mergulhámos num mundo onde tudo era autêntico e cru, porque escrito por quem viveu na época e, como tal, condicente com a sua visão do mundo. Um mundo onde as mulheres eram consideradas como elementos decorativos da corte, mães, malvadas ou quase santas, mas, em qualquer dos casos, seres que viviam um pouco à margem e sempre facilmente descartáveis, como bem ilustram logo os primeiros episódios. Neles assiste-se a uma sequência de donzelas que vão sendo decapitadas, uma após outra, sem que daí resulte grande sofrimento ou sentimento de perda para alguém, ao contrário do que acontece em relação às mortes dos cavaleiros que suscitam enormes manifestações de pesar e sessões de pranto por parte de inconsoláveis companheiros de armas. Essas imagens fizeram-nos refletir e querer descobrir mais sobre a condição feminina e assim iniciámos esta investigação, partindo da nossa própria leitura interpretativa de *A Demanda do Santo Graal*, dando especial atenção à mulher, ou melhor, à representação que dela é feita através das vozes masculinas que com ela partilham o espaço da narrativa.

Nos 715 episódios que compõem *A Demanda do Santo Graal* a presença feminina regista-se em pouco mais de 200 deles. Esta é uma história criada por homens e para homens, na qual todos

¹ Thomas Bulfinch, 1995, (ed. e pref. Lorre Goodrich) *Bulfinch's Mythology – The Age of Chivalry and Legends of Charlemagne or Romance in The Middle Ages*, USA, Meridian, a division of Penguin Books (prefácio, p. xii)

² Irene Freire Nunes, 2005, *A Demanda do Santo Graal*, Lisboa, INCM

* Esta obra será, a partir de aqui, designada pela sigla *DSG*.

procuram agir de acordo com os princípios da cavalaria¹, embora estejam constantemente a infringi-los, uns por serem traidores e cobardes, outros porque agem desconhecendo a identidade do adversário.

Sendo uma das primeiras regras da cavalaria a de que nenhum cavaleiro da Távola Redonda deveria atacar outro companheiro da mesma irmandade, a não ser para defender o seu próprio corpo, poucas seriam as ocasiões para que se travassem lutas já que quase todos os cavaleiros que tomam parte nas aventuras do reino de Logres pertencem à referida irmandade. Contudo, são lutas desta natureza que alimentam a história registada neste e em outros livros de novelas de cavalaria e seriam elas, por certo, que mantinham interessada e atenta a plateia de ouvintes que se reuniria, quiçá no final ou no intervalo de alguma refrega, para escutar histórias de heróis invencíveis com quem se poderiam identificar. Era, por isso, forçoso arranjar forma de contornar aquela dificuldade, para que os cavaleiros tivessem oportunidade de se digladiar mantendo, ao mesmo tempo, a sua integridade moral, de acordo com os ajuramentados princípios de cavalaria. A fórmula encontrada foi fazer com que todos eles deambulassem, completamente anónimos, escondidos debaixo das suas pesadas armaduras, com os elmos postos e as viseiras descidas. Os escudos, que os poderiam identificar, eram trocados com frequência para diminuir as hipóteses de que alguém os reconhecesse. Assim, travam lutas facínoras até que, quase sempre à beira da morte, se lembram de perguntar a identidade do adversário. Ao descobrirem serem ambos da Távola Redonda, são tomados pelo arrependimento de se terem agredido, embora, em muitos casos já nada haja a fazer, pelo menos para um deles. Então, abraçam-se e beijam-se nos olhos e nas bocas ensanguentadas² e aquele que está à beira da morte pede para ser sepultado em local da sua escolha, de um modo geral, uma ermida algures nas redondezas do local onde estão. Na hora da morte quase nunca se lembram das suas amadas, sendo Dalides um dos poucos que pede para que o seu corpo seja levado para o castelo onde vive a amada. É, de certa forma, compreensível que, na hora da morte, o cavaleiro se preocupasse mais com a salvação da sua alma do que com o reviver dos seus amores terrenos. Todavia, não deixa de ser um indício da pouca importância que a presença feminina mereceria na vida destes homens, o que poderemos atribuir ao facto de ser esta a perspectiva comum da época, aqui talvez ainda amplificada pelos olhos do escritor, Robert de Boron, o clérigo francês dos finais do século XII, início do século XIII, a quem se atribui a autoria do texto original, cuja visão do mundo seria decerto filtrada pela sua condição de homem da igreja.

¹ No final deste trabalho incluímos em anexo os princípios de cavalaria em evidência nesta obra (*Cf.* anexo 1).

² É interessante verificar a ausência de preconceitos que hoje se associariam a tais manifestações entre homens. Segundo transparece, não seria, então, socialmente reprovável os homens chorarem ou demonstrarem fisicamente o seu carinho uns pelos outros. Todos os cavaleiros, incluindo o rei, choram de forma ruidosa em diversas circunstâncias, e beijam-se e abraçam-se sem reboço. Daí podermos concluir que a estas manifestações não seria atribuída qualquer carga erótica e, por conseguinte, não estariam conotadas com sinal de fraqueza, falta de virilidade ou apetência homossexual.

Na verdade, o enquadramento da conduta social, cultural e moral da mulher medieva que chegou até nós foi, em muito¹, definido pelos padrões de pensamento daqueles que detinham, quase em exclusivo, o saber e o domínio da escrita, ou seja, os monges e os prelados que pouco contato manteriam com mulheres e pouco saberiam sobre elas, desenvolvendo, por isso, sentimentos controversos, que oscilavam entre a veneração à Virgem Maria e a todas as que renunciavam à sua sexualidade para se dedicar ao Senhor, e a misoginia, em relação a todas as outras. Uma perspectiva que vai ao encontro da de Jacques Dalarun quando afirma: “Separados das mulheres por um celibato solidamente estendido a todos, a partir do século XI, os clérigos nada sabem delas. [...] Representam a Mulher à distância, na estranheza e no medo [...]”². Seria esse temor que os levaria a querer manter afastada a presença feminina, a menosprezá-la e desprezá-la como ser pecaminoso, tentador e fraco quer física quer animicamente. Esse quadro mental era, por certo, reforçado pelas representações femininas das histórias bíblicas, bem familiares a esses homens: por um lado a pura Maria, do outro, as pecadoras como Eva, Maria Madalena ou a malvada Salomé, por exemplo, e, comum a todas elas, a sua inequívoca inferioridade em relação ao sexo masculino, simbolizado por Adão, de cuja singela e irrelevante costela haviam resultado as suas existências.

Em toda a narrativa de *A Demanda do Santo Graal*, os grandes feitos estão, pois, reservados aos homens, estando a participação na demanda quase por completo vedada às mulheres. No episódio 34, (DSG, 42) quando os cavaleiros estão prestes a partir, o rei Artur chama a rainha e todas as damas da corte para uma reunião com os cavaleiros para que todos possam estar com as suas mulheres, prometidas e amigas. Alguns fazem planos para levar consigo as companheiras, mas logo chega um frade, enviado por Neciam³, um eremita cuja palavra faz lei, e diz que nenhum deles poderá levar mulher nesta demanda para assegurar que não sucumbem ao pecado da carne. Para

¹ Paralelamente a esta literatura, não podemos esquecer os escritos de caráter laico de goliardos, de menestréis e de nobres das cortes, nos quais a linguagem do amor e da sexualidade ganhava contornos mais ousados, dando à figura feminina outras dimensões, ainda que, também neste caso, o que ficava descrito resultasse da imagem que os autores, também eles homens, faziam da mulher. **Georges Duby** 1993, “O Modelo Cortês”, in *História das Mulheres - A Idade Média*, (pp. 331-351), direção de Georges Duby e Michelle Perrot, Porto, Edições Afrontamento, p. 336.

² Jacques Dalarun, 1993 “Olhares de Cérgos”, in *História das Mulheres - A Idade Média*, (pp. 29-63), direção de Georges Duby e Michelle Perrot, Porto, Edições Afrontamento, p. 29.

³ No *Livro de José de Arimateia*, que constitui a primeira parte do ciclo em que se integra a *Demanda do Santo Graal*, José de Arimateia, guardião do cálice sagrado, onde recolhera o sangue de Cristo, parte da Terra Santa com destino à Grã-Bretanha na companhia de seu filho Josefes, com o propósito de converter e evangelizar os pagãos. Numa das suas paragens, conseguem converter o rei de Sarras, Evalac e o seu cunhado, Sarafes, que depois do batismo recebem os nomes de Mordaim e Neciam e, junto com as respetivas esposas, se entregam a uma vida de penitência, oração e de conduta irrepreensível. Galaaz é o último representante da linhagem de Neciam e é junto à sua campa que encontrará o escudo branco sobre o qual Josefes, à beira da morte, desenhara a cruz de Cristo com o sangue que lhe brotava profusamente do nariz. Deixa o escudo com o anúncio profético que Galaaz ali virá, para o receber, no quinto dia após a sua investidura como cavaleiro. (nos episódios 52 a 55 de *A Demanda do Santo Graal* Galaaz é informado sobre a sua linhagem e sobre a origem do escudo.) Sobre o mensageiro, acima referido, ficamos na dúvida se vem a mando de algum homónimo, que tivesse adotado o nome devido à sua carga significativa, ou se do próprio Neciam que, nesse caso teria a faculdade de enviar as suas orientações a partir do Além, o que nos parece mais provável.

além disso, antes de deixar a corte, todos os cavaleiros deverão confessar-se e comungar e só então partir com a alma livre de pecado. Ficam assim estabelecidas aquelas que são as condições incontornáveis para poderem aspirar a fazer parte dos eleitos que verão o Santo Graal. No entanto, as mulheres não estão ausentes dos locais das aventuras e encontros entre os dois sexos acontecem amiúde.

Nesta narrativa as mulheres são, de um modo geral, seres anónimos e apenas elos de ligação entre uma e outra aventura. Algumas são mensageiras que, por vezes, sem que disso tenham consciência, conduzem os cavaleiros ao local ou à situação da batalha e, recorrentemente, vêm também anunciar algo que está para acontecer; outras são as que se dedicam à espiritualidade, vivendo em conventos ou emparedadas em celas esquecidas em locais recônditos, quase santas e conhecedoras dos mistérios ancestrais que revelam, ou não, a quem as encontra; outras, são possuidoras de artes de encantar; outras são as apaixonadas que sofrem por amores impossíveis e, como consequência desse sentimento, desencadeiam ódios e mortes e, por fim, as amadas, como Isolda e Genevra, em nome de cujo amor se travam as mais sangrentas guerras.

A vida das mulheres, como já referimos, é pouco importante. Vale um pouco mais se forem formosas¹ e virgens ou se possuírem estatuto de nobreza. Se acumularem as várias condições, tanto melhor. Porém, quando chega a hora de decidir sobre a sua vida ou morte, é sempre fácil encontrar o motivo que as leva a ficar sem cabeça num ápice. Depois de mortas, são abandonadas pois nem sempre há quem se preocupe em lhes dar sepultura, ao contrário do que acontece em relação aos cavaleiros que, por mais malvados ou desprezíveis que sejam, encontram sempre outro cavaleiro que se empenha em levá-los até um ermitério onde possam ser sepultados, de acordo com a sua condição social, e as suas almas resgatadas por orações de frades de vida santa. Para além disso, ter um funeral bem pranteado é mostra de respeito pela valentia e boa cavalaria e ter um túmulo *fermoso* e rico parece ser a grande compensação para as agruras do cavaleiro. Este mesmo respeito para além da morte está reservado a muito poucas mulheres, como veremos ao longo deste trabalho em que nos propomos, então, falar da intervenção feminina nesta demanda.

Começaremos por analisar a presença de *A Demanda do Santo Graal* no território Português com uma sucinta abordagem à problemática da sua chegada a Portugal, seguida de uma reflexão sobre o seu alcance pedagógico e sobre as influências culturais e sociais que a obra terá deixado para além do seu tempo. Concluiremos esta primeira parte com uma breve referência à evolução da mística do Santo Graal na literatura. Posteriormente, debruçar-nos-emos sobre as representações do

¹A beleza é um atributo de quase todas as personagens femininas, mas ignoramos a que padrões obedeceria essa mesma beleza, já que em momento algum é revelado qualquer detalhe físico, como a estatura, a cor do cabelo ou dos olhos (Os cavaleiros também são descritos como belos, como tendo bonaire mas sem outros pormenores que nos permitam ajuizar sobre o tipo de beleza).

feminino, principal objeto do nosso estudo, no qual apresentaremos e refletiremos sobre cada uma das intervenções femininas, agrupando-as em categorias que nos pareceram ser os padrões mais recorrentes na obra, tentando perspectivá-las para além da esfera ficcional, tendo como propósito não só dar a dimensão da representação da mulher no espectro literário como projeção e, simultaneamente, como reflexo da vida da sociedade coeva mas também facultar uma visão global do conteúdo narrativo da obra. Para aprofundar a nossa análise, recorreremos a estudos sobre a história coetânea¹, numa tentativa de encontrar paralelismos e suporte justificativo para as formas de pensar e de agir que emergem do texto e que nos levaram a aflorar questões tão diversas como a honra, o casamento, a maternidade, o incesto, o pecado ou o amor.

*

Notas:

1. Nas citações do texto de *A Demanda do Santo Graal*, optámos por manter a grafia das palavras tal como se encontra na transcrição do manuscrito, para dar a ver o texto na sua forma mais autêntica. Para agilizar a leitura, após cada citação incluímos a nossa proposta de atualização do texto, com exceção das frases em que tal nos pareceu redundante.
2. No texto de *A Demanda do Santo Graal* encontramos algumas variantes na grafia das palavras, (que mantivemos) o que se justificaria pela presença de vários copistas. (Irene F. Nunes pensa ter reconhecido um total de sete escribas ao longo da obra)².
3. No caso dos nomes próprios optámos por mantê-los com a grafia usada pelo último dos escribas. Como alguns diferem do nome por que são hoje mais conhecidos, incluímos no final uma relação dos vários intervenientes mencionados. Anexo 2.
4. Todas as citações de *A Demanda do Santo Graal* estão registadas com tipo de letra distinto e colocadas fora do corpo do texto do trabalho, com exceção dos casos em que o excerto ficou inserido na redação do mesmo.

¹ Ao longo deste trabalho referimo-nos várias vezes à época Medieval. Conscientes que tal poderá constituir uma incorreção, já que o período assim chamado inclui muitos séculos e muitas realidades, queremos ressaltar desde já que, quando usamos essa expressão, temos em mente os seus últimos séculos (Baixa Idade Média) que coincidem com data da criação e divulgação de *A Demanda do Santo Graal*.

² Cf. Irene Freire Nunes, *Op. cit.*, p. 12.

I. A Demanda do Santo Graal em Portugal

Então, falai-me sobre o Graal. Explicai-me o seu mistério”.

“Não pode ser explicado”, respondeu o eremita calmamente, “só pode ser experimentado”.

Lindsay Clarke, *Parsifal* (Wolfram Von Eschenbach)

1. A Chegada do manuscrito

A Matéria de Bretanha¹, designação dada, de forma genérica, à literatura relacionada com as narrativas dos feitos do rei Artur e seus cavaleiros da Távola Redonda, tem, em Portugal, poucas obras de referência especificamente a ela dedicadas. Contudo, como notou Luciano Rossi,

[...] Podemos encontrar vestígios dessa matéria nos Livros de Linhagens, nas Cantigas de Santa Maria e nas de escarnho, no Orto do Esposo e até nos sermões, nos arquivos públicos ou nos nomes que os portugueses punham aos filhos nos séculos XIV e XV.²

De entre as obras medievais dessa temática que chegaram até os nossos dias destaca-se a que nos motivou para o presente estudo, *A Demanda do Santo Graal*, uma narrativa que se insere no ciclo da literatura arturiana designada por Pseudo-Boron ou Post-Vulgata, composta entre 1230 e 1240, e que tem a sua origem na trilogia em verso: *Estoire del Saint Graal*, *Merlin e Queste del Saint Graal* – atribuída a Robert de Boron. O ciclo da Post-Vulgata foi traduzido para português como *Livro de José de Arimateia*, (ms. 643 arquivo da Torre do Tombo, Lisboa), *Merlin* (existem dois fragmentos de pergaminho que constituem o ms. 2434 da Biblioteca da Catalunha) e *A Demanda do Santo Graal*, (ms. 2594 da Biblioteca Nacional de Viena)³, cujo texto, segundo afirma

¹ A expressão foi usada pela primeira vez por Jean Bodel, poeta francês do final do século XII, que dividiu a matéria narrativa em três tipologias: Matéria de Roma, para as histórias da antiguidade clássica, Matéria de Bretanha para as que incidiam sobre as aventuras do rei Artur e Matéria de França para as que contavam os feitos de Carlos Magno.

² Luciano Rossi, Julho 1979, *Literatura Novelística na Idade Média Portuguesa*, *Biblioteca Breve / Volume 38*, Oficinas Gráficas da Livraria Bertrand, Amadora, p.12.

³ Cf. Irene Freire Nunes, *DSG*, Introdução; pela mesma autora e “A Demanda do Santo Graal”, in *História da Literatura Portuguesa – Das Origens ao Cancioneiro Geral*, 2001, ed. de Francisco Lyon de Castro, Lisboa, Publicações Alfa; e Ivo Castro, 1983, “Sobre a Data da Introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata” in *Textos Medievais Portugueses e Suas Fontes*, Boletim de Filologia (*Miscelânea Rodrigues Lapa*), tomo XXVIII, pp. 81-98 [Consultado em 22 Dez. 2012].

http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/lingua/boletimfilologia/28/boletim28_pag81_98.pdf

quem escreveu esta versão, se baseou nos escritos do poeta francês Robert de Boron¹ que, por sua vez, terá recorrido a outra fonte em latim, como nos é dito por exemplo na citação abaixo, em que o autor justifica a omissão de um qualquer detalhe da história.

[...] *ca o nom achei em francês, nem Boirom nom diz que em mais achou na grande estória do latim de quanto eu vos conto. (DSG, p.278)*

([...] porque não o encontrei em francês, nem Boron diz que mais tenha encontrado na história em latim, do que aquilo que vos conto eu.)

A obra em latim a que se refere será a *Historia Regum Britannia*, de Geoffrey Monmouth², traduzida para francês, sob o patrocínio de Leonor de Aquitânia, que, para tal fim, contratou os mais afamados tradutores da época como Bernart de Ventadour³ ou Wace⁴. A origem francesa do texto português está hoje confirmada por trabalhos de colação dos poucos fragmentos dos manuscritos franceses que sobreviveram ao passar dos séculos com os melhor preservados textos ibéricos, sendo globalmente aceite que as traduções ibéricas dos textos da *Demanda do Santo Graal* em português e da *Demanda Del sancto Grial* em castelhano derivam da *Queste del Saint Graal* de Boron. Afirmar qual terá sido a primeira das versões a chegar à península apresenta-se como uma questão um pouco menos pacífica, com estudiosos dos dois lados da fronteira a esgrimirem os seus argumentos, baseando-os no estudo dos textos que vão emergindo, de quando em vez, dos espólios dos arquivos. Contudo, ainda que reservando algum espaço à hesitação que exige o rigor histórico, a tendência atual parece inclinar-se para aceitar a prioridade da versão portuguesa, como afirma Ivo Castro:

Quase todos aceitamos, hoje, que os romances franceses da Post-Vulgata arturiana tiveram uma única tradução na Península Ibérica, que essa tradução foi feita em português, no séc. XIII e que os textos em castelhano são dela derivados. Este modo de ver apoia-se na concórdia de resultados a que chega a colação dos principais testemunhos peninsulares existentes: os manuscritos portugueses do *José de Arimateia* e da *Demanda*, os fragmentos manuscritos de Salamanca e das duas Demandas de Toledo e de Sevilha impressas no séc. XVI⁵.

¹ A designação Pseudo-Boron resulta do facto de o autor atribuir a composição dos textos a Boron.

² Geoffrey of Monmouth (*Galfridus Monemutensis*) (ca. 1100 – c. 1155) – Monge beneditino, nascido no País de Gales. A sua principal obra é a *História Regum Britannia*, na qual usa elementos da literatura clássica, das lendas e genealogias galesas e principalmente da *Historia Britonum* de Nennius. A sua *História Regum Britannia*, da qual sobrevivem ainda mais de 200 manuscritos, teve efeitos de tal modo marcantes, que os trabalhos arturianos passaram a ser categorizados como pre- ou post-Galfridianos conforme sejam ou não influenciados pela sua obra. (Richard K. Emmerson, ed., 2006, *op. cit.* p. 246).

³ Bernart Ventadour – (ca.1145-1180) um dos mais célebres e mais imitados trovadores da Occitânia. Da sua produção lírica, caracterizada pela virtuosidade da música e linguagem melodiosa, temperada por um toque de nostalgia, existem ainda cerca de 40 canções. “Bernart de Ventadorn” – *ibidem*, p. 72.

⁴ Wace (ca. 1110-1174) – poeta normando de entre cujos trabalhos se destaca o *Roman du Brut*, um relato em verso da história da Inglaterra, onde inclui o rei Artur, tal como o fizera Geoffrey Monmouth. Contudo, Wace é o primeiro a mencionar a Távola Redonda e a designar a espada de Artur com o nome de Excalibur. [consultado em 26 de Janeiro 2013] no site: <http://en.wikipedia.org/wiki/Wace>

⁵ Ivo Castro, 2006, “*Fallar e a Tradição Peninsular da Demanda*”, página de Ivo Castro (FLUL/CLUL), [consultado em 10 julho 2012] no site: http://www.clul.ul.pt/files/ivo_castro/2006_Fallar.pdf, p.1.

É possível que a primeira tradução e prosificação da poesia de Boron a entrar em Portugal tenha sido feita ainda em França e trazida por aquele que viria a ser o rei Afonso III ou por membros do seu séquito. Contudo, parece-nos ser mais provável que tivessem antes trazido cópias dos manuscritos na língua original, pois a necessidade de traduzir só se teria imposto após a chegada à corte portuguesa, onde o público não entenderia as histórias, se lidas em francês. Este é também o entender de Ivo Castro, que partilha a tese que considera Joam Vivas, um freire de Santiago, como provável autor da primeira tradução em língua portuguesa¹. De uma ou outra forma, muitos são os que situam a data da chegada a Portugal da história de *A Demanda do Santo Graal* no reinado de Afonso III, o que nos parece muito plausível se atendermos ao percurso de vida do monarca.

O jovem infante Afonso, não sendo filho primogénito do então rei de Portugal, D. Afonso II, não fora preparado para ser rei, já que essa herança pertencia ao seu irmão Sancho. Partiu pela Europa e foi para a corte francesa, onde era rainha a sua tia, D. Branca de Castela, esposa de Luís VIII. Por morte do marido, e sendo o filho, Luís IX, menor de idade, Branca assume a regência do reino e, procurando assegurar fidelidades dentro dos seus feudos, casa o jovem sobrinho com Matilde II, a viúva do conde de Bolonha, apesar da diferença de idades entre os consortes. Afonso torna-se um homem rico e ganha o título nobiliárquico (conde de Bolonha) do qual lhe adveio posteriormente o cognome de *O Bolonhês*. Participa ao lado do primo em várias campanhas militares, nas quais evidencia a sua perícia como cavaleiro.

Entretanto, em Portugal, Sancho que, com apenas 13 anos de idade, subira ao trono após a morte de seu pai, mostra-se incapaz de resolver a crise económica; as convulsões sociais alastram e a sua política em relação ao clero colide com os interesses do Vaticano. O então Papa, Inocêncio IV, resolve interferir: emite a bula *Grandi non Immerito* na qual se refere a Sancho como *rex inutilis* e nomeia Afonso como Curador e Defensor do Reino e insta-o a regressar ao seu país a fim de assumir o controlo político em lugar do irmão, no que é obedecido com toda a prontidão². É lógico imaginar

¹ *Ibidem*.

² Como curiosidade, vale a pena referir que a prioridade de Afonso III não terá sido, porém, a resolução dos conflitos com a Igreja e que estes se mantiveram bem acesos durante todo o seu reinado. Desde logo porque Afonso deixa para trás a esposa Matilde e estabelece um acordo com Afonso X, de Castela para desposar a sua filha bastarda, Beatriz de Guzman, que à altura tinha apenas 9 anos. Como o casamento não podia ser consumado devido à idade da noiva, o acordo é firmado pelos dois reis sem grandes preocupações, porventura com a esperança que Matilde, mais idosa do que o seu cônjuge, viesse a morrer. Tal não sucede, o tempo passa e o rei português, já perto dos seus 50 anos, tem urgência de garantir prole legítima pelo que, no dia 28 de Fevereiro de 1259, desposa, de facto, Beatriz, que entretanto completara 13 anos e que, cerca de um ano mais tarde, dá à luz a primeira filha do casal. Justamente acusado de bigamia, Afonso mantém durante anos um braço de ferro com a Santa Sé para obter a anulação do primeiro casamento e o reconhecimento da legitimidade do segundo, e dos filhos entretanto nascidos, entre os quais o futuro D. Dinis. O Papa rejeita essa pretensão, exige-lhe que deixe Beatriz, excomunga-o e incita o povo à desobediência. As ordens do Papa são ignoradas pelo povo que gosta deste rei que estabeleceu limites aos abusos da nobreza sobre as classes desfavorecidas que antes da sua chegada vigoravam no reino. Afonso vai protelando qualquer decisão sobre os seus casamentos até que o assunto acaba por se resolver de forma natural, com a morte de Matilde. (para informação mais detalhada ver: José Mattoso, 2009, *Naquele Tempo – Ensaios de História Medieval*, Círculo de Leitores e Temas e Debates, pp. 518-545).

que neste regresso a Portugal, em 1245, o futuro rei se tenha feito acompanhar pelo seu séquito, do qual fariam parte jograis, menestréis, trovadores, tradutores e copistas que, por certo, contariam, leriam e escreveriam as histórias em voga em terras de França, de onde provinham, e que assim terão chegado a Portugal. A este propósito, diz Ivo Castro:

Seria inverosímil admitir que esse príncipe, [Afonso] por certo atento e culto tivesse vivido em França cerca de vinte anos, os anos da sua formação residindo tanto na literata corte de Branca de Castela como no seu próprio condado de Boulogne, situado em região de intensa atividade literária, sem ter lido, ou ouvido ler, ou ouvido falar, dos romance arturianos, quer na versão Vulgata, quer na Post-Vulgata, para mais tendo esta o carácter de novidade literária, acabada de compor nos anos terminais da sua estadia em França. Afonso III e os portugueses da sua companhia decerto conheceram estes textos e facilmente os podiam ter trazido para a Península, quando para aqui regressaram em 1245 ¹.

Outro dado de registo histórico que nos parece fazer corroborar a ideia de que o mundo da novelística arturiana estaria bem presente na vida do príncipe português e da corte onde foi educado é o facto de Afonso ter sido armado cavaleiro exatamente no dia de Pentecoste (13 de Maio de 1239)², data da realização da grande festa na corte de Artur. Seria apenas uma coincidência? Atrevemo-nos a dizer que não e a especular que a escolha da data terá acrescido simbolismo à cerimónia.

Numa época em que a Igreja Católica se empenhava em estabelecer o seu domínio e em que um ambiente de forte religiosidade se fazia sentir nas sociedades de quase toda a Europa em geral e, muito em especial, na península Ibérica, não é surpreendente que os cortesãos e o povo de Portugal sentissem simpatia por esta novela de cavalaria de pendor fortemente religioso, baseada no texto de Robert de Boron, ele próprio um clérigo e cristão convicto, ou não tivesse sido ele o primeiro escritor da literatura artúrica a associar o Graal ao cálice da Última Ceia, no qual José de Arimateia recolheu, depois, as últimas gotas do sangue de Cristo.

*

Outra questão é a do exercício do poder dentro das fronteiras do reino, onde D. Afonso procura controlar a escolha dos bispos e prelados, impede-os de cobrarem os dízimos e de utilizarem as verbas destinadas à construção de novas igrejas. Destrata publicamente vários clérigos, obrigando-os a trabalhar nas obras públicas, prendendo-os ou mesmo mandando-os executar. Para além de tudo isto, mostra-se adverso às fiscalizações dos enviados papais, como o prova a bula *Pertinet ad regiae* (27 Dezembro de 1251), enviada a Afonso III pelo Papa Inocêncio IV e na qual o rei é exortado a suspender a sua condenável ingerência nos assuntos eclesiásticos, como nos diz Patrícia Anne Odber de Baubeta, referindo-se ao texto *Fastos Episcopales II*, p. 39, in *Igreja, Pecado e Sátira Social na Idade Média Portuguesa*, INCM, 1995 (p. 84).

¹ Ivo Castro, 1983, *op. Cit.*

² Joaquim Veríssimo Serrão, 1979, *História de Portugal*, Vol. I – Estado, Pátria e Nação (1080-1415), Lisboa, Editorial Verbo, p. 134.

2. O Alcance social de A Demanda do Santo Graal

O Manuscrito de *A Demanda do Santo Graal* (ms. 2594 da Biblioteca Nacional de Viena), que sobreviveu até os nossos dias, é um pergaminho do século XV, cópia de um manuscrito de época anterior que, por sua vez, não seria ainda o original da tradução. No dizer de Heitor Megale¹ estima-se que este códice tivesse sido executado entre 1433 e 1438, durante o reinado de D. Duarte, o que permite desde logo afirmar que terá sido obra bem acolhida pelo público porquanto, de outra forma, não teria havido interesse em manuscrevê-la dois séculos após a sua chegada à península. Assim sendo, logo se nos impôs refletir sobre o seu valor pedagógico e o seu alcance social.

Um dos fatores chave para a aceitação de uma obra é o grau de identificação que ela consegue obter com o público leitor/ouvinte. Tal como Georges Duby, pensamos que para que uma obra fosse bem recebida “era preciso que o nó das intrigas que elas desenvolviam não apresentasse fortes discordâncias com as situações concretas de que o auditório tinha experiência”². Por conseguinte, se os nossos antepassados ouviam e se se identificavam com os heróis das histórias da demanda do Graal, por certo que os adotariam como modelos a imitar ou rejeitar na sua vida quotidiana.

“Numa época de grande falta de instrução o povo recebia as ideias e informações de duas fontes primárias, o púlpito e o menestrel itinerante”³, afirma Patrícia Baubeta. Tendo em conta que, durante o reinado de Afonso III houve longos períodos em que as igrejas estiveram sujeitas a interditos sentenciados pela Santa Sé, e ficavam proibidas de celebrar ofícios litúrgicos tais como casamentos, funerais ou até de rezar missa, menores terão sido as possibilidades para a população de ouvir o sermão do padre, deixando maior espaço para o discurso dos menestréis como veículo de transmissão de ensinamentos mais comum na corte ou nas feiras. Nesses ambientes, textos de teor mais religioso e de apelo ao regramento da sexualidade, como *A Demanda do Santo Graal*, competiam com outros de grande sucesso, como os das cantigas de amor e de amigo ou de escárnio e maldizer, cheias de malícias e mais ou menos encapotados sentidos eróticos. Diz-nos José Mattoso: “o discurso clerical, que condena a «carne» e faz da mulher o instrumento privilegiado do demónio, [convive] com o discurso trovadoresco que faz a apologia do sexo nas cantigas de escárnio e cultiva o erotismo nas de amor e de amigo”⁴.

Entre estes dois polos se situaria o paradigma comportamental dos nossos antepassados, sem esquecermos que diferentes grupos sociais teriam diferentes perspetivas da moral e da sexualidade,

¹ Heitor Megale, 2005 “A Demanda do Santo Graal – Tradição Manuscrita e Tradição Impressa”, in *Estudos Linguísticos* XXXIV, p. 135-140. [consultado em 20 dez 2012] no site <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/a-demanda-do-santo-graal-1573.pdf>

² Georges Duby, “O Modelo Cortês”, *op. cit.*, p. 336.

³ Patrícia Baubeta, *op. cit.*, p.119.

⁴ José Mattoso, *A Sexualidade na Idade Média*, *op. cit.*, p 23.

para além de que cada indivíduo na sua intimidade reagiria de forma distinta à norma veiculada pela igreja ou pelo poder político. Queremos com isto dizer que a aceitação teórica da norma e a sua observância prática podiam ser bem díspares, quer entre os leigos quer entre os membros do clero em cujo seio, por excelência, se procurava promover a abstinência sexual.¹

Não podemos medir, com exatidão, até que ponto terão as novelas de cavalaria, em geral, e *A Demanda do Santo Graal*, em particular, contribuído para reger os comportamentos das gentes, mas existem indícios que comprovam ter conquistado um importante espaço no imaginário dos portugueses e de nele ter perdurado ao longo dos tempos. Pela pena de Fernão Lopes, em finais do século XIV e princípios do seguinte, ficamos a saber que Nuno Álvares Pereira não só era apreciador da novela, como se empenhava em seguir o modelo de Galaaz.

NunÁlvares, além de ser para todos mesurado de sua natureza [...] lia amiúde livros de estórias, especialmente a estória de Galla, que fala da Távola Redonda. E porque nelas achava que por virtude de virgindade Gallaz realizara grandes e notáveis feitos, que outros realizar não podiam, desejava muito de o assemelhar em alguma guisa, e muitas vezes cuidava para si de ser virgem se lho Deus guisasse².

Estudiosos, como Lima de Freitas, projetam os efeitos da demanda do Graal bem para além das influências no campo das escolhas individuais ou dos valores a ser inculcados na sociedade. Para ele, toda a sociedade portuguesa foi tomada pela espiritualidade do Graal e só ela explicaria o grande esforço que significou a epopeia dos descobrimentos, na qual todo um povo se envolveu, saindo da sua pequenez e dispondo-se a enfrentar perigos e distâncias. Vendo por esta perspectiva, o mito do Preste João e a emergência dos Descobrimentos não seriam mais do que a continuação da demanda do Graal e nesta busca se alicerça o motivo profundo para a partida das naus Portuguesas, sob o impulso inicial de D. Henrique, governador da ordem de Cristo, e não apenas o propósito de explorar a costa africana ou descobrir o caminho marítimo para a Índia, com fins económicos e expansionistas³. Imbuídos de princípios associados ao imaginário cavaleiresco, mais concretamente ao da cavalaria espiritual, ao mesmo tempo guerreira e mística, os portugueses partiam em busca do Preste João das Índias⁴ e do seu reino, para onde o Graal teria sido levado após a destruição da

¹ Um exemplo de que a conduta clerical não seria tão conforme aos ideais preconizados pela Igreja, é o seguinte excerto do relatório de uma visitação a um mosteiro na diocese do Porto em 1313, bem depois, portanto, da data em que, como vimos, podemos situar a chegada da obra a Portugal, onde fica a nu que o abade pecou com várias mulheres. *Item invenimus quod abbat peccat cum pluribus feminis. Item quod abbas per forciam occupat hominibus de casalibus vinum et cornarios et alia et nihil solvit pro eisdem.* - Isaiás Rosa Pereira, “Para a história do Mosteiro de S. Pedro de Canedo”, *Arquivos do Centro cultural Português*, 5 (1972), pp 507-520. (p. 115) (citado por Patrícia Anne Odber de Baubeta, 1995, Igreja, Pecado e Sátira Social na Idade Média, INCM, p. 86).

² Fernão Lopes, *Cónica de D. João I*, capítulo 34, [consultado em 18 de Fev. 2013] http://www.azpmedia.com/espacohistoria/index.php?option=com_content&view=category&id=42&Itemid=106

³ Ver a este propósito: Freitas Lima, 2006, *Porto do Graal, A Riqueza oculta da tradição mítico-portuguesa*, Lisboa, Ésquilo & Multimédia.

Ordem do Templo. Assim sendo, era natural que os cavaleiros da Ordem de Cristo, herdeira da Ordem do Templo, o tentassem reencontrar.

Para entender esta dimensão transcendental, há que recuar ao reinado de D. Dinis, nascido e criado na corte de Afonso III, seu pai, a quem como vimos no início deste capítulo se associa a entrada em Portugal de *A Demanda do Santo Graal*. D. Dinis, o rei trovador, iniciado nos segredos da Ordem de Cristo, por ele criada para nela acolher os Templários em fuga às perseguições papais, é a mente que delineará o futuro do império, como tão bem diz Fernando Pessoa:

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo
O plantador de naus a haver,
E ouve um silêncio múrmuro consigo:
É o rumor dos pinhais que, como um trigo
De Império, ondulam sem se poder ver¹.

A partir de então, nascia o sentimento de que Portugal estaria na linha da frente no dealbar de uma nova era, na qual teria um papel fundamental na união dos povos e na propagação da mensagem cristã – a Era do Espírito Santo, de que já falara o abade filósofo, Joaquim de Fiore, no final do século XII. No primeiro quartel do século XIV, aproveitando a popularidade das “festas criadas por devotos ligados ao Franciscanismo espiritual que, nesta altura, circulavam pela Europa e também em Portugal”², D. Isabel, com o apoio do rei, seu marido, promove o culto do Espírito Santo, que tem a sua primeira cerimónia em Alenquer mas logo se alastra a todo o país e perdura até os nossos dias. É uma festa que tem lugar na altura do Pentecostes, tal como a grande festa da corte de Artur. Assim como o Graal se manifestou sobre os cavaleiros da corte, o Espírito Santo desce sobre os fiéis para trazer a renovação da vida e a força pacificadora que redime a alma e que consubstancia a fraternidade planetária. Vemos pois que em Portugal, tal como em muitas outras sociedades, a mística do Graal continua viva. O mito altera-se, adapta-se às crenças aos tempos e às circunstâncias, mas a sua transcendência é transversal às várias interpretações.

O conceito de Graal como vaso sagrado com propriedades especiais começou por ser uma apropriação da ideia original do caldeirão mágico, elemento recorrente nas antigas lendas do folclore celta, em cuja mística se vão inspirar muitas das histórias sobre o rei Artur. Como diz João Soares de Carvalho³, “Foi Robert de Boron que, nos albores do século XIII, desenvolveu os mitos da lenda

⁴ “A palavra designa tradicionalmente um Oriente longínquo onde começa a região do paraíso invisível.”, Freitas de Lima, *Op. cit.*, p. 39

¹ Fernando Pessoa, de “D. Diniz” in *A Mensagem*, 1986 – *Mensagem e outros poemas afins seguidos de “Fernando Pessoa e a ideia de Portugal”*, ed. António Quadros, Mem Martins, Portugal, Publicações Europa América.

² José Eduardo Franco e José Augusto Mourão, 2005 - *A Influência de Joaquim de Fiore em Portugal e na Europa. Escritos de Natália Correia Sobre a Utopia da Idade Feminina do Espírito Santo*. Lisboa, Roma editora.

³ João Soares de Carvalho – “José de Arimateia” in *História da Literatura Portuguesa – Das Origens ao Cancioneiro Geral*, 2001, ed. de Francisco Lyon de Castro, Lisboa, Publicações Alfa, p. 327.

Arturiana de um ponto de vista místico em volta do Graal.” Antes de Boron, já Chrétien de Troyes,¹ no seu inacabado *Conte du Graal* (escrito entre 1180 e 1190), usara o termo, para falar do recipiente do qual todos eram servidos à mesa do rei Pescador e que descreve como sendo de ouro cravejado com pedras preciosas, sem lhe atribuir, todavia, qualquer sentido religioso ou uma forma específica, deixando a ideia de que poderia ser um prato ou travessa. Outros autores imaginaram-no de forma diversa, por exemplo em *Parsifal* (escrito entre 1200-1210, já depois da história de Boron), Wolfram von Eschenbach, poeta alemão do século XII/XIII, fá-lo assumir a forma de uma pedra trazida do céu por anjos e aponta os Templários, com os seus trajes brancos decorados com uma cruz vermelha (a mesma que Galaaz ostentava, como insígnia, pintada sobre o campo branco do seu escudo)² como guardiões do Graal, por certo, mais um exemplo de adaptação da literatura à realidade da sociedade que então se procurava mobilizar para as cruzadas.

Percorrendo o tempo até aos nossos dias, constatamos que a significação, a grafia, a forma e a matéria de que é feito o Graal não deixaram de estar envoltas em mistério e em apaixonantes especulações, como o demonstram o sucesso de bilheteira do filme *A Última Cruzada de Indiana Jones*, em que o herói tem que escolher o verdadeiro Graal de entre uma parafernália de recipientes, ou a ávida leitura e as subsequentes inflamadas controvérsias à volta do *Código Da Vinci*, de Dan Brown, onde o Graal assume uma simbologia uterina, e assim de feminino, como recetáculo, desta vez realmente gerador de vida; a vida da linhagem de Cristo, preservada no ventre de Maria Madalena. Não deixa de ser irónico que o Santo Vaso, no princípio interdito às mulheres, cujo corpo físico podia levar à perdição a alma dos cavaleiros, se transformasse, ele mesmo, nesse corpo, agora sagrado, numa reviravolta decerto impossível de conceber no ideário dos homens e mulheres, nossos antepassados, que nesse passado distante, apreciaram *A Demanda do Santo Graal* cujo texto passamos a analisar.

¹ Chrétien de Troyes viveu na segunda metade do século XII e foi o escritor da literatura francesa que mais contribuiu para o florescimento do romance arturiano com as suas cinco obras em verso, dedicadas a esta temática: *Erec et Enide*, baseada no conto do folclore galês *Geraint and Enid*; *Cligés et Yvain*, uma história de amor de contornos idênticos à de Tristão e Isolda; *Lancelot ou Le Chevalier de la Charrete*, romance em que encontramos a primeira descrição pormenorizada de Camelot e em que aparece, pela primeira vez, nas lendas arturianas, a personagem de Lancelot bem como a sua relação com Guinevere. Admite-se, no entanto, que a ideia deste romance tivesse sido inspirada nos escritos de Marie, Condessa de Champagne (filha de Leonor de Aquitânia), sua patrona. Esta obra foi abandonada por Troyes, ignorando-se a razão para tal opção, vindo mais tarde a ser concluída por Godefroi Leigny. O quarto romance de Troyes, *Le Chevalier au Lion*, é uma história em que o herói está dividido entre o amor pela esposa, Laudine, e pela cavalaria. Nas suas aventuras, o herói salva um leão que a partir daí sempre o acompanhará; *Perceval ou, Le Conte du Graal* é a última obra, que não chegou a concluir e em que conta a história de Perceval, que após ter passado uma infância isolado do mundo, apenas na companhia da mãe que o quer afastar da vida de cavaleiro para evitar que tenha o mesmo fim trágico do pai e irmãos. Um dia acaba por partir à descoberta do mundo para se tornar cavaleiro, passando por várias aventuras, incluindo a visita ao castelo do rei Pescador, onde assiste à procissão do graal. Daniel, Mersey, 2004, *op. cit.* p.75 ou Mike Ashley, 2005, *The Mammoth book of King Arthur*, New York, Carroll & Graf Publishers, pp. 407, 408, 415, 416.

² A mesma cruz vermelha que levaram depois as naus portuguesas nas suas velas.

II. A Mulher no Reino Aventuroso de Artur

– Representações do feminino em *A Demanda do Santo Graal*

Partamos em busca da presença feminina, ao lado dos valorosos cavaleiros andantes, principais protagonistas desta história, que mais ou menos cortesês circulam pelos caminhos do reino de Logres, encontrando-se e separando-se ao sabor do acaso, num labirinto de caminhos que se cruzam ou se afastam, que penetram florestas densas ou atravessam rios e lagos. Todos estes caminhos passam por castelos fortificados, por abadias e igrejas, por humildes cabanas e ermitérios, que surgem, oportunamente, ao cair da noite, para lhes dar guarida e oferecer descanso ou para lhes permitir encontrar quem lhes cure as feridas e, nos casos mais extremos, quem os sepulte. É neste ambiente, tão ao gosto do imaginário medievo, que se cruzam com mulheres, de um modo geral anónimas, que habitam esses locais ou que se deslocam pelos mesmos caminhos, quase sempre montadas em palafréns, sós, ou acompanhadas por um escudeiro ou por um cavaleiro de menor importância, para pedir-lhes ajuda, dar-lhes novas, adverti-los sobre perigos iminentes para os seus corpos e para as suas almas, ou para conduzi-los ao local da próxima luta ou aventura.

1. *Donzelas mensageiras*

*La damē entra al palais;
Unques si bele n'i vient mais.
Devant le rei est descendue
Si que de tuz iert bien veüe.
Sun mantel ad laissié chaeir,
Que meuz la puissent veer.*

Marie de France, *Lanval*

As mensageiras são um tipo de representação do feminino bastante frequente no texto de *A Demanda do Santo Graal*. São mulheres que viajam sem constrangimentos, de um modo geral, sem a escolta de qualquer cavaleiro ou escudeiro que as possa proteger de alguma ameaça. Elas parecem mover-se envoltas por uma aura de intocabilidade, ao contrário do que acontece com as outras figuras femininas que estão sempre na iminência de sofrer algum agravo. Os seus percursos, ou os escolhos que neles possam surgir, jamais são mencionados. Chegam e partem na hora mais oportuna, contam segredos do passado ou revelam pormenores do que está por vir e, não obstante o facto de o seu nome raras vezes ser referido, o seu papel é crucial para o desenrolar dos acontecimentos, já que

são elas a conduzir os cavaleiros aos locais onde as aventuras deverão acontecer ou onde os mistérios serão revelados. Por vezes, como veremos, incitam os cavaleiros a tomar atitudes controversas e levam-nos a confrontar-se a si próprios com questões embaraçosas ou até mesmo irresolúveis.

A dama de companhia de Amida

A primeira ocorrência feminina nesta história do Santo Graal é, precisamente, uma donzela mensageira, *mui fremosa e mui bem vestida*, (DSG, p.19) que chega ao paço de Artur, na véspera de Pentecostes, quando a corte se prepara para iniciar os festejos dessa data. Vem à procura de Lancelot para que ele a acompanhe através de uma floresta de Camaalot. Sendo o Pentecostes uma das mais importantes celebrações da corte de Artur, momento em que todos os cavaleiros deviam estar presentes para narrar, perante todos, os seus feitos de cavalaria, a donzela, temendo que o cavaleiro se recuse a abandonar o paço real, apressa-se a prometer-lhe que não lhe tomará muito do seu tempo e que poderá estar de volta no dia seguinte à hora da refeição¹. Entretanto, ao reconhecê-la como uma das damas de companhia de Amida, filha do rei Peles, Lancelot *recebeu-a mui bem e abraçou-a*. (DSG, p.19). Alegria-o encontrá-la e agrada-lhe também podê-la servir, pois é mais uma oportunidade para cumprir o seu dever de cavaleiro andante. Depois de uma breve troca de cordialidades, Lancelot parte com a jovem, apesar da tristeza que isso causa ao rei.

Ao sair, encontram duas outras donzelas e dois cavaleiros que os esperam. A mensageira que fora buscar Lancelot diz aos companheiros ter conseguido cumprir a sua missão – trazê-lo consigo. Partem todos juntos e guiam Lancelot através da floresta até o convento onde Galaaz será feito cavaleiro. Esta é a única intervenção da donzela e dos seus companheiros.

Tudo acontece sem sobressaltos e, após a cerimónia, Lancelot volta à corte, tal como a jovem lhe havia prometido.

*

A mensageira do eremita

No momento em que Galaaz acabou de retirar a espada da pedra e toda a corte, ainda mal refeita da surpresa, se encontra reunida à sua volta, aproxima-se outra mensageira, cavalgando junto ao rio sobre um palafrem branco. Ao chegar, diz a Lancelot que a honra de ser o melhor cavaleiro já não lhe pertence pois Galaaz é agora o detentor desse título. É como se anunciasse o início do declínio do cavaleiro que, na verdade, durante grande parte da narrativa se mantém uma figura

¹ Nas obras da literatura arturiana é comum assistirmos à reunião de todos os cavaleiros e damas no grande salão da corte para a principal refeição do dia, que nunca deverá ser servida senão depois de algum dos presentes contar uma aventura. De Lancelot, principal cavaleiro do reino, esperar-se-ia a narrativa de grandes feitos e por isso a sua presença seria crucial.

pouco condicente com o prestígio que a fama lhe atribui. Só no final, quando o reino se levanta em guerra é que Lancelot recuperará a sua ferocidade e valentia.

Antes de partir, a donzela dirige-se ao rei Artur a quem diz vir como mensageira de um eremita anunciar-lhe que na sua corte acontecerá algo de maravilhoso e, sem dar mais explicações, parte deixando todos em curiosa expectativa.

[...] e muitos houvera i que quiserom mais saber dela, mas nom quis ficar por rogo de niũũ nem dizer mais de sua fazenda. (DSG, p. 33)

([...] e muitos dos que ali estavam queriam que ela lhes dissesse mais, mas por pedido de nenhum aceitou ficar, nem algo mais dizer sobre o que sabia.)

*

A donzela Feia

Outra mensageira que chega à corte de Artur é a donzela Feia (Laida) – dotada de presciência, ela vem tentar impedir o mal que esta campanha em busca do Santo Graal desencadeará. Entra no paço quando já todas as mulheres choram, nos aposentos da rainha, a partida dos cavaleiros enquanto eles, por seu lado, estão eufóricos com a ideia de partirem à aventura¹. A donzela traz consigo uma espada com a qual pretende revelar ao rei Artur o nome do cavaleiro que deverá ser impedido de partir na demanda. Para tal, o rei deve ordenar a todos os cavaleiros presentes que segurem a espada e a retirem da bainha, o cavaleiro em cuja mão a espada se cobrir de sangue não deve tomar parte na demanda, porque, se o fizer, muitos cavaleiros e fidalgos morrerão às suas mãos e o reino será levado à destruição, tal a dimensão da sua ação destruidora.

[...] Sabede que esta espada, que ora veedes tam fremosa e tam limpa, será toda tinta de sangue caente e vermelho tanto que a tener na mão aquel que fará a maravilha de matar cavaleiros ca ele fez em esta demanda mais que outrem. Esta espada trouve eu aqui pólo conhecerdes e pólo fazerdes ficar [...] (DSG, p.38)

([...] Sabei que esta espada, que agora vedes tão formosa e tão limpa, ficará toda tinta de sangue quente e vermelho assim que a tenha na mão aquele que fará a façanha de matar cavaleiros, porque ele o fará nesta demanda mais do que qualquer outro. Esta espada trouxe-a eu aqui para o conhecerdes e para que o façais ficar...)

Todos aceitam passar pela prova e o prodígio acontece quando chega a vez de Galvam. O rei acredita que a visão do sangue é prenúncio de desgraça e proíbe-o de partir, mas ele contrapõe,

¹ Após o primeiro vislumbre das maravilhas do Graal, todos querem voltar a viver as mesmas sensações de forma mais plena e mais perene. Este partir em busca de algo maravilhoso e inexplicável, portador de delícias inenarráveis resulta da apropriação de uma temática das lendas da antiga tradição celta em que, num primeiro momento é permitido ao herói experienciar um breve indício do maravilhoso, que o incitará à busca incessante, passando por todas as dificuldades possíveis. Cf. Laura Paes de Vasconcelos, Do Immrama Brian Mac Febal ao Conto do Amaro”, in *Matéria da Bretanha em Portugal*, 2001, Lisboa, edições colibri pp.177, 178.

argumentando que o rei está sob o feitiço da donzela e que a sua honra de cavaleiro ficará manchada se não tomar parte na demanda. Abandona o paço, furioso, não sem antes devolver a espada à donzela Feia. Esta insiste com Artur para que não deixe o sobrinho tomar parte na demanda do Santo Graal e ele sossega-a afirmando que Galvam não se atreverá a desobedecer-lhe.

[...] *nom será tam ousado que o prove ca bem lho defendi eu e vós o ouvistes. (DSG, p.40)*

([...] não será tão ousado que o tente pois bem lho proibi e vós o ouvistes.)

A donzela agradece e parte, levando a espada. Ela viera oferecer ao rei a possibilidade de escolher o rumo para o destino do seu reino, mas, apesar de dar mostras de acreditar no presságio anunciado, ele desperdiça a oportunidade. Como encarar esse comportamento? Que tipo de valores deveria predominar nas atitudes do rei para o narrador e para a sua audiência?

À primeira vista, poderíamos entender a passividade do rei como um sinal de pouca autoridade, de falta de sageza ou de excesso de confiança nos seus homens. Se assim não fora, podia ter mandado prender ou, pelo menos, vigiar Galvam para impedir que fugisse. Porém, afigura-se-nos que a ideia de rei fraco não seria comum no imaginário, nem na experiência de vida dos nossos antepassados medievos, e não seria, por conseguinte, essa imagem que o narrador quereria transmitir. Daí pensarmos que Artur, protótipo da figura soberana no topo da hierarquia feudal, é posto a agir dessa forma, aparentemente passiva, não para demonstrar a sua fraqueza, mas antes para sublinhar as terríveis vicissitudes que enfrenta quem tem a tarefa de governar. Para além disso, no ideal cavaleiresco a honra da cavalaria deveria sobrepor-se a tudo o resto e, por isso, é inevitável que Galvam parta com os outros companheiros pois, se não o fizesse, seria considerado cobarde e mau cavaleiro, o que traria vergonha, não só para si mas também para o próprio rei, que é da sua linhagem. Enfraquecida e aviltada a imagem do rei e desacreditado o seu poder logo se seguiria a queda do reino. De uma forma ou de outra, Artur está perante uma inevitabilidade. Por fim, poderíamos ainda considerar que, num mundo de marcada ascendência masculina, muito mal ficaria se a determinação dos cavaleiros de partir em busca de glória fosse travada pela palavra de uma mulher, ainda que a sua veracidade tivesse sido atestada por uma manifestação sobrenatural.

Por muito impressionante que tenha sido a cena da espada ensanguentada, o facto é que Galvam não obedece à proibição do tio e sai do paço de forma furtiva, temendo que, se ficasse para sair com os outros, o rei não lho permitisse. De manhã bem cedo, antes que alguém o veja, arma-se e vai para a floresta onde aguarda a passagem dos cavaleiros para então se lhes juntar.

A donzela Feia volta a aparecer alguns episódios adiante, no castelo onde os cavaleiros passam a primeira noite depois de saírem de Camaalot. Galvam está entre eles e ela volta a insistir:

- *Galvam, Galvam, cavaleiro desleal, como és tam ousado que nesta demanda queres ir quando sabes que tanto mal end'averrá! [...] Sabe que dom Galaaz [...] nom fará tanto bem a esta*

demanda como tu farás de mal ca tu per tua mão [...] matarás XVIII destes teus companheiros. (DSG, p.48)

(- Galvam, Galvam, cavaleiro desleal, como tens a ousadia de nesta demanda queres ir quando sabes que tanto mal por isso advirá! [...] Fica sabendo que Dom Galaaz, [...] não fará tanto de bem nesta demanda quanto tu farás de mal, porque tu, com a tua mão [...] matarás 18 destes teus companheiros.)

Numa última tentativa, a donzela faz um apelo ao rei Bandemaguz, que elogia como sendo o homem mais sensato e sábio de Logres, e anuncia-lhe que ele próprio será uma das vítimas mortais de Galvam bem como Partrides, o seu sobrinho, e ainda Erec e Ivam.

Dito isto, abandona o paço deixando os presentes sem saber em que acreditar, mas logo a chegada de um cavaleiro os vai distrair e fazer esquecer a questão. A donzela Feia é também esquecida.

*

A donzela do palafrém negro

Uma donzela cavalga o seu palafrém negro, em busca de um cavaleiro andante que possa ir em auxílio de dois cavaleiros feridos que encontrou caídos no caminho, ao lado de uma donzela decapitada. O primeiro com quem se cruza é Galaaz a quem conta sobre o seu achado e ele dirige-se, de imediato, para o local onde a donzela lhe diz estarem os três corpos¹.

*

A irmã de Ivam de Cenel

Esta personagem surge em vários capítulos e será o elo que conduz às mortes de Partrides e do rei Bandemaguz às mãos de Galvam, tal como fora anunciado pela donzela Feia.

A irmã de Ivam de Cenel viaja com os seus escudeiros em busca do irmão, indo encontrá-lo, já morto, num castelo em cuja entrada se podia ler que a linhagem do rei Artur não era ali bem-vinda.

[...] que niuu do linhagem de rei Artur seja ousado de entrar dentro; ca se i soo entrar e soo for, todo o mundo nom no guorecerá de per morte. (DSG, p.104)

([...] que ninguém da linhagem do rei Artur seja suficientemente ousado para aqui entrar; porque se vier só, e se entrar só, nem todo o mundo junto poderá impedir a sua morte.)

Todo este ódio surgira como consequência da morte de Lamorat, assassinado, de forma traiçoeira, por Galvam.

¹ Cf. A donzela de Amador de Belrepaire.

Ivam e Galvam, que cavalgavam juntos, haviam passado pelo castelo e visto o aviso. Acicatado pelo desejo de aventura, Ivam quisera entrar enquanto Galvam, agindo como cobarde e sabendo bem das suas culpas, optara por seguir caminho, não se atrevendo a enfrentar as gentes do castelo. Ivam, pelo contrário, achou que o medo da morte não o deveria impedir de enfrentá-los e entrou, sendo de imediato cercado e atacado. Depois de muito maltratado, foi atirado para uma cova, ao lado da sepultura de Lamorat, e coberto de lenha à qual atearam fogo.

Pouco depois de se afastar do castelo, Galvam cruza-se com a irmã de Ivam a quem informa onde se encontra o irmão, omitindo, porém, quaisquer pormenores que o possam comprometer.

[...] *Ide a ũũ castelo que é daqui a ũa légoa pequena e i o acharedes [...]* (DSG, p.107)

([...] Ide a um castelo que fica a uma pequena légua daqui e encontrá-lo-eis [...])

É um encontro muito cortês, que em nada a deixa suspeitar o que entretanto acontecia no dito castelo. Enquanto ela agradece a informação e manifesta a sua alegria por saber do paradeiro do irmão, Galvam, com todo o cinismo, oferece-lhe os seus préstimos, como o mais galante dos cavaleiros.

E ele [Galvam] a catou e conheço que era irmãã de Ivam de Cenel, e disse-lhe que lhe faria serviço e honra em todas as guisas que pudesse. (DSG, p.107)

(E ele [Galvam] olhou-a e reconheceu que era a irmã de Ivam de Cenel, e disse que lhe prestaria honra e serviço de todas as formas que pudesse.)

Quando a donzela chega ao castelo, depara-se com um cenário de horror com as chamas ainda incandescentes sobre o corpo do irmão. Ao inteirar-se do que se havia passado, fica desesperada de dor e de raiva, ao compreender o quão malvado fora Galvam, culpado de toda aquela desventura e que de modo tão hipócrita lhe indicara o caminho para o castelo onde o irmão sofria tão duras sevícias. A partir dali, empenha-se em procurar quem o vingue, o que a vai levar a ser o motor das duas mortes anunciadas. A primeira pessoa que encontra é Partrides que está ferido, em consequência de uma luta que travara contra o filho do rei Uriam. Ignorando o seu sofrimento, a donzela exige-lhe que enfrente Galvam, condenando-o a uma morte certa, devido à sua fragilizada condição física. A jovem convence-o a lutar, sem nunca referir o nome do cavaleiro traidor, decerto porque, se o dissesse, Partrides não quereria lutar contra outro cavaleiro da Távola Redonda, pois estaria a transgredir uma das mais elementares regras de cortesia entre dois companheiros e cuja importância se sobreporia à regra de nenhum cavaleiro poder recusar auxílio a uma donzela em apuros.

Partrides e a donzela caminham no encalço de Galvam e vão encontrá-lo junto a um eremitério onde pretende passar a noite, e ali se desenrolará a luta entre os dois. Vendo que Partrides

está à beira da morte, a donzela tenta impedir que o pior aconteça e grita para Galvam que aquele contra quem luta pertence à Távola Redonda, mas o argumento não trava o enraivecido cavaleiro que acaba por cortar a cabeça a Partrides. Assim que termina este momento de grande tensão dramática, o vilão Galvam tem um súbito ataque de cortesia inusitada: a irmã de Ivam de Cenel prepara-se para deixar o local da cruel matança e ele convida-a a pernoitar no eremitério onde ele próprio se tenciona abrigar, porque é hora de recolher.

E el lhe rogou que ficasse, que já era tempo. (DSG, p.111)

(E ele pediu-lhe que ficasse porque já era hora [de recolher].)

Ela recusa o convite e parte, ameaçando-o que irá à corte contar ao rei Artur todas as crueldades em que ele tem estado envolvido.

No dia seguinte, manhã cedo, Galvam deixa o eremitério, temendo a chegada de alguém da parte do rei que descobrisse *o que ele fizera com Partrides. (DSG, p.111)* As feridas da luta com Partrides fazem-no sofrer e por isso cavalga até a casa de um amigo onde permanece algum tempo até estar curado. Quando retorna ao seu caminho, encontra Alaim, que cavalga com lentidão por estar ferido, e decidem prosseguir juntos. Encontram a irmã de Ivam de Cenel, acompanhada pelo rei Bandemaguz (tio de Partrides), a quem entretanto contara como o sobrinho fora morto às mãos de um cavaleiro traidor, mas, tal como antes sucedera, omite o nome de quem o matara. Ela quer vingança e sabe que se disser que foi Galvam, Bandemaguz não quererá lutar por serem ambos da Mesa Redonda. Quando se encontram, a donzela indica o cavaleiro que matou Partrides e o rei Bandemaguz logo o ataca. Desenrola-se uma luta feroz até à chegada de Estor, que apreciando a destreza dos dois cavaleiros, suspeita serem ambos da Mesa Redonda e leva-os a interromper o combate. Quando todos desvendam as suas identidades e a donzela, enfim, revela o nome do assassino, Bandemaguz e Estor desconfiam dela e preferem acreditar em Galvam que, de forma convincente, nega ter cometido as atrocidades de que é acusado e jura ter lutado contra Partrides apenas por desconhecer quem ele era.

– Ai senhor, disse Galvam, par Deus, nom creades esta donzela, ca antes eu querria haver a cabeça talhada ca taes feitos fazer quaes ela conta. (DSG, p.116)

(- Ai, senhor! Por Deus, disse Galvam, não acrediteis nesta donzela porque mais queria que me fosse cortada a cabeça do que fazer tais feitos como ela os conta.)

Bandemaguz ainda hesita, mas recusa-se a prosseguir a luta depois de descoberta a identidade do seu opositor e abandona o local, dizendo que se Galvam fez aquilo de que é acusado, Deus se encarregará de o castigar. A donzela parece confiar menos na vingança divina e avisa-o que não descansará até que o veja morrer de morte cruel. Bandemaguz vem mais tarde a morrer às mãos de

Galvam, depois de um combate que dura um dia inteiro. Antes de morrer, Bandemaguz perdoa o seu adversário que, nesse momento, se mostra triste e pesaroso por ter causado a sua morte.

Quanto à irmã de Ivam de Cenel, volta a ser mencionada bastante mais adiante, para dizer-nos da sua presença na corte de Artur, onde foi para contar como Galvam deixara morrer o irmão, e como matara o rei Bandemaguz. Todos ficam muito pesarosos e o rei Artur decide que Galvam deve perder o seu assento na Távola Redonda. Porém, a verdadeira vingança da donzela acontece bem mais tarde e não por intervenção de outro cavaleiro ou de força de armas, mas sim de forma muito mais subtil, ainda que não menos pungente. Quando Galvam regressa do Castelo de Corberic, onde forças invisíveis e misteriosas o impediram de entrar no Paço Aventuroso para ver o Santo Graal, a irmã de Ivam surge na sua frente e aproveita a oportunidade para amesquinhá-lo perante todos, dizendo-lhe que devido à crueldade das suas ações jamais poderá aspirar a entrar no Paço Aventuroso, onde outros, cujos nomes cita, entrarão para desfrutar das maiores venturas que a ele estão vedadas.

- Galvam, Galvam! Ora parecem vossas más obras! Muito mal haveis feito em esta demanda e muito bom cavaleiro mataste a azeite e a traição. [...] Galvam não respondeu a quem que a donzela dissesse, como aquele que se sentia culpado de quanto ela dizia [...] (DSG, p.408)

(- Galvam, Galvam! Assim ficam a descoberto as vossas más obras! Muito mal haveis feito nesta demanda e muito bom cavaleiro matastes por crueldade e à traição. [...] Galvam nada respondeu ao que a donzela dizia, como quem se sentia culpado pelo que ouvia [...])

Galvam sente-se envergonhado e embaraçado perante os cavaleiros que o acompanham e que testemunharam o sucedido e está desolado pois acabou de tomar consciência que Deus não lhe permitirá ganhar qualquer honra na demanda do Santo Graal. Ao confrontá-lo com o facto de que de nada lhe vale esconder as maldades que pratica, porque Deus as dará conhecer, a donzela fá-lo sofrer, não fisicamente, mas atingindo-o no âmago do seu orgulho de cavaleiro, humilhando-o aos olhos de todos e assim ganhando a sua vingança.

*

A donzela que se queria vingar do cavaleiro negro

Estor tem um encontro muito breve com uma donzela, sobre a qual nada sabemos, para além de que o seu irmão fora morto junto a uma fonte, pelo cavaleiro das armas negras (Palamedes) que, com a sua matilha de cães, andava a perseguir a Besta Ladrador. A donzela vem num grande pranto, mas Estor não mostra qualquer compaixão ou interesse em saber o motivo da sua dor. Ele tem urgência de encontrar Palamedes para vingar Alaim, o Branco, que encontrara moribundo em

consequência de uma luta contra o cavaleiro da Besta Ladrador, e nesse objetivo foca toda a sua atenção.

A donzela conta-lhe como o irmão fora também vítima daquele mesmo cavaleiro e indica-lhe o caminho. Estor parte sem mais demora, prometendo-lhe que em breve a morte do irmão será vingada o que, no entanto, não virá a suceder porque Estor é derrubado por Palamedes que depois da luta, num gesto de cortesia, o deixa partir. Sobre a donzela, nada mais saberemos. A razão do seu aparecimento no desenrolar da história é apenas indicar a Estor o caminho que o levará até a luta com Palamedes, na qual se evidencia o valor e a cortesia do cavaleiro pagão.

*

A donzela que informa Galvam sobre a morte de Gaariet

Galvam e Estor cavalgam juntos, quando se cruzam com uma donzela que lhes traz novas da luta em que Gaariet, irmão de Galvam, teria sido morto. Ela viaja na companhia de um escudeiro e, quando Galvam a saúda e pergunta se tem notícia sobre algum dos cavaleiros da Távola Redonda ela responde:

- Nom sei, disse ela, fora que vi ontem vencer uu cavaleiro e era mui boo cavaleiro de armas e de gran nomeada e chamavam-no Gaariet. (DSG, p.120)

(- Nada sei, disse ela, senão que ontem vi ser vencido um cavaleiro, muito bom no manejo das armas e de grande prestígio a quem chamavam de Gaariet.)

Informa-os também sobre o local onde a luta fora travada e logo Galvam, destroçado pela ideia de alguém ter matado o irmão, decide dirigir-se para lá.

Este encontro determina uma alteração do percurso dos dois cavaleiros que se esquecem da capela para onde iam, para ir em busca de Gaariet. Perdem-se, mas o destino acaba por os levar à mesma capela para onde antes se dirigiam. A intervenção da donzela serve para dar notícia da luta em que Gaariet fora derrotado, junto à Fonte da Cura, da qual voltaremos a falar mais adiante¹.

*

A donzela da Floresta Gasta

Um dia, vindo Lancelot a cavalgar pela Floresta Gasta, aproxima-se de uma fonte que nasce junto a um carvalho, para nela saciar a sede. Depara-se com um corço que ali se refresca e decide matá-lo. Mal acaba de o fazer, surge uma formosa donzela que lhe pede a concessão de um dom.

¹ Cf. Guardiã da Fonte da Cura

Como bom cavaleiro, sempre pronto a satisfazer uma dama, Lancelot assente de imediato sem questionar o que ela lhe irá pedir.

[...] *Pois ora me dade este corço, ca por al nom viim eu aqui. (DSG, p.177)*

([...] Pois dai-me este corço, porque por outro motivo aqui não vim.)

Lancelot está esfaimado, porque há já vários dias que andava perdido pela floresta, sem encontrar qualquer alimento e implora à jovem que lhe deixe ao menos um pouco do corço, apenas o necessário para matar a fome. Como ela recuse, pede-lhe então que o leve até onde possa encontrar comida. Ela torna a recusar e, informando-o que só encontrará comida e pousada quando a Deus assim aprover, o que não será tão cedo, afasta-se a galope, levando o veado sobre o dorso do cavalo. Lancelot fica a pensar que a donzela está apenas a querer assustá-lo e tenta alcançá-la com o intuito de reforçar o seu pedido, convencido que ela acabará por ajudá-lo.

[...] *quando a acalçasse, que a rogaria tanto até que o chegasse a alguun logar u achasse conforto de sua lazeira. (DSG, p.178)*

([...]quando a alcançasse, pedir-lhe-ia muito até que o levasse a algum lugar onde achasse conforto para o seu cansaço.)

Todavia, não tornará a encontrar a donzela e o destino guiará os seus passos para outras provações que, tal como a fome do episódio acima referido, simbolizam a penitência que terá que suportar para conquistar o direito de alcançar o Santo Graal. Neste momento da narrativa o cavaleiro não mostra estar ainda consciente das exigências divinas pois não leva a sério as advertências da donzela, surgida no seu caminho para o ajudar a compreender que só depois de grandes provações poderá almejar submeter-se à decisão de Deus que julgará se ele será digno de atingir a plenitude do Graal que tanto anseia.

*

Uma donzela cautelosa

Um dia, nas encruzilhadas de Logres, Persival depara-se com uma Donzela formosa que chora junto a um cavaleiro ferido. O cavaleiro é Gansonais e ficara ferido por a ter defendido de um grupo de cavaleiros, liderado pelo primo da jovem que a quer prender para lhe tomar as terras. Apesar da ameaça que o primo representa, ela pretende atravessar a floresta para ir a um castelo onde tem o irmão doente e, para tal, precisa de cavaleiros que a consigam proteger e garantir a sua passagem até ao irmão. Um primeiro grupo de dez cavaleiros fora dizimado por Gansonais, mas o primo da jovem, o único que sobrevivera à contenda, fora buscar reforços. Como Gansonais

estivesse em grande sofrimento, Persival oferece-se para acompanhá-la. Ela começa por recusar, pois não acredita estar em segurança, se tiver apenas um único cavaleiro por escolta. Depois, porém, por insistência de Gansonais, acaba por aceitar. Pelo caminho cruzam-se com Galaaz e, logo que a donzela toma conhecimento que ele é o melhor cavaleiro do mundo, quer dispensar Persival porque diz sentir-se mais segura na companhia de Galaaz. Este recusa-se a tomar a empresa iniciada pelo companheiro, pois não quer violar o que exigem os preceitos da cavalaria. A donzela critica esses mesmos princípios, recorrendo a uma argumentação engenhosa para o convencer a acompanhá-los, demonstrando conhecimento dos deveres do cavaleiro.

- *Ai, Deus! Como hoje é abaixada e tornada a nemigalha a cavalaria! Senhor, que faram daqui avante as donzelas deste reino? Como acharam ajuda nos cavaleiros do mundo quando o melhor cavaleiro do mundo me falece da ajuda aa maior coita que eu nunca ouvi?*

- *Donzela, disse Galaaz, eu não vos faleço, ca se eu filhasse o que este cavaleiro começou faria a maior vilania do mundo.*

- *Vilania? disse ela, ante seria gram cortisia, e dir-vos-ei como. Nom sodes vós teúdo de ajudardes as donzelas estranhas assim como as conhçadas?*

- *Si, disse el.*

- *E se algũũ dos vossos companheiros começa cousa que nom pode acabar, nom sodes vós teúdo de lhe fazerdes ajuda de todo vosso poder?*

- *Si, disse Galaaz.*

- *Pois digo-vos, disse ela, que há mester de irdes depôs nós, ca eu sei bem que de ãũ castelo que acá adiante está sairám bem X cavaleiros que me querrám prender. Si virem que dom Persival vai soo, e se ele soo for, como partirá dantre eles que nom seja morto ou preso? Vós, que sodes o melhor cavaleiro do mundo, certamente se X cavaleiros vos cometessem e vós vos pudéssedes defender, siria um grande cousa; pois que fará el se nam seer i morto ou preso ca mais de X cavaleiros o cometerám? E eu serei presa e desonrada e todo este mal virá por vosso fiamento. Ca se vós nos quiséssedes ajudar a esta hora, el ficaria são e ledó e eu leda. (DSG, p.188)*

(- Ai, Deus! Como está hoje fraca e reduzida a nada a cavalaria! Senhor, que farão daqui em diante as donzelas deste reino? Como encontrarão ajuda nos cavaleiros, quando o melhor cavaleiro do mundo me falha na ajuda à maior aflição de que já ouvi?)

- Donzela, disse Galaaz, eu não vos falho, porque se eu tomasse o que este cavaleiro começou, faria a maior vilania do mundo.

- Vilania? disse ela, antes seria grande cortesia, e dir-vos-ei porquê. Não vos é devido ajudar as donzelas desconhecidas bem assim como as conhecidas?

- Sim, disse ele.

- E se algum dos vossos companheiros começa coisa que não pode levar a cabo, não vos é devido prestar-lhe ajuda em tudo o que puderdes?

- Sim, disse Galaaz.

- Pois digo-vos, disse ela, que é preciso que venhais connosco, porque eu sei bem que, de um castelo que fica aqui adiante, sairão uns 10 cavaleiros que me quererão prender. Se virem que dom Persival vai só, e se ele só for, como conseguirá no meio de todos eles não ser morto ou preso? Vós, que sois o melhor cavaleiro do mundo, certamente, que se os 10 cavaleiros contra vós acometessem e vós vos conseguísseis defender, seria um grande feito. Mas assim, que poderá acontecer, senão ser ele morto ou preso, porque mais de 10 cavaleiros contra ele acometerão? E eu ficarei presa e desonrada e todo este mal me acontecerá por causa da vossa confiança. Porque, se nos quisésseis ajudar nesta hora, ele ficaria são e contente, e eu ficaria feliz.)

Galaaz mantém-se irredutível e a donzela afasta-se na companhia de Persival. Pouco tempo volvido, são atacados pelos 10 cavaleiros e Persival, apesar da sua valentia, começa a perder terreno na luta. A donzela, que está convencida de que Galaaz os acompanha e está perto, grita por socorro e ele, de facto, aparece e derrota os cavaleiros. Livre dos inimigos, a donzela dispensa Galaaz e dispõe-se a prosseguir na companhia de Persival. Quando chegam ao castelo, para obsequiá-lo pela sua boa cavalaria ela convida-o a entrar, o que ele recusa e deixa-a de imediato, apesar de estar ferido, indo depois pedir abrigo em casa de uma viúva.

Esta donzela é uma das figuras femininas que denota possuir maior sageza e capacidade de argumentação, como a que acima ficou transcrita, bem como um bom conhecimento das regras da cavalaria. A mesma perspicácia fica explícita na atitude cautelosa que mantém durante o diálogo com o cavaleiro respondendo a uma pergunta com outra pergunta antes de arriscar alguma resposta que a possa deixar em dificuldades.

- *Cuidades que sodes ora segura de vossos inimigos?*
- *Senhor, disse ela, porque o perguntades? (DSG, p.189)*

- (-Achais que os vosso inimigos já não ameaçam a vossa segurança?
- Senhor, disse ela, porque o perguntais?)

O papel desta jovem é o de conduzir o valoroso Galaaz a uma luta onde fica comprovada a sua superioridade como cavaleiro, mesmo em comparação com o conceituado Persival. Apesar de o seu poder e a sua destreza serem inigualáveis, Galaaz mantém uma postura de discreta modéstia e só avança para a luta quando ela se prova inevitável, uma vez que a vida de Persival está em risco. O autor parece assim querer evidenciar que para este cavaleiro, ao contrário do que sucede com os outros, combater não é fonte de prazer ou forma de exercer o seu poder. Para ele, a luta tornou-se uma forma desagradável de o desviar do bom caminho na persecução do seu objetivo supremo de servir o Senhor.

*

A aia da rainha

Descrita como sendo *bem letrada*, (DSG, p. 272) esta aia da rainha aproxima-se do rei Artur, quando este celebra a chegada de dois novos cavaleiros à corte, para o informar que haviam aparecido novos nomes escritos nos assentos da Mesa Redonda. Num deles está o nome de Claudim, que deverá tomar o lugar do rei Bandemaguz, e no outro, o de Artur, o Pequeno, que ganha o assento de Ivam das Mãos Brancas.

Este episódio leva-nos a refletir sobre a forma de atribuição dos assentos da Mesa Redonda, que se dizia ter essa forma para evitar a hierarquização dos seus membros quando reunidos à sua volta. Se tal regra resultou, terá sido apenas na primeira distribuição porque depois, os cavaleiros que vêm ganhar o lugar de outros que entretanto pereceram, ou se provaram indignos, são escolhidos de acordo com a honra que o seu mérito foi capaz de conquistar. Ou seja, a qualidade da cavalaria daquele a quem o assento foi atribuído de início conferiu-lhe uma importância que leva a que se exija do novo ocupante uma demonstração prévia de idêntico valor, para não causar desprimor à memória do seu antecessor. É o que sucede com os dois cavaleiros acima mencionados, cujos nomes são anunciados pela dama da rainha.

A intervenção desta donzela reveste-se de alguma importância; desde logo porque a sua oportuna chegada nos vai levar à revelação do mistério que envolve o nascimento do filho bastardo do rei Artur¹ mas também, e, principalmente, porque à temática deste trabalho interessa, nos deixa entrever que o recinto da Mesa Redonda não estaria vedado à presença feminina e que às mulheres era também dado o privilégio de ver essa manifestação divina da distribuição das cadeiras.

*

A Donzela que alerta para os perigos do Castelo Pagão

Uma donzela *mui fremeosa e mui bem gornicida*, (DSG, p.273) segura na mão um gavião enquanto caminha com toda a descontração junto a uma ribeira, na companhia de um donzel. A riqueza do traje e o facto de trazer a ave de rapina atestam o seu alto estrato social. Como notou William Marvin², na Idade Média a importância social era muitas vezes evidenciada através do recurso a elementos da natureza, e ser representado ao lado de animais como um falcão ou uma



garça parecia ser o mais alto grau de requinte da elegância cortês. A falcoaria era uma atividade de lazer comum entre os nobres, quer para homens como para mulheres, e assistir aos treinos e à exibição das proezas dos seus pássaros amestrados era uma forma de socialização, como fica evidente em ilustrações como a que reproduzimos, da qual emana também um inegável toque de erotismo.

Ilustração 1 – donzela com um falcão
Manesse Codex

¹ cf. Filha de Tanas.

² William P. Marvin “Hunting and Falconery”, in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, ed. Margaret Schaus, Routledge Taylor & Francis Group, New York 2006 (pp. 386, 387).

No caso da cena de *A Demanda do Santo Graal* a que aqui nos referimos, parece-nos que a introdução da ave tem apenas o propósito sublinhar o estatuto social da donzela pois se houve intenção de lhe atribuir alguma conotação sexual, ela serviria para pôr em evidência a retidão de carácter dos cavaleiros, que permaneceram indiferentes e não prestaram muita importância à jovem.

Todo o enquadramento de calma descontração desta cena, com a donzela a folgar ao ar livre com o seu falcão, levaria, por ventura, os cavaleiros a desvalorizar os avisos que a jovem fazia a quem se aproximava do castelo. Por outro lado, é possível também entender esse alerta como uma forma de acicatá-los porque, como já bem sabemos, nenhum cavaleiro que se preze consegue resistir à atração de viver uma aventura. Assim sendo, a donzela estaria a cumprir a função que, ao longo desta obra, é recorrentemente atribuída a muitas das intervenções femininas: a de conduzir o cavaleiro até ao local onde a aventura ocorrerá. O facto é que, quando Galaaz, Estor e Meraugis passam por ali, ela diz-lhes que não deverão entrar no castelo dos pagãos porque quem lá entra nunca mais de lá sai. Apesar do aviso, ou incitados por ele, os cavaleiros não se detêm e dirigem-se ao castelo onde vão ficar prisioneiros até que Deus envia uma tempestade cirúrgica que faz ruir a torre em que estão presos, sem todavia lhes causar qualquer dano. Assim, passamos à aventura do Castelo Pagão e às desventuras das donzelas que lá viviam.

*

As 500 donzelas do Castelo Pagão

Optámos por incluir as 500 donzelas do Castelo Pagão na categoria de mensageiras, se bem que pudessem ser também enquadradas em outras designações, como mártires ou videntes. Todas elas são prisioneiras e vítimas da exploração dos seus algozes mas são também detentoras de saberes sobrenaturais e são ainda as mensageiras que levam ao rei Artur o relato do que viveram e testemunharam durante o seu cativeiro.

O Castelo Pagão fora construído por Galmanasar, parente de Príamos, rei de Troia. Galmanasar havia sido, no seu tempo, um cavaleiro temido pela sua valentia e destreza no manejo de armas, qualidades que foram sendo passadas de geração em geração aos da sua linhagem que, desde a queda de Troia até ao reinado do rei Artur, ocuparam o castelo e ali mantiveram a paz, por não haver quem os ousasse guerrear. O grande defeito desses bravos guerreiros era a sua recusa em aceitar o Cristianismo, a fé que entretanto se fora implantando por todo o reino.

No tempo do rei Artur, a governação do castelo fora assumida por Arpiom, que não só tinha mau carácter como ambicionava tornar-se mais poderoso. Para conseguir os seus propósitos, procura atrair ao seu castelo tantos cavaleiros e damas, quantos pode, para assim enfraquecer o Rei Artur, privando-o dos cavaleiros e das donzelas do reino de Logres. Demonstrando conhecer bem os

meandros da psicologia tanto dos homens como das mulheres, Arpiom mandara colocar na base do declive sobre o qual assenta o castelo uma placa dirigida aos cavaleiros com a promessa de que ali encontrariam uma tal aventura que, depois dela, já nenhuma outra desejariam ter. A outra placa era dirigida às donzelas, prometendo-lhes o maior consolo com que alguma vez haviam sonhado. Ao ler tal informação, todos eram irresistivelmente atraídos para o castelo, onde eram aprisionados, logo que transpunham a entrada, sendo os cavaleiros fechados nas masmorras onde permaneciam até morrer, enquanto as donzelas, embora também mantidas em cativo, ficavam destinadas a outros fins. Eram primeiro usadas como barregãs e depois, quando delas se enfadavam, faziam-nas aprender a *lavar seda* (DSG, p.435) e ali ficavam como servas, sempre muito bem vigiadas para que não pudessem fugir.

Quando assim o entende, Deus dirige os passos de Galaaz para o castelo para que ele, com a ajuda de Meraugis e de Estor, ponha fim a esta aventura. Mal os três cavaleiros entram no castelo, a porta levadiça cai e vêem-se aprisionados e atirados para uma masmorra. Não desesperam e, cheios de fé, entregam-se à oração. Durante a noite, Galaaz tem um sonho no qual lhe é revelado que todos os habitantes do castelo deverão morrer, exceto as donzelas que não devem sofrer qualquer dano. Deus envia uma tempestade medonha que faz ruir a torre onde os três amigos estão cativos, mas que os deixa incólumes. Uma vez libertos, seguindo as instruções que Galaaz recebera durante o sono, passam à ação e em pouco tempo vencem a luta.

Assim que Galaaz sai das ruínas da torre desmoronada, é abordado por uma donzela que, já sabendo que ele viria, está ali para lhe entregar a espada e indicar o sítio onde se encontram as outras donzelas prisioneiras que, afinal, também já sabiam da vinda do seu salvador e já festejavam a sua chegada.

É aqui dom Galaaz? Ca bem sabemos que per outrem non havemos de seer livres.
(DSG, p.379)

(Está aqui dom Galaaz? Pois bem sabemos que por outrem não seremos libertadas.)

E sabiam-no porque:

[...] *uma donzela, filha do rei de Lomblanda, que organo foi aqui com nosco em prisam e adoeceo donde morreu. E, quando houve a morrer, disse-nos [...]* (DSG, p.379)

([...] uma donzela, filha do rei de Lomblanda, que este ano, esteve aqui connosco prisioneira e adoeceu e depois morreu. E, quando estava para morrer, disse-nos [...])

Galaaz pergunta então às donzelas o que querem fazer com as suas vidas, pois nem ele nem os seus companheiros podem ficar ali para as proteger. As quatrocentas e cinquenta donzelas agora libertadas dizem-lhe que pretendem sepultar as suas cinquenta irmãs que ali morreram e depois ir a Camaalot para contar ao rei Artur a sua aventura. E assim fazem.

Na corte, o rei ouve-as e não só as presenteia como trata de acautelar o seu futuro.

Entom enviou el-rei as donzelas cada ua pera sa terra tam bem guisadas como cada ua disse. As outras, sem falha, quizeram ficar com a raia, foram muito servidas e muito honradas por amor de Galaaz e casadas quando lhis prougue. (DSG, p.380)

(Então el-rei enviou cada uma das donzelas para a sua terra, tão bem trajadas quanto cada uma o quis. As outras, que quizeram ficar com a rainha, foram muito bem servidas e muito honradas, por consideração a Galaaz, e casadas, quando essa foi a sua vontade.)

Procurando situarmo-nos na época, pensamos poder atribuir a este desfecho simbologias várias. As benesses concedidas às donzelas poderiam, para os mais crentes, ser encaradas como uma merecida compensação pelas agruras sofridas no Castelo Pagão. Porém, e numa visão mais terrena, parece-nos que poderiam significar mais. Receber trajes novos equivaleria à recuperação do estatuto social (ou até mesmo uma promoção social) e o casamento ou o serviço à rainha a devolução da dignidade e da honra perdidas, elementos que seriam cruciais para que as mulheres pudessem voltar a ser aceites pela comunidade e pelas famílias de onde haviam sido retiradas. Na Idade Média, era comum que a comunidade ostracizasse aqueles cujo comportamento era considerado reprovável, podendo a humilhação pública ser ainda sublinhada por atos vexatórios como o apedrejamento das suas casas ou com o bater ruidoso de objetos à sua passagem¹. Tudo se complicava ainda mais quando a desonra assumia contornos sexuais, como no presente caso em que as donzelas haviam sido usadas como barregãs. A perda da castidade, ainda que contra a vontade da mulher, era motivo de opróbrio, não só para ela mas para toda a sua família, que preferia condená-la à morte ou bani-la para sempre do seu convívio. Era, pois, necessário que toda esta reabilitação social fosse facilitada por interceção do rei para assim ficar garantida a reintegração familiar e social das donzelas.

Uma última nota para o que cremos demonstrar a mestria do autor do texto e o seu conhecimento sobre o gosto do seu público e a forma de o satisfazer. Receber as atenções do rei, possuir roupas de qualidade ou contrair um bom matrimónio eram, por certo, desejos que fariam parte das aspirações do leitor/ouvinte e, porque à literatura compete também alimentar sonhos, ficamos a ideia de que o autor o tinha bem presente.

*

A guardiã da espada do rei Froila

Samaliel, há pouco tempo armado cavaleiro por Galaaz, cavalga em busca de aventuras quando é abordado por uma donzela que lhe entrega uma espada que diz ter pertencido ao pai dele, o

¹ Ver a este respeito: Lynn Marie Laufenberg, “Honor and Reputation”, in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, ed. Margaret Schaus, Routledge Taylor & Francis Group, New York 2006 (p. 376).

rei Froila. Samaliel que é, nesse momento, atacado por Ivam dependura a recém-adquirida espada no ramo de uma árvore e luta usando a espada que trazia à cinta. Enquanto está assim ocupado, a rapariga rouba a espada que antes lhe dera e abandona o local. Resolvida a contenda e, apesar de ferido, Samaliel vai em busca da donzela porque não quer perder a espada. Como ela se recusa a devolver-lha, o cavaleiro vê-se obrigado a recorrer à força. Depois de recuperar a arma, afasta-se, debaixo das ameaças da rapariga que promete vingar-se, se alguma vez tiver oportunidade para tal.

O comportamento da donzela é, em tudo, misterioso: não sabemos se age em nome próprio ou de outra pessoa, ou se conduzida por alguma força sobrenatural. Ignoramos também por que razão era ela a guardiã da espada, mas vemos que aparece no momento certo, ou seja; logo após a cerimónia em que Samaliel fora investido cavaleiro, para lhe entregar a espada que fora do pai e que, portanto, por direito lhe deve pertencer. Depois rouba-lha, porventura porque o cavaleiro não se mostrou merecedor ao preterir a espada do pai e optar por lutar com a outra que já trazia. Sabemos também que, graças à sua intervenção, Samaliel passará a trazer consigo duas espadas, facto que o levará a viver mais uma aventura que ficará registada nos livros do rei Artur¹.

*

A donzela que morre na Fonte que Ferve

Certo dia Galaaz, que perambula pela Floresta Perigosa em busca de aventuras, chega a uma fonte de águas ferventes que o autor nos diz ser a mesma onde, em tempos, Lancelot vivera uma aventura.

[...] u Lançalot matou os II leões que o moimento guardavam d'el-rei Lançalot, pai do rei Bam, assi como a grande estória de Lançalot o d'ivisa. (DSG, p.430)

([...] onde Lancelot matou os dois leões que guardavam a sepultura d'el-rei Lancelot, pai do rei Bam, assim como o narra a grande história de Lancelot.)²

¹ Samaliel passa, a partir de então, a trazer consigo duas espadas, a que a donzela trouxera e que pertencera ao seu pai e a outra que lhe fora cingida por Galaaz, no momento em que o fizera cavaleiro. Apesar de avisado sobre os perigos que corria por trazer as duas espadas, decide não abdicar de nenhuma, devido ao muito amor que tem pelos homens que lhas deram. É o motivo para que Giflet e Gariet o ataquem, porque, segundo os princípios de cavalaria, aquele que trouxesse duas espadas teria que aceitar confrontar-se com dois adversários em simultâneo. Samaliel derruba-os, mas não os mata. É apenas mais uma luta entre cavaleiros andantes.

Samaliel prossegue na sua cavalgada até que encontra o rei Artur, adormecido, junto a uma fonte, tendo por companhia apenas um escudeiro uma vez que se perdera dos companheiros que caçavam com ele. Samaliel, ao saber que aquele é o rei Artur, quer vingar a morte de seu pai, o rei Froila, que Artur matara, mas sente-se perante um dilema: por um lado, acha que tem o dever e o direito de exercer essa vingança, por outro, acha que não pode matar Artur porque ele é o melhor rei e o homem que mais fez pela cavalaria e que tão bem recebe todos os que o procuram. Acaba por decidir não o matar, mas leva-lhe a espada e deixa-lhe a que fora de seu pai. Antes de abandonar o local, explica a sua atitude ao escudeiro para que este a transmita ao rei quando ele despertar. Deixa, assim, a Artur a prova da sua cortesia, ao não ter vingado o pai, quando o encontrou assim desprevenido e à sua mercê. Ao ouvir as explicações do escudeiro o rei fica muito agradado com o gesto de bondade e cortesia demonstrados e regressa a Camaalot, onde conta a aventura e depois a manda escrever, para que a grandeza de carácter de Samaliel passe a ser admirada por todos, através dos tempos.

² Ficamos a saber que Lancelot herdou o nome do seu avô paterno.

A história de *A Demanda do Santo Graal* não nos fala sobre a aventura dos Leões, mas conta-nos a que Galaaz aqui vai viver e a forma como vai resolver mais um mistério.

A alguma distância, Galaaz avista um cavaleiro que viaja na companhia de um escudeiro e de uma donzela, estuga o passo da sua montada e alcança-os. Cumprimentam-se com cortesia e, como o calor fosse intenso, decidem descansar um pouco até que a temperatura se torne mais amena. Como a donzela está com muita sede diz ao escudeiro que descubra se há água nas redondezas. Ele regressa, feliz, por servir a sua senhora, dizendo que encontrou a mais formosa fonte do mundo, sem suspeitar que a atraía para uma calamidade.

[...] *E ela, que havia gram sede, foi-se aa fonte e mergeu-se por beber e caeu dentro. (DSG, p.430)*

([...] E ela, que tinha tanta sede, foi até à fonte, debruçou-se para beber e caiu lá dentro.)

Queimada pelas águas ferventes, a donzela solta um grito e morre. O escudeiro tenta em vão retirá-la porque a temperatura da água não lho permite. Galaaz e o cavaleiro ouvem, à distância, o grito da donzela e correm em seu socorro. Porém, já só encontram o escudeiro, que lhes conta o que aconteceu. Galaaz apercebendo-se que aquela é a Fonte que Ferve, sobre a qual já ouvira falar pela boca de vários homens de vida santa, faz uma prece a Deus para que a água arrefeça e logo assim acontece. O cavaleiro e o escudeiro ficam perplexos com o milagre, mas não o atribuem a Galaaz que, fazendo jus à sua modéstia, parte, sem mais palavra e sem nunca se identificar.

Depois de sepultarem a donzela que retiram das águas, agora tépidas, vão para a corte do rei Artur e informam-no sobre o que haviam presenciado.

[...] *e contou i aquela aventura, em como fora acabada per ũũ cavaleiro de ũũ escudo branco e ũa cruz vermelha em ele. (DSG, p.431)*

([...] e ali contou aquela aventura e como tinha sido levada a cabo por um cavaleiro de escudo branco com uma cruz vermelha.)

De imediato todos reconhecem ser Galaaz o autor da proeza e o rei manda registar a história no livro das aventuras.

A presença da donzela, ou melhor, a sua morte, terá servido apenas para atrair Galaaz até à fonte para que o milagre se pudesse realizar e mais uma das aventuras de Logres ficasse resolvida.

*

Uma donzela do Paço Aventuroso

Uma donzela assoma à janela do Paço Aventuroso, quando Gaariet e Galvam lá querem entrar para ver o Santo Graal. A donzela, sobre a qual nada é dito, informa-os que não poderão entrar

porque não é essa a vontade de Nosso Senhor. Os cavaleiros afastam-se do paço, desonrados e tristes, sob a zombaria dos que os veem assim repelidos, numa evidência de que estão em pecado e que são indignos aos olhos de Deus.

*

A mensageira de Lancelot

A guerra está iminente. Artur quer recuperar a honra perdida e derrotar Lancelot que, não só foi acusado de o trair com a rainha, como, perante todos, desafiou a autoridade real ao resgatá-la da fogueira, evitando que recebesse o castigo a que fora condenada. Depois, levava-a para o seu castelo, a Joiosa Guarda¹, onde a mantém por pouco tempo, pois logo a envia para Sorelois, enquanto move diligências para congregar um exército suficientemente poderoso para enfrentar o inimigo, o que consegue sem grande dificuldade porque muitos são aqueles a quem ajudou no passado que, de imediato, disponibilizam homens e armas para lutar ao seu lado.

Quando Artur chega com as suas hostes, Lancelot encontra-se em posição de vantagem com toda a sua estratégia de ataque bem definida: já dividiu as suas tropas em dois corpos, um que está escondido na floresta e outro que permanece no castelo, e o ataque simultâneo pelos dois grupos ao exército de Artur está combinado. Por seu lado, Artur crê ter montado um cerco eficaz à Joiosa Guarda onde pensa estarem todos os homens do seu adversário, desconhecendo estar, ele próprio, cercado por eles.

Numa demonstração de bom senso, que pretende evitar o derramamento de sangue de inocentes, e também num assomo de respeito e amizade pelo seu senhor e amigo, Lancelot faz uma última tentativa para restabelecer a paz, enviando uma donzela mensageira com várias propostas. A primeira diz que se Artur o quer atacar por causa da rainha não o deverá fazer porque ele, Lancelot, é apenas vítima de calúnia, e que não o afrontou como ele pensa. Como solução dispõe-se a enfrentar em combate os dois melhores cavaleiros da corte. Por outro lado, se o que Artur pretende é vingar a morte dos seus sobrinhos, Lancelot afirma que ninguém poderá ser acusado de tal e que apenas eles mesmos são culpados pelas suas mortes. Num ou noutro caso, se assim o rei desejar, afirma-se disposto a entregar-se à justiça da corte para que o julguem de acordo com os preceitos estabelecidos. Termina, pedindo à donzela que informe o rei de que nunca lutará contra ele e que o defenderá de todos quantos lhe queiram fazer mal.

¹ Doorosa Guarda era o nome deste castelo antes de ser conquistado por Lancelot, que o rebatizou de Joiosa Guarda.

[...] *E el verdadeiramente, porque o tenho por senhor e por amigo, pêro que me el nom vem veer como amigo mas como imigo mortal, seguro-o que se nom guarde de mim, ante o guardarei eu sempre [...]* (DSG, p.481)

([...] Mas a ele, porque, verdadeiramente, o tenho por senhor e por amigo, ainda que ele não venha como amigo, mas sim como inimigo mortal, asseguro-lhe que não terá que se defender de mim e que, pelo contrário, o protegerei sempre [...])

A donzela revela-se uma diplomata hábil; cumpre com brio o que lhe é pedido e, perante a recusa do rei que, incitado por Galvam, não aceita estabelecer tréguas, tenta ainda por sua iniciativa dizer mais algumas palavras num último esforço para negociar a paz. Artur vacila e diz, como se falasse consigo próprio:

[...] *o preito já é assi que, mentre eu viva, por cousa que Lançalot possa fazer nem dizer, já mais nom haverá paz comigo. E pêro que é o homem do mundo a que eu mais devia perdoar ũū erro grande. Ca, sem falha, el fez mais por mim ca outro cavaleiro.* (DSG, p.482)

([...] a questão já atingiu um tal ponto que, enquanto eu viver, faça Lancelot o que fizer ou diga o que disser, jamais poderá ter paz comigo. E no entanto, ele é o homem do mundo a quem mais devia perdoar um erro grande, porque, sem falha, ele fez mais por mim do que qualquer outro cavaleiro.)

Apesar de sentir que o seu campeão merece ser perdoado, o rei sabe que as circunstâncias não lho permitem e que, como argumenta Galvam, ficará muito mal visto se não vingar a sua vergonha. Perante esta situação, a donzela tenta chamá-los à razão e, numa demonstração da tal sabedoria que parece comum à maioria das mulheres sobre as mais insondáveis verdades da vida e da morte, fala-lhes de como sofrerão e de como Artur perderá a honra, a vida e o reino e os da linhagem do rei Bam sairão vencedores. Assim se cumprirão as profecias, que *os sesudos devinhadores* (DSG, p.482) há muito anunciavam que iriam acontecer.

Nada os demove; uma vez aviltado em público, só resta ao rei reconquistar a honra perdida, humilhando o adversário de forma visível para todos e a única forma de o fazer é derrotá-lo em batalha. A mensageira retorna ao castelo para dar novas a Lancelot, que fica muito triste com o desfecho das negociações.

Num cenário de guerra e de violência poderá parecer-nos estranho que a escolha da pessoa a enviar ao campo inimigo para estabelecer as negociações fosse uma frágil donzela indefesa. Contudo, e como já antes verificámos, de acordo com os princípios do reino dos cavaleiros andantes, as mensageiras não só não devem ser molestadas, como parecem circular incólumes através de todos os perigos. É também interessante verificar que a posição da mulher, habitualmente relegada para plano secundário, nesta circunstância ganhe proporções de grande importância.

*

2. As servas do Senhor

*Old monk and nun, ye scorn the world's desire,
Yet in your frosty cells ye feel the fire!
The fire of Heaven is not the flame of Hell.*

Alfred Tennyson, Idylls of The King

2.1. Mulheres de vida monástica

Numa obra de pendore religioso, como *A Demanda do Santo Graal*, é interessante notar que são poucas as mulheres de vida monástica que emergem no seu texto. Facto tanto mais surpreendente, se tivermos em conta que esta era uma forma de vida comum a muitas mulheres que, por opção própria ou empurradas por contingências familiares e sociais, recolham a um mosteiro. A parca visibilidade dada a esta parcela da sociedade poderá ser atribuída ao simples motivo de este espaço de clausura de mulheres não oferecer cenário propício às aventuras dos cavaleiros. Se nos arriscarmos um pouco mais pelos caminhos da especulação, poderemos chegar a outras ilações, como o desconhecimento, por parte do autor, dos meandros da vida num convento feminino ou o facto de não encontrar neste ambiente detalhes deveras empolgantes para condimentar a história.

A abadessa

As primeiras freiras com que nos deparamos na narrativa surgem-nos na abadia onde Galaaz deverá ser armado cavaleiro. Lancelot, que fora conduzido até ali pela donzela mensageira, que o fora buscar à corte, é recebido por uma abadessa emocionada, que caminha na companhia de quatro *donas*, que escoltam Galaaz até ao local da cerimónia. Esta entrada em cena do pequeno séquito transmite não só uma imagem de solenidade mas também a ideia da importância da abadessa como figura máxima na hierarquia do convento. Não há qualquer menção à sua aparência ou ao modo como caminha, mas a presença das outras mulheres que a seguem confere-lhe o estatuto de superioridade que lhe seria devido. A sua autoridade evidencia-se ainda mais quando se dirige a Lancelot e lhe pede que seja ele a fazer cavaleiro o jovem dando-lhe três motivos para tal: o primeiro é por ser ele o melhor cavaleiro do mundo e, por isso, aquele que maior honra poderá conferir ao novo cavaleiro; o segundo motivo prende-se com a grandiosidade dos feitos que Galaaz virá a fazer

e que muita honra e orgulho proporcionarão a quem o fez cavaleiro e, por fim, o parentesco que os une, pai e filho.

Uma das principais funções atribuídas à abadessa de um convento medieval era a de ser o elo de ligação entre o mundo do convento e o mundo secular¹. Ora, foi precisamente o que sucedeu nesta circunstância: a abadessa surgiu para dar as boas vindas aos visitantes e orientar e garantir a realização da investidura de Galaaz.

Concluída a cerimónia, os cavaleiros regressam à corte e não há mais quaisquer referências às mulheres do convento.

*

A monja que anuncia a cura da mulher enferma

Esta monja é mencionada por ter passado pelo castelo onde vive uma mulher enferma a quem informou que a sua cura só se poderia concretizar quando Galaaz a visitasse.

[...] *ele é tam bõo e há tal graça de Nosso Senhor que bem sei que esta dona guarecerá tanto que a el vir.* (DSG, p. 303)

([...] ele [Galaaz] é tão bom e tem tal graça de Nosso Senhor que bem sei que esta mulher se curará assim que o vir.)

Não sabemos que razão terá trazido a religiosa até o castelo; se veio por iniciativa própria ou se terá sido ali chamada para prestar serviço à mulher enferma. Esta afigura-se-nos poder ser uma razão plausível, já que dos conventos faziam parte freiras que se dedicavam ao estudo e à prática da medicina². De um modo geral, administravam curativos aos que as procuravam nos próprios conventos, contudo, não seria de excluir serem chamadas à casa de uma pessoa de estatuto social importante. A ser assim, poderia ter-se deparado com uma enfermidade para a qual os seus conhecimentos não teriam resposta e, dotada daquele tal saber que parece transversal às várias categorias de mulheres desta novela, sabe que só a presença de Galaaz trará a cura à mulher doente e deixa-lhe essa esperança.

A irmã de Persival ao ter conhecimento deste facto, vai busca-lo e guia-o até à dama enferma.

*

¹ Para maior detalhe ver: Katrinette Bodarwé – “Abbesses”, in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, ed. Margaret Schaus, Routledge Taylor & Francis Group, New York 2006 (pp. 3 -7).

² Num tempo em que não era permitido às mulheres frequentarem as escolas, era dentro dos conventos que muitas se podiam entregar ao estudo e à prática das artes da cura, de forma aceite pela sociedade e até certo ponto tolerada pela lei que a ela fechava os olhos. Nos conventos e hospitais dirigidos por ordens religiosas eram as freiras que desempenhavam os atos de medicina e de enfermagem, principalmente para outras mulheres, se bem que os homens também estivessem entre os seus pacientes. - Alisha Rankin, “Doctors and Healers,” in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, ed. Margaret Schaus, Routledge Taylor & Francis Group, New York 2006 (pp. 216, 217).

A prometida de Giflet

Quando Genevra se retira para um convento, após o início das hostilidades no reino, partilha os seus dias com uma donzela que, embora ali viva, não parece ter alguma vez tomado véu como freira. Ela é a dama de companhia escolhida pela rainha e juntas encontram consolo mútuo porque a donzela fora amada e prometida de Giflet, o cavaleiro que acompanhara Artur por mais tempo e, por isso, têm memórias e desgostos comuns, que as ajudam a enfrentar o infortúnio em que vivem confinadas no convento¹. No final da novela, essa donzela será incumbida de satisfazer o último desejo da rainha. Apesar de muito se esforçar, não o conseguirá fazer².

*

Uma monja intriguista

No mesmo convento, vive uma outra monja que em muito contribui para provocar a morte da rainha. Essa mulher optara pela vida monástica após ter sido rejeitada por Lancelot, o homem que amava, mas que nunca a quisera por amar a rainha. Despeitada, prepara um ardil para fazer com que a rainha acredite que o amado cavaleiro pereceu, ao regressar à Grã-bretanha, o que será a causa última da morte de Genevra que não recupera mais da tristeza em que cai.

Qualquer uma das três mulheres que acabámos de referir não entrou para a vida monástica movida por qualquer chamamento místico. Para todas elas o convento apresenta-se como lugar de refúgio do mundo laico, onde procuraram proteção, como no caso de Genevra, ou tentaram encontrar, quiçá na oração, consolo para as suas infelicidades. Esta era, por certo, uma realidade da sociedade de então; como já acima aflorámos, as mulheres recolhiam aos conventos por razões de vária ordem, que não as ditadas pela fé. Essas razões poderiam ir desde a fuga a um casamento indesejado até à busca de promoção social ou inclusivamente à aceitação da única forma de subsistência para damas ou meninas, que devido à sua condição de mulher, não podiam aspirar à herança da família, que, por direito, pertencia ao irmão primogénito.

Também de registar é este retrato da vida no convento, como se fosse tão só um prolongamento do ambiente mundano da corte com as suas relações sociais bem definidas, com as suas intrigas, amizades e ódios. Um mundo onde, apesar da clausura, as notícias do reino vão chegando e influenciando o desenrolar dos acontecimentos.

*

¹ Embora, em teoria, entrar para a vida monástica implicasse cortar laços familiares, era mais ou menos comum que ao entrar para o convento as senhoras se fizessem acompanhar por criadas ou damas de companhia. - Alice-Mary Talbot, "Monasticism and Nuns, Byzantine", in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, ed. Margaret Schaus, Routledge Taylor & Francis Group, New York 2006 (p. 586).

² Cf. Genevra.

2.2. Ascetas

Se muitas mulheres entravam para os conventos de forma involuntária ou com motivações que pouco tinham a ver com a busca da espiritualidade, o mesmo não parecia suceder, pelo menos com tanta frequência, com as que optavam pelo ascetismo e que o faziam de forma consciente e por decisão pessoal. A partir do texto de *A Demanda do Santo Graal*, fica evidente que estas mulheres escolhiam isolar-se do mundo com o objetivo de conseguirem, através da mortificação do corpo, do jejum e da oração, o aperfeiçoamento da alma e a conquista da vida eterna.

O estudo da História diz-nos que o ascetismo foi praticado por toda a Europa medieval e Portugal não foi exceção. Desde o dealbar do reino existiu uma simpatia por este tipo de penitência extrema como mostram alguns registos que revelam como Afonso Henriques protegeu austeros eremitas ou Sancho I beneficiou emparedadas¹. De resto, na Península Ibérica existem vestígios dessa prática, quer em documentos oficiais, quer particulares, como o testamento (século XIV) de uma senhora andaluza, Leonor López de Córdoba, no qual deixa a quantia de dez maravedis para serem distribuídos pelas emparedadas de Córdoba e de Santa Maria de Huertas, pedindo-lhes em troca que orem por ela². Outro testemunho vivo é a cela de uma emparedada existente na paróquia de San Esteban em Astorga.

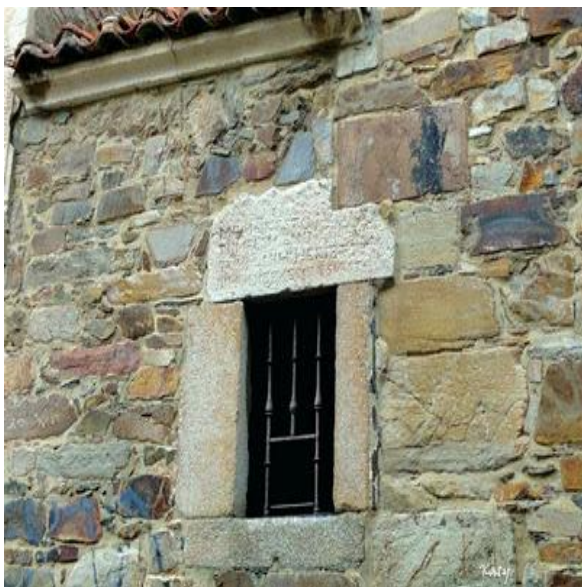


Ilustração 2 – Cela de San Esteban,

vendo-se a janela por onde recebiam alimentos e comunicavam com o mundo exterior.

<http://katy-ciudadanadelmundo.blogspot.pt/2011/10/palacio-episcopal-e-imagenes-de-astorga.html>

¹ José Mattoso, 2009, “O Triunfo da Monarquia Portuguesa”, in *Op. Cit.* (p. 527).

² Raquel Fernandez Diez e Maria Pilar Alonso Villar, “Las ‘Muradas - una elección de vida para mujeres eremitas,” I Congreso Virtual Sobre Historia de las Mujeres, 15 - 31 Octubre 2009, Biblioteca Gonçalo de Berceo [consultado em 10 de dezembro 2012] no site <http://www.vallenajerilla.com/berceo/fernandezdiez/emparedadasomuradas.htm>

As mulheres que escolhiam esta forma de reclusão até ao fim dos seus dias eram muitas vezes, no dizer de Elizabeth Robertson¹, viúvas provenientes dos estratos sociais mais elevados da sociedade. De um modo geral, o momento do emparedamento revestia-se de solenidade e havia uma cerimónia em que a mulher era transportada para o interior da cela num caixão, simbolizando assim a sua morte para o mundo exterior. Depois, eram então colocados os tijolos que fechavam a parede de forma definitiva enquanto se diziam orações adequadas à circunstância. A partir desse momento, passavam a viver confinadas a uma divisão de onde nunca saíam, ou se o faziam tinham que ser supervisionadas, alimentando-se de ervas ou de pequenas oferendas que lhes pudessem trazer os que recorriam aos seus serviços. Eram desencorajadas de tagarelar com passantes ocasionais, de manter qualquer atividade, como coser ou fiar, ou de possuir animais de companhia, à exceção de um gato. A cela tinha uma janela, através da qual podiam falar com quem as visitava para uma confissão, para pedir conselho ou explicação de visões e sonhos, ou tão só para solicitar a sua oração. Por vezes, essas celas eram anexas a uma capela e, nesse caso, a anacoreta ou emparedada, podia assistir aos serviços litúrgicos através de uma outra janela que ligava a cela à capela. As celas poderiam situar-se no centro da cidade ou vila ou em local recôndito, como é o caso das emparedadas que encontramos em *A Demanda do Santo Graal*.

A tia de Persival

A tia de Persival apresenta-se, nesta categoria, como a entidade ficcional com maior relevância. É descrita como tendo sido uma mulher formosa que, devido ao grande desgosto causado pela morte do sobrinho Lamorat, se recolhera como asceta numa cela à entrada de uma floresta. Vive em oração, coberta apenas com os seus longos cabelos brancos e com os poucos farrapos que restam da roupa que trazia quando para ali se retirou, alimentando-se de ervas cruas. Apesar de estar emparedada, detém muitos conhecimentos sobre o passado, o presente e o futuro do mundo, muitos dos quais consegue obter devido à localização privilegiada da sua cela, por onde passam inúmeros cavaleiros que lhe vão trazendo notícias e também porque, devido à sua vida santa de oração e ao intenso jejuar, consegue descortinar factos futuros, inacessíveis aos outros mortais.

Poderíamos ter incluído esta personagem na nossa lista de vítimas da luxúria dos cavaleiros do reino de Logres, mas como neste caso foi a sua vontade que prevaleceu e porque a tônica dominante da sua vida foi a da santidade, optámos por incluí-la neste capítulo. Não podemos deixar de referir, no entanto, que na juventude a sua beleza acendera os desejos do próprio rei Artur. Repudiou-o e manteve a sua castidade até à morte. No momento em que morre, precisamente *em*

¹ Elizabeth Robertson, 2006 “Anchoresses”, in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, ed. Margaret Schaus, Routledge Taylor & Francis Group, New York (pp.17-19).

aquel ano mesmo que a demanda do Santo graal foi começada, diretamente a entrada d'Abriil. (DSG, p.183), aparece ao rei e diz-lhe que ganhou o paraíso por se ter guardado da sua luxúria, enquanto ele só encontrará sofrimento depois da morte, se não se emendar dos seus pecados.

Impressionado pela visão e pela integridade demonstrada por esta antiga apaixonada, Artur vai até à cela, que manda destruir, e faz trasladar o corpo da falecida para Camaalot, onde é sepultada, com grandes honras *na igreja de Sam Estiano que entom era a maior igreja. (DSG, p.183)*

Entre os segredos que esta mulher guardara está o do nascimento de Meraugis de Porlegues. Deixa-o registado numa carta que Claudim entrega na corte de Camaalot, onde Meraugis está de visita, porque lhe tinham dito que ali poderia saber o segredo da sua linhagem. Claudim chega no momento certo para entregar a carta da asceta.

*

A emparedada que anuncia a morte de Erec

Nos caminhos de Logres deparamo-nos com uma outra mulher que vive emparedada numa cela longínqua e que vai ajudar Erec a encontrar algum conforto para a sua alma atormentada.

Após abandonar o castelo onde fora levado a matar a irmã, nas circunstâncias que descreveremos no capítulo seguinte, Erec cavalga sem destino pela floresta, num processo desesperado de autodestruição. Ao fim de cinco dias sem comer, beber ou descansar, resolve parar porque o cavalo está exausto e abriga-se junto a uma cela, que crê desabitada, e logo adormece. Quando desperta, no dia seguinte, e as memórias da tragédia voltam à sua mente, retoma o seu pranto e os seus gemidos surpreendem a anacoreta que o espreita pela fresta da cela. Aborda-o e o cavaleiro conta-lhe todas as suas desventuras e pede-lhe que lhe desvende o significado do sonho que tivera na véspera da morte da irmã. Depois de o ouvir, a mulher diz-lhe que o mal que foi feito já não poderá ser reparado, aconselha-o a procurar achar conforto na oração e na súplica a Nosso Senhor para que lhe conceda perdão e, por fim, anuncia-lhe que os seus dias de angústia em breve terminarão, tal como predizia o sonho.

[...] *Ca vossa morte se chega, e matar-vos-á uu cavaleiro mui bravo e mui desleal.*
(DSG, p.240)

([...] porque a vossa morte se aproxima, e matar-vos-á um cavaleiro muito violento e muito desleal.)

Depois de confessar os seus pecados, Erec parte ao encontro do seu destino, confortado por sentir a alma purificada e pela ideia de que morrer lutando na demanda do Santo Graal lhe garantirá um lugar no céu e honra na terra.

*

2.3. Mártires

A irmã de Erec

Neste capítulo reunimos algumas mulheres cujas vidas são sacrificadas, não obstante a sua pureza de alma e a sua generosa conduta, características que parecem não ser suficientes para que Deus interceda em seu favor e as salve de uma morte cruel. Ao ler as suas histórias, é inevitável que a nossa mente seja invadida pela frase bíblica: *Ó Deus, como são insondáveis para mim os vossos desígnios!* (Salmo 138, 17) tal como, imaginamos, aconteceria ao leitor medieval que só assim se conformaria com algo que aos seus olhos se revestiria da maior e mais inexplicável injustiça.

A primeira destas mártires a que aludiremos é a irmã de Erec, cuja sorte começou a ser traçada num dia em que Erec fora surpreendido no seu caminho por uma donzela que pretendia cobrar o favor que ele lhe deve por, em tempos, o ter guiado até à ilha da irmã de Persival. A característica que Erec mais valoriza em si próprio é a de falar sempre a verdade e de nunca mentir em circunstância alguma. A donzela fere os brios do cavaleiro ao afirmar que desconfia que ele mantenha sempre a sua palavra e, por isso, fá-lo jurar que cumprirá o dom com que agora se compromete e Meraugis, que em hora oportuna chega ao local, será a testemunha a quem ela recorrerá, se tal se provar necessário.

- Bem sejadés vós vindo, disse ela. Praz-me do que ouvistes em ouvir esto. Ca, se me mentir, seeredés-me vós em testemunha [...] (DSG, p.228)

(- Sede bem-vindo, disse ela. Muito me agrada que tenhais ouvido o que ouvistes porque, se me mentir, sereis minha testemunha [...])

Todo este cuidado em assegurar que Erec cumprirá a palavra, tem a ver com o teor do pedido que ela lhe pretende fazer no castelo para onde se dirigem. Nesse castelo, que afinal era o de seu pai, Erec vai encontrar os que o tinham, de forma traiçoeira, assassinado e ocupado as suas terras¹. Estes usurpadores são os seus primos que, para concluir os seus propósitos, almejam aniquilá-lo por ser ele o único membro da família a poder reclamar a devolução das terras. Para atraí-lo, prenderam e mantêm cativa a sua bela irmã, acreditando que ele deixará a corte do rei Artur para a vir resgatar.

Quando Erec chega ao castelo e é informado que os seus primos lá estão, propõe-se de imediato vingar o pai, o que consegue sem grande dificuldade. As gentes da terra aceitam-no como seu senhor natural e prestam-lhe preito. A irmã, que fora mantida prisioneira, é-lhe trazida e todos festejam na maior alegria. No final da refeição a donzela que guiara Erec ao castelo diz-lhe que é hora de cumprir o dom que lhe concedera e revela-lhe o que pretende: a cabeça da irmã. O cavaleiro

¹ Cf. Irmãs do Rei Peles.

fica em completo desespero, sem saber o que fazer: ou mata a irmã e cumpre o que prometera à donzela ou não a mata e prova ao mundo que é mentiroso e capaz de faltar à sua palavra. O problema é tanto maior porquanto o fará, de uma forma ou de outra, agir contra os ideais da cavalaria: ou mata a irmã, indo contra o princípio de que um cavaleiro andante jamais deve causar mal a uma donzela; ou não a mata e falta à palavra dada, infringindo a regra de que jamais se deverá negar um dom concedido. Erec tenta negociar com a donzela, no que é apoiado por todos os que estão no paço mas, apesar dos muitos pedidos e choros, nada a demove da sua pretensão. O cavaleiro, desesperado, propõe então que o matem para não se ver obrigado a cometer tamanha barbaridade, transferindo a responsabilidade da decisão para os ricos homens do castelo. Assim, se o matarem, a irmã viverá, se o não fizerem, ele terá que cumprir a palavra dada e matá-la.

Estando a vida dos dois irmãos na balança, não é difícil prever sobre quem recairia a escolha. Afinal ele é um excelente cavaleiro, que poderá trazer grandes honras ao reino, enquanto ela é uma donzela cuja única importância é ser sua irmã, e claro que optam por não o matar.

[...] seu senhor nom matariam eles em n-eūma guisa. E tiinham-no por tam bõõ cavaleiro e por tam bõõ homem que poderia ainda a maior honra chegar ca a donzela. (DSG, p. 235)

([...] o seu senhor não matariam eles de maneira nenhuma. E tinham-no por tão bom cavaleiro e por tão bom homem que poderia, por isso, alcançar maior honra do que a donzela.)

Erec acaba por cortar a cabeça à irmã, que entretanto desmaiara de pavor, e oferece-a à donzela. Demonstra assim, perante todos, que nunca falta à verdade e que nem o mais estreito laço afetivo o fará desviar desse princípio.

É curioso e parecerá incongruente ao leitor do século XXI que durante toda a negociação nunca ocorresse a Erec perguntar à donzela porque odeia a sua irmã ao ponto de querer a sua cabeça. Outro facto curioso é o argumento que Erec usa no apelo para que a donzela deixe a irmã viver, ou seja, por ser uma criatura de grande beleza. Por certo que se fosse feia, a sua morte não seria tão dolorosa.

[...] E ao meos se vos por Deus e por mim nom queredes dela haver mercee, havede mercee poque é tam fermosa; ca, a meu ciente, nunca tam fermosa donzela vistes. (DSG, p.234)

(E, se por mim e por Deus, não quereis dela ter mercê, ao menos tende dó por ser tão formosa; porque, que eu saiba, nunca outra mais formosa vistes.)

A própria irmã de Erec usa o argumento da beleza para dissuadi-lo de a matar.

[...] Cata que nunca mereci morte; e se me nom queres leixar viver, por Deus e por tua cavalaria, ao menos cata que som donzela, tão fermosa, como vees, e som loada de beldade sobre todas as donzelas da Gram Bretanha. (DSG, p.236)

([...] Vê que nada fiz para merecer a morte; e se me não queres deixar viver, por Deus ou pela tua cavalaria, ao menos atende ao facto de que sou donzela, tão formosa, como vês, e sou louvada pela minha beleza sobre todas as donzelas da Grã-Bretanha.)

Depois de consumada a morte, Erec nunca mais será cavaleiro leal aos juramentos da irmandade da Távola Redonda porque acabou por violar os princípios da cavalaria. A opção de matar a irmã afigura-se-lhe errada de imediato porque a donzela, que afinal parece não ter tido outro motivo para exigir aquela decapitação, senão o de o pôr à prova, acusa-o de agir com leviandade ao matar a irmã por motivo tão somenos como o de cumprir a promessa que lhe fizera.

[...] *ca se tu nom fosses mais aleivoso cavaleiro ca outro nom mataras tua irmã por ua soo palavra que me prometeste. (DSG, p.236)*

([...] porque, se não fosses cavaleiro mais aleivoso do que qualquer outro, não matarias assim tua irmã apenas por uma promessa que me fizeste.)

Poderemos supor, com base nesta fala da donzela, que o autor tivesse a intenção de deixar implícita uma crítica à rigidez absurda de algumas regras da cavalaria. Outra ideia que aqui fica bem clara é a de que os homens falham, mas a justiça divina não. Ela não falha, mas tarda e, desta vez, parece ter tardado demais, pois o castigo divino não chegou a tempo de evitar o sacrifício de uma menina inocente ou de livrar Erec do dilema que tanto o atormentava, nem de o impedir de concretizar o ato que, para sempre, o tornará infeliz. O castigo de Deus abate-se sobre a donzela má, na forma de uma nuvem de fogo que despeja um raio sobre ela e o seu palafrem, deixando-os carbonizados. Ao lado dos cadáveres, fica a cabeça da irmã de Erec, intacta e *tam sãã que sol uũ cabelo nom ardeio em. (DSG, p.237)*

Todos se maravilham com o prodígio e entendem-no como sendo a forma escolhida por Deus para demonstrar ao mundo a bondade e virtude da donzela decapitada de modo tão bárbaro. Para Erec sobram apenas o sofrimento e o remorso que o farão viver cavalgando, em alto pranto¹, pelos caminhos de Logres, envolvendo-se em lutas sangrentas que lhe causam ferimentos e dores na carne, mas que não apaziguam a angústia que se lhe instala na alma.

*

¹ Ao longo de toda a obra são frequentes as situações em que os cavaleiros soltam gemidos e choram de forma efusiva, manifestações que nos parecem estranhas ou, no mínimo, exageradas. Para as entendermos temos que nos reportar ao tempo em que a obra foi escrita, quando as lágrimas eram entendidas não só como uma manifestação de desgosto mas também como uma forma de lavar os pecados da alma. Chorar e exteriorizar os sentimentos de pesar eram recomendados como uma forma de prática contemplativa, para ascender à compaixão Divina. Ver a este respeito: “A Mística das Emoções: o dom das lágrimas” José Mattoso, *Op. Cit.* (p.82-94).

A Dama da Capela

As mulheres não parecem constar da lista dos protegidos de Deus cuja vida sobre a terra mereça ser preservada, contudo, após terem passado por mortes hediondas, algumas conseguem ascender às Suas graças para todo o sempre. Caso único é o da Dama da Capela que, ao que tudo indica, vive feliz retida num limbo, algures entre a vida terrena e a vida no Além.

Num primeiro momento, esta mulher é-nos apresentada numa visão de Alaim, que pernoita numa capela que parece abandonada. O cavaleiro acorda aterrorizado com um estrondo semelhante a um trovão e logo toda a capela é inundada de luz, perfumes e cânticos maravilhosos que louvam o Rei dos Céus.

[...] entam parecerarom quatro homees em semelhança de ângeos, tam fremosos que Alaim foi tam maravilhado da sua beldade. (DSG, p. 118)

([...] então surgiram quatro homens com aparência de anjos, tão formosos que deixaram Alaim deslumbrado com a sua beleza.)

Quando os anjos erguem a tampa da sepultura, Alaim vê sair do túmulo uma mulher velha, nua, apenas coberta pelos seus longos cabelos brancos como a neve. Sobre o altar, sentado num trono magnífico, desce um homem com aparência de bispo que traz a hóstia sagrada e a dá à mulher. Ela recebe aquela dádiva, seu alimento de cada dia, e logo retorna à sepultura, cuja tampa é repostada pelos mesmos anjos. Toda a visão se desfaz e a capela volta a ficar em silêncio e na mais completa escuridão. A descrição da imagem da mulher, nua e de longos cabelos transmite-nos a noção do longo tempo que ela ali terá permanecido. Aqui, a nudez não nos parece ser um sinal de despojamento, como o que acontece em outros momentos da narrativa, em que surge associada a figuras que optaram por uma vida dedicada à penitência e à oração, numa indubitável demonstração de desprezo por todos os bens mundanos. Por outro lado, esta nudez também não é evidência de vulnerabilidade, como a que atribuímos aos corpos que aparecem no sonho de Lancelot¹. Enquanto, nessa circunstância, a nudez nos parece uma forma de ampliar aos olhos do leitor/ouvinte o sofrimento experimentado pelas personagens em questão, aqui a ausência de roupa ajuda a ampliar a noção de tempo e a acentuar a natureza etérea desta mulher, cuja evidência corpórea já pouco interessa uma vez que ascendeu à esfera celestial.

Quase no final da narrativa ficamos a saber que a Dama da Capela fora uma rainha rica, temente a Deus e generosa, de nome Genevra, e da linhagem de Persival. Era mãe de quatro filhos varões e uma filha muito formosa². Acusada, injustamente, de assassinar o marido, fora enterrada

¹ Cf. Capítulos Morgaim e Genevra.

² Cf. Filha da Dama da Capela.

viva pelos filhos, para vingar a morte do pai. Deus veio em seu auxílio e manteve-a viva na sepultura alimentando-a com o Santo Manjar e fazendo com que junto à sua campa acontecessem muitos milagres, que ali atraíam gentes de muitas partes do reino de Logres.

*

A favorita de Deus

A irmã de Persival é uma das mulheres mais referidas nesta obra, e aquela por quem a divindade parece ter uma predileção especial, ou não fosse ela uma criatura muito próxima da santidade, com poderes de vidente únicos e, acima de tudo, uma virgem sempre empenhada em socorrer os que precisam de salvação do corpo ou da alma.

É-nos apresentada como uma qualquer donzela e acompanhamo-la, durante vários capítulos, sem que a sua identidade seja revelada, quer ao leitor, quer aos cavaleiros que com ela vão. Tudo começa quando, uma noite, chega a um ermitério onde Galaaz pernoitava e lhe pede que a acompanhe, prometendo que o conduzirá a uma aventura extraordinária. Ele não faz perguntas, nem põe objeções; segue-a até o castelo onde vive uma mulher de alta condição que, desde há dois anos, vive num grave estado de demência com comportamentos tão violentos que obrigaram os que com ela vivem a mantê-la acorrentada. Segundo a informação de uma freira¹, que por ali passara, só a presença de Galaaz poderá curar a dama da sua loucura e, por essa a razão, a donzela o fora buscar e ali o conduzira. De facto, a dama cura-se porque, com a chegada de Galaaz, o demónio, que a havia possuído nos últimos anos, abandona o seu corpo.

Terminada a missão, Galaaz deixa o castelo, dizendo à donzela que monte o seu palafrém e o acompanhe, ao que ela obedece sem ripostar. Pouco tempo volvido, cruzam-se com Blioberis que decide acompanhá-los e, a partir desse momento, a donzela como que se torna muda e invisível e quase nos esquecemos dela. Assiste, sem que da sua presença se dê conta, a vários confrontos em que os dois cavaleiros enfrentam e matam os cinco primos da Deserta (cidade do reino de Logres), que odiavam os da linhagem do rei Bam e, por esse motivo os atacam, quando com eles se cruzam.

Continuam a sua jornada e dirigem-se a um castelo onde pretendem pernoitar. Ali vive uma donzela, outrora bela, mas que há mais de dez anos está leprosa e espera a vinda do cavaleiro que a há de curar, tal como lhe prometera um eremita, havia sete anos. Quando ouve esta história, a donzela que acompanhava Galaaz e que o autor revela, enfim, ser a irmã de Persival, vai logo chamá-lo para que venha aos aposentos da jovem a fim de a curar. Ao vê-lo, a donzela enferma pede-lhe que lhe conceda um dom e Galaaz outorga-lho, mesmo sem saber o que ela lhe irá pedir,

¹ Cf. Monja que anuncia cura da mulher enferma.

comportamento, aliás, recorrente no universo dos cavaleiros andantes, como já tivemos oportunidade de ver. A jovem revela então que para obter a cura para sua doença terá que envergar a veste que Galaaz usa junto à pele e pede-lhe que se dispa e lha dê. Ele fica embaraçado porque não quer que se saiba que usa estamena, sinal da sua dedicação à vida celibatária ao serviço de Deus. No entanto, como lhe concedeu um dom, não tem como fugir e só lhe resta fazer a donzela prometer que guardará segredo sobre o tipo de veste que usa por debaixo dos seus trajes de cavaleiro. Feito o acordo, Galaaz despe a estamena e dá-lha. Ela veste e fica curada no mesmo instante.

No dia seguinte, a irmã de Persival e Galaaz prosseguem a sua jornada, separando-se de Blioberis que opta por seguir outro caminho. Pouco depois, Galaaz é atacado por três cavaleiros, que também haviam pernoitado no castelo, e que, de forma ardilosa, haviam esperado que Blioberis se afastasse, certos de que, estando só e vulnerável, Galaaz seria um alvo fácil de abater. Esses três irmãos também odeiam a linhagem do rei Bam e por isso a querem afrontar. Galaaz consegue derrubá-los e afasta-se antes que eles recuperem e o sigam. A donzela assiste à contenda e manifesta a sua alegria pelo desfecho da luta. Continuam a cavalgar até que chegam ao mar, ao local exato onde está acostado o barco onde Boorz e Persival esperavam a chegada de Galaaz que, havia já tempo, lhes fora anunciada. É grande a alegria do reencontro dos cavaleiros. Persival não reconhece¹ a irmã, mas a donzela é bem aceite pelo grupo e, pelos vistos, pela força divina, já que, mal os dois recém-chegados embarcam, o vento sopra de feição e leva o barco para o sítio onde está fundeado um outro barco especial, o de Salomão, no qual hão de viver uma importante aventura, da qual a donzela já tem conhecimento, mas eles não.

- Senhores, disse a donzela, em aquela nave é a aventura por que Deus todos três nos ajuntou. (DSG, p.313)

(- Senhores, disse a donzela, naquela barca está a aventura devido à qual Deus vos juntou os três.)

Mais adiante, quando eles hesitam em entrar no barco, ela informa-os sobre o risco que correm, se o ousarem fazer de alma impura.

- Senhores, disse a donzela, sabede que esta é a prova dos cavaleiros verdadeiros e dos leais sergentes de Nosso Senhor que andam nesta demanda ca já cavaleiro nom entrará i que ande em pecado mortal que logo i nom perca. (DSG, p.314)

(- Senhores, disse a donzela, sabeis que esta é a prova de quem são os verdadeiros cavaleiros e os leais servidores de Nosso Senhor que andam nesta demanda, porque não entrará aí cavaleiro que ande em pecado mortal que logo não se perca.)

Ela será a testemunha, como se disse estivesse incumbida por vontade divina:

¹ A irmã de Persival aparece, pela primeira vez, no capítulo 399, mas só conheceremos a sua identidade no capítulo 420, quando desvela o rosto que trazia coberto por um pano de seda.

[...] *por esta prova confhecerei eu se sois tam bõs como vos dizem. (DSG, p.314)*

([...] por esta prova saberei se sois tão bons como dizem.)

Como se torna evidente, a jovem controla toda a situação; é a única, dos quatro eleitos para subir à barca de Salomão, que sabe com exatidão qual a função de cada um e, por isso, conduz toda a ação.

Depois de entrarem no barco e de admirarem a forma como está bem apetrechado e ornado, veem uma espada sobre o leito, ao lado da coroa que o próprio rei Salomão ali pusera, e uma carta que lhes desvendará o segredo da espada e do barco. Lida a carta, a donzela diz a Galaaz que experimente retirar a espada da bainha, porque ele é o cavaleiro escolhido. Modesto, ele duvida e ela insiste, dizendo que aquela espada foi o motivo por que o conduziu até ali, incitando-o a comprovar, para que não restem dúvidas, se é ou não o escolhido de Deus. Retirada a espada da bainha, ela sabe que agora é a sua vez de intervir de forma mais ativa no prosseguimento daquela aventura, enquanto os cavaleiros continuam sem se aperceber da sua importância e sem nunca questionar o porquê da sua presença.

A carta que estava junto à espada dizia que a cinta pobre em que esta estava presa havia de ser substituída por outra de grande valor, tecida por uma donzela *filha de rei e virgem e que porá nela correias fermosas feitas da cousa que mais amar em si. (DSG, p.316)* Os cavaleiros ficam descrentes porque não conseguem lorigar como encontrarão uma princesa virgem naquele barco à deriva no mar, nem onde teria ela o tal material valioso para confeccionar a cinta.

[...] *Todo esto nos falece que nom sabemos quem é a donzela nem como há nome nem u a podemos achar. (DSG, p.316)*

([...]Tudo isso nos falta, porque não sabemos quem é a donzela, nem que nome tem, nem onde a podemos encontrar.)

A donzela apresenta-se então aos perplexos cavaleiros como sendo aquela que vai resolver este mistério e retira do seio uma caixa de prata onde trazia a nova cinta, feita de correias tecidas com ouro, pedras preciosas, seda e fios dos seus cabelos, aquilo que ela mais gosta em si.

[...] *depois que rei Artur começou a regnar, nom vio homem tam fremosos cabelos como eu havia. Esto diziam quantos cavleiros e quantas donas os viam. (DSG, p.316)*

([...]desde que o rei Artur começou a reinar, nunca alguém viu cabelos tão formosos como os que eu tinha. Isto diziam quantos cavaleiros e quantas damas os viam.)

Abdicara deles e fizera-se tosquiado, para poder dar cumprimento a este desígnio divino. Substituída a cinta, é ela quem a cinge em Galaaz, que está surpreendido e agradecido pelo dom que,

graças à donzela, lhe foi concedido pois não só confirmou que é o melhor cavaleiro do mundo como também ganhou a melhor espada do mundo. Pergunta-lhe então o nome e ela identifica-se e descobre o rosto, deixando todos muito felizes ao saberem que é a irmã de Persival.

Sentam-se todos a conversar, exceto Galaaz, que é de súbito invadido por uma grande sonolência e se vai deitar no leito que ali está. Ao vê-lo assim a dormir, a donzela olha-o deliciada e explica aos restantes companheiros que, daquela forma, se está a cumprir a profecia porque aquela cama, sobre a qual Galaaz repousa, fora, há muito tempo, preparada para ele por Salomão, o que nos dá a saber que os conhecimentos desta donzela recaem não só sobre o que está para vir mas também sobre factos de tempos ancestrais.

Continuam a viajar juntos, por mar e por terra. Os cavaleiros vão conhecendo e resolvendo as aventuras que o acaso traz até eles. A donzela volta para a sua posição discreta de testemunha, sem imagem e sem palavra, e só voltamos a dar-nos conta da sua presença alguns capítulos adiante, quando chegam a um castelo, onde, logo à entrada, veem o escudo de Galaaz encostado à parede de uma igreja o que ele interpreta como sendo ação da interferência divina e leva-o consigo. Os viajantes pretendem apenas pedir guarida por uma noite, antes de prosseguirem o seu caminho. No entanto, a sua presença não é bem-vinda e vai ser o pretexto para desencadear a batalha que ali se vai travar.

Depois de passarem as muralhas e de se apresentarem como sendo da casa do rei Artur, os três cavaleiros, Persival, Boors e Galaaz, são muito mal acolhidos. Recusam-lhes a estadia e, de forma ostensiva, convidam-nos a partir. Eles ignoram os avisos (sentem-se confiantes que Deus os protegerá, ou não tivesse Ele devolvido o escudo a Galaaz naquele dia) e continuam a percorrer as ruas da vila até que chegam ao alcácer, onde encontram *gram côrte de cavaleiros e de donas e de donzelas e d'outra gente*. (DSG, p.320) Ao contrário da habitual cordialidade dispensada a todos os cavaleiros andantes, são recebidos por um cavaleiro do castelo que avança provocador e agarra a irmã de Persival, sendo rechaçado pelos três amigos que avançam para a defender. Em reação a este confronto, os do castelo tocam a reunir todas as forças do paço e da vila, mas os três cavaleiros visitantes conseguem a proeza de derrotar os mais de cem cavaleiros que os atacam. No final da luta ficamos a saber, por palavras de um santo eremita, que com aquela vinda dos três valorosos cavaleiros se havia cumprido uma determinação divina: a morte de todos os ocupantes do castelo por serem desleais ao rei e à Igreja.

Os cavaleiros prosseguem nas suas aventuras. Sabemos que a irmã de Persival vai com eles mas, uma vez mais, não é mencionada ao longo de vários capítulos. Os três cavaleiros veem o cervo branco, assistem à sua transformação em homem, durante a missa no eremitério onde lhes é desvendado o segredo daquele mistério. Ignoramos se a donzela também tem as mesmas visões ou

não. Quando se volta a falar dela, é para apresentá-la como motivo que desencadeará nova luta para o cumprimento de mais um dos desígnios de Deus.

Ao passarem junto a um castelo, são abordados por um cavaleiro que sai ao seu encontro e lhes diz ser costume naquele lugar que toda a donzela, que por ali passe e seja virgem, dê sangue do seu braço para encher uma escudela de prata. Interpela o grupo com a curiosa pergunta:

- *Senhores, esta donzela que vai com vosco é virgem?*
(- Senhores, esta donzela que vai convosco é virgem?)

A resposta surge imediata, como se esta fosse uma questão comum.

- *Sim, disse Boorz, verdadeiramente. (DSG, p.327)*
(- Sim, disse Boorz, na verdade, é.)

Como os três companheiros da donzela se opõem a tão desagradável ritual, inicia-se a batalha que dura até ao cair da noite. Quando a escuridão os impede de lutar, um velho do castelo pede-lhes tréguas prometendo-lhes boa hospedagem e garantindo que pela manhã serão retomadas as posições dos dois grupos beligerantes tal como no momento da interrupção da batalha. Promete-lhes também que ficarão a saber o porquê daquele costume o que, segundo crê, os fará querer desistir da batalha e permitir que a donzela se submeta ao sacrifício.

O serão desenrola-se em grande alegria e boa disposição e os do castelo esforçam-se por receber da melhor maneira possível os, até há pouco, inimigos. Depois do repasto, é contada a história da origem da estranha tradição que se iniciou quando a senhora deste castelo engafeceu e foi informada que a sua cura só aconteceria quando fosse ungida com sangue de uma virgem, que o fosse por vontade própria e que fosse filha de rei e de rainha e que o acaso por ali faria passar um dia. Ao ouvir tal relato, a irmã de Persival propõe-se de imediato oferecer o seu sangue para salvar a dona do castelo. A oposição de Galaaz e de Persival é agora muito débil, apesar de terem consciência da consequência trágica que esta dádiva terá para a donzela, pois, devido à sua tenra idade, a perda de tanto sangue quanto o que é necessário para encher a escudela de prata, provocará a sua morte.

- *Certas, disse Galaaz, se o fazedes, eu vos digo que sodes morta, ca sodes mui menina. (DSG, p.330)*

(- Por certo, disse Galaaz, que se o fizerdes, digo-vos que morrereis, pois sois muito menina.)

Esta réstia de resistência, de quem pouco tempo antes não se importara de matar e ferir centenas de cavaleiros para defender a donzela, é surpreendente e será, de imediato, aniquilada pelo argumento de que o sacrifício resultará em honra, não só para ela, mas também para a sua linhagem.

[...] *se eu morrer por guarecer ela, esto é minha honra e de meu linhage. (DSG, p.330)*

([...] morrer para que ela se cure, será a minha honra e a da minha linhagem.)

Pelo que eles, sendo seus parentes, acabarão também por beneficiar. Por fim, a jovem lembra que assim se impedirá a terrível batalha que continuaria na manhã seguinte, causando mais mortes com as quais, agora, todos se parecem preocupar. Atingido o consenso, a escudela de prata é trazida e faz-se o sangramento na presença da dona do castelo, desfigurada e em sofrimento, mas que exige à donzela o cumprimento da promessa, sem qualquer tipo de compaixão pela perda da sua vida. Exangue e exaurida, a irmã de Persival tem ainda tempo para dar algumas indicações aos companheiros, começando com as instruções para o seu funeral, um ritual de passagem sobre as águas a caminho da eternidade.

- Irmão Persival, eu morro por saúde desta dona. Rogo-vos que me não soterrades, mas tanto que for morta, levade-me ao porto do mar que daqui achardes mais perto, e metede-me em ãa barqueta e leixade-me ir assi como a ventura me queira guiar. (DSG, pp.330, 331)

(- Irmão Persival, morro pela saúde desta mulher. Rogo-vos que não me sepulteis, mas que, quando estiver morta, me leveis ao porto de mar que mais perto daqui encontrardes, e metei-me numa barqueta e deixai-me ir assim como a ventura me queira guiar.)

Ela anuncia-lhes que a encontrarão mais tarde, na cidade de Sarraz, cidade onde vivera o rei Mordaim, onde irão depositar o Santo Graal e explica-lhes que lá a deverão enterrar, no paço do Graal, onde também Galaaz e Persival serão, a seu tempo, sepultados.

[...] fazede-me soterrar no paaço Celestial [...] porque dom Galaaz há i de jazer soterrado e vós, irmão, outrossi. (DSG, p.331)

([...] fazei-me sepultar no paço Celestial. E sabeis porque vo-lo rogo? Porque dom Galaaz aí há de ser sepultado e vós, irmão, também.)

Dá-lhes, de seguida, algumas indicações sobre o que deverão fazer nos tempos mais próximos.

- Senhores, partide-vos manhã a hora de prima e filhe cada ãa sua carreira, tá que Deus vos er assue em casa do Rei-Pescador. E vós, dom Galaaz, [...] por Deus, er coitade-vos de tornardes a Camaalot ca bem sabede que rei Artur há mui mesteer de tornardes a ele. (DSG, p.331)

(- Senhores, separai-vos amanhã à hora de prima e ide cada um por seu caminho, até que Deus vos reúna em casa do Rei-Pescador. E vós, dom Galaaz, [...] por Deus, esforçai-vos por regressar a Camaalot porque sabeis que o rei Artur precisa muito que retorneis para junto dele.)

Por fim, pede-lhes que lhe tragam um confessor e logo se aproxima um eremita a quem a donzela se confessa. Depois, cruza os braços sobre o peito e morre com toda a serenidade.

Até ao último momento da sua vida, todos os acontecimentos são conduzidos, ao pormenor, pela jovem irmã de Persival. Esta menina é a figura feminina que mais conhecimento tem sobre os segredos do Graal. Poderíamos esperar que a filha do rei Peles, que vive no palácio de Corberic, fosse quem mais soubesse dos seus segredos, mas tal não sucede, talvez por não ser suficientemente pura. Tendo em conta o facto de ter concebido Galaaz numa relação amorosa com Lancelot, será fácil de depreender que, nesse universo de intenso apelo à castidade, as portas da sabedoria divina estivessem vedadas a uma mulher que, ainda que por uma única vez, se enredasse na teia do amor e cometesse o pecado da carne. A irmã de Persival, pelo contrário, não carrega essa mácula e, por isso, tudo parece ser-lhe revelado, ainda que, em algumas circunstâncias, só de forma gradual. Por exemplo, no caso do castelo onde vive a mulher leprosa, se tivesse tido conhecimento prévio de que o seu sacrifício seria necessário, poderia ter logo feito o oferecimento do seu sangue, como depois o vem a fazer, e ter salvado as centenas de vidas dos cavaleiros que lutaram à entrada do castelo. Contudo, assiste-se à carnificina e só depois chega a revelação que desperta a atitude de generosidade da donzela. É difícil compreender os desígnios de Deus, mas fácil de entender a estratégia do narrador: encher a narrativa de lutas sangrentas que fascinariam os seus leitores/ouvintes e onde lhes deixava espaço para projetarem os seus sonhos de heroísmo.

Após a morte de sua irmã, Persival e os companheiros cumprem o seu último desejo e depositam o corpo no barco que a espera e que logo se afasta da costa, levado pela brisa, à deriva pelo mar. Quando regressam, encontram o castelo destruído e os seus habitantes soterrados sob os escombros, incluindo a mulher que acabara de obter a sua cura.

Apetece-nos, uma vez mais, questionar esta conceção dos ‘timings’ divinos pois, se era afinal necessário punir com a morte os habitantes do castelo pelas suas más práticas, porquê sacrificar a vida da jovem irmã de Persival para salvar a vida de uma mulher má e pecadora, que é, logo de seguida, morta por ação do Todo-poderoso? Claro que nos podemos conformar com a imperscrutabilidade das opções divinas e nada mais questionar. Contudo, procurando encontrar outros simbolismos, pensamos poder interpretar a unção do corpo doente com sangue de uma virgem como ritual de purificação da alma da mulher pecadora, encarando a doença que apresentava no corpo como o reflexo de uma alma impura. Desta forma, ficaria acessível aos olhos de todos que Deus permitira que se salvasse para poder, então, ascender ao reino dos céus. Por outro lado, com a perda do seu corpo físico¹ a irmã de Persival conseguiu enobrecer a honra da sua linhagem, garantir entrada no céu para a sua alma e ainda deixar sua pureza atestada perante o mundo, onde o seu exemplo deveria ser seguido.

¹ Ao aceitar a morte do seu corpo físico, a jovem irmã de Persival, libertou-se do risco de algum dia vir a sucumbir ao pecado e pôde ascender ao paraíso celestial. Na visão da doutrina religiosa medieval, o corpo era encarado como o instrumento que permitiria levar a pessoa à concupiscência e ao pecado e estava, por esse motivo, associado ao Mal. Libertando-se dele, o espírito podia dedicar-se ao Bem e, assim, ganhar a graça de Deus na eternidade.

O efeito dramático de uma tal sequência de martírios, sobre o ouvinte/leitor, seria impressionante e doutrinador, aspeto que não seria, por certo, menosprezado pelo autor do texto. Quase conseguimos visualizar a assistência atemorizada perante as exigências sangrentas do Todo-poderoso neste ritual de purificação, primeiro pelo sangue e depois pela água. Uma vez ungida com o sangue da donzela, a mulher obteve a sua cura; contudo, era ainda necessário expurgar o pecado e a maldade de todos os outros habitantes daquele lugar. Para que isso aconteça, cai a bâtega de água demolidora e todos perecem. Só esta chuva enviada dos céus e o sangue derramado por todos os que ali são sacrificados será suficiente para lavar o pecado e o mal e, porventura, abrir-lhes as portas do céu.

As aventuras da demanda do Graal prosseguem e voltamos a encontrar referência à irmã de Persival já quase no final da novela, quando Galaaz, Persival e Boorz, que foram incumbidos de levar do castelo do rei Peles a mesa de prata sobre a qual repousa o Santo Graal, aportam na cidade de Sarraz. Uma voz diz-lhes que levem o Santo Vaso para o palácio onde Nosso Senhor ordenou o primeiro dos bispos, Josefes e, no momento em que se preparam para o fazer, veem aproximar-se a barca onde tinham depositado o corpo da irmã de Persival e assim confirmam a verdade do que ela lhes havia dito:

Bem nos teve esta donzela o que nos prometeu. (DSG, p.456)

(- Bem manteve esta donzela o que nos prometeu.)

Após transportarem o Graal, os três cavaleiros voltam à barca e levam o corpo da donzela, para ser sepultada *tam ricamente como filha de rei deve ser. (DSG, p.457)* Persival é, mais tarde, sepultado por Boorz, junto de sua irmã e de Galaaz, que também entretanto morrera.

Na esfera do ambiente desta narrativa, a irmã de Persival é a mulher que alcança maior honra, sendo elevada à categoria de santa, isenta de qualquer pecado. Podemos considerar que representa o equivalente feminino da perfeição alcançada por Galaaz, porém, enquanto a ele é dado o privilégio supremo de gozar das delícias do Santo Graal, ela nunca o alcança ou sequer parece almejar. Talvez porque já conhecia os segredos dos seus mistérios, como fica evidente da sua conduta, e já estaria, por conseguinte, inundada da tal plenitude que do Graal derrama. Esta é a única presença feminina a quem é oferecido o direito de ficar sepultada, junto ao cavaleiro eleito por Deus, garantindo-lhe um estatuto de igualdade único. Na área dos simbolismos, e tendo em conta o ritual do seu sacrifício, parece-nos ser mesmo possível estabelecer um paralelismo entre a escudela onde o seu sangue é derramado e a taça onde foi recolhido o sangue de Cristo. Tal como Ele, o seu sangue é oferecido para salvação de outrem.

As 60 virgens

Eis-nos perante um outro exemplo de donzelas sobre as quais a justiça divina não fez recair a sua misericórdia. São sessenta jovens virgens e estão sepultadas no castelo da mulher leprosa que, há pouco, mencionámos a quem fora dito, por um eremita, que para alcançar a cura, teria que untar todo o corpo com o sangue de uma donzela virgem. Desde o dia em que a mulher tal soubera, foi instituído como ritual do castelo que todas as donzelas que por ali passassem fossem obrigadas a entrar e a dar do seu sangue uma quantidade suficiente para encher uma grande escudela de prata. O sangue assim recolhido era passado pelo corpo da mulher na esperança de obter a sua cura mas, até à chegada da irmã de Persival, todas as tentativas se provaram infrutíferas e os corpos das donzelas que perdiam a vida na sequência do cruel sangramento eram sepultados num cemitério do castelo. A mulher alcança enfim a sua cura que, todavia, de pouco lhe servirá pois logo de seguida, Deus fará abater sobre o castelo a enorme tempestade que provocará o desmoronamento das muralhas sobre todos os que lá viviam, incluindo a recém-curada mulher, mas deixará intocado o cemitério onde estão as sessenta campas, no meio de formosas árvores e erva verde.

Quando Galaaz e Persival se dirigem para o cemitério, uma voz informa-os que ali estão as virgens que morreram para tentar curar a mulher má e pecadora. Ao ler as pedras tumulares constata-se que das donzelas ali sepultadas doze são filhas de reis, o que aos seus olhos torna as suas mortes mais lamentáveis. Os dois cavaleiros percorrem as campas e lastimam a sorte das donzelas, não por elas, pelas suas vidas perdidas ou pelo sofrimento que tivessem passado, mas sim pelo facto de não terem podido procriar e assim dar ao mundo homens que porventura poderiam vir a alcançar grandes feitos.

[...] *ca muitos homens bõos poderam de taes donas sair (DSG, p.334)*

([...] porque muitos homens bons poderiam destas mulheres ter nascido.)

Afastam-se do local, lamentando as suas mortes e criticando os habitantes do castelo, que permitiram perpetuar o costume.

[...] *disserom que mau costume haviam manteúdo aqueles do castelo e que fizeram gram mal os da terra aqueles que tam longamente o sofrerom. (DSG, p.334)*

([...] disseram que mau costume tinham os do castelo mantido e que muito mal tinham feito os da terra que durante tanto tempo o permitiram...)

O que não deixa de ter alguma ironia porque eles mesmos, pouco antes, haviam aceitado o sacrifício da irmã de Persival para curar a mulher leprosa e ajudado, dessa forma, a perpetuar a cruel tradição.

*

3. A dimensão da mulher no mundo laico – maternidade, casamento e património

.... She called her husband to her, and quoth she to him,
“I’m going to die of this sickness and thou wilt wish for
another wife. And these days wives are the dispensers of
gifts, but it is wrong for thee to despoil thy son. I ask of
thee that thou take no wife till thou see a two-headed
briar on my grave.”

Culhwch and Olwen (Mabinogion)

3.1. Mães

A importância que este grupo de mulheres tem na narrativa é secundária, já que o valor de cada uma delas é, exatamente, o de ser a mãe de algum ser que se distingue pelas suas características ou pelos seus feitos, o que seria, por certo, o reflexo da realidade social em que o criador do texto e os seus leitores/ouvintes se inseriam. Na época medieval, como nos diz Lynn Laufenberg, “women’s social value, particularly in Mediterranean and Islamic societies, often centered upon their reproductive capacity as perpetuators of male lineages [...]”¹. A mesma perspetiva é corroborada por Claudia Opitz² ao dizer que, sobretudo nas classes aristocráticas, prevalecia a crença que Deus criara a mulher com a função de trazer ao mundo herdeiros que assegurassem, não só a permanência de património nas mãos da família, mas também a continuidade dos poderes políticos como garantia da manutenção da estabilidade social. São inúmeros os casos da história em que os reinos entraram em convulsão ou mesmo em colapso quando os soberanos não tinham descendência, deixando espaço à cobiça dos que logo se perfilavam como candidatos ao trono. Tema bem familiar na literatura arturiana e também presente em *A Demanda do Santo Graal*, objeto do nosso estudo, onde o casal real, Artur e Genevra, se mostra incapaz de produzir um herdeiro, implicitamente por culpa da rainha, uma vez que a Artur é atribuída a paternidade de Artur, o Pequeno, e de Morderet.

A maternidade trazia consigo outra componente: a do pecado original, cuja culpabilidade recaía em exclusivo sobre o elemento feminino do casal, ideia muito arraigada nas sociedades cristãs, desde tempos imemoriais e registada nos escritos bíblicos. Como lembra Chiara Frugoni:

¹ Lynn Marie Laufenberg, 2006 “Honor and Reputation”, in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, ed. Margaret Schaus, Routledge Taylor & Francis Group, New York (p. 376).

² Para mais detalhe ver: Claudia Opitz, 1993, “As mulheres nas estratégias familiares e sociais - O quotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500)”, in *História das Mulheres - A Idade Média*, direção de Georges Duby e Michelle Perrot, Porto, Edições Afrontamento, (pp.354 - 435).

No Genesis, a maldição do ato de procriar atinge Eva e apenas Eva, que se torna a protagonista culpada da união carnal, marcando, desse modo, pesadamente o destino – o seu e o das suas descendentes – de esposa e de mãe¹.

Retomemos então o texto de *A Demanda do Santo Graal* onde vemos que a notoriedade dos filhos podia trazer prestígio às suas mães e até, em alguns casos, fazê-las ascender a um patamar de veneração social ou de conquista de espiritualidade, como se a demonstração de atitudes honrosas por parte do ser por elas gerado compensasse o estigma da perda de castidade implícita no ato de conceber. Quando, pelo contrário, o filho se prova de má índole, a figura da mãe fica aviltada ou mesmo amaldiçoada. Do mesmo modo, uma atitude pecaminosa por parte da mãe pode trazer consequências trágicas sobre o seu filho, como no caso da mãe da Besta Ladrador que em breve referiremos.

Nesta obra, as mães são também vistas como protetoras e conselheiras e, mesmo quando estão distantes dos filhos, parecem velar por eles, adivinhar os seus problemas e intervir na hora certa, enviando-lhes as suas mensagens, se não físicas, pelo menos através de manifestações espirituais ou oníricas. E porque os atos dos seus filhos são cruciais para o desenrolar da história, delas passamos a falar, como uma das mais interessantes ocorrências femininas da novela.

A filha do gigante

A filha do gigante viveu no alto da montanha na companhia de seu pai, até ao dia em que um grupo de cavaleiros fez a proeza de o matar. No contexto das lendas arturianas é comum o aparecimento de gigantes² que são, usualmente, seres cruéis e destituídos de compaixão, que os

¹ Chiara Frugoni – “A mulher nas imagens, mulher imaginada – o ponto de vista da Igreja”, in *História das Mulheres - A Idade Média*, direção de Georges Duby e Michelle Perrot, Edições Afrontamento, Porto, 1993 (p. 462).

² De acordo com as lendas antigas, os primeiros habitantes da Grã-Bretanha eram gigantes de aspeto horrível que tinham a capacidade de se reproduzir em grande número e viviam nas montanhas, em cavernas, protegidas por muralhas altas ou fossos profundos. Retrocedamos no tempo para saber a origem destas criaturas. Tudo começara na Grécia onde o poderoso rei e a sua esposa viviam com as suas 30 filhas, todas elas muito altas e belas como os seus pais e extremamente orgulhosas. Quando chegaram à idade de casar, o rei tratou de procurar-lhes marido entre os mais importantes monarcas dos reinos vizinhos. Depois de casadas, não obstante o seu estatuto de rainha, pareceu-lhes insuportável ter que se subordinar à autoridade dos maridos e por isso reuniram-se e todas concordaram desfazer-se deles, quando a oportunidade surgisse. Até lá deveriam manter sigilo absoluto sobre os seus propósitos. Aconteceu, porém que a mais jovem das irmãs, que amava o marido, sentindo-se incapaz de levar a cabo o prometido, pô-lo ao corrente da situação e este logo foi contar ao sogro. Furioso, o rei da Grécia chamou as filhas e, como castigo, meteu-as num barco à deriva pelo mar, sem água, alimento ou agasalho que as pudesse confortar. Sofreram dias e dias, perdidas pelo mar, enfrentando tempestades terríveis, até que deram à costa numa terra desconhecida. Desembarcaram, beberam da boa água e comeram dos frutos abundantes que cresciam nas árvores e, porque a mais velha das irmãs se chamava Albina, decidiram dar àquela terra o nome de Albion. O tempo passou, as jovens recuperaram energias, aprenderam a caçar, exploraram a terra e, depois de descobrirem que estavam sós e distantes de tudo, começaram a desejar ardentemente um companheiro. Atentos, os incubos que por ali andavam logo trataram de vir ao seu encontro e com elas se deitaram. Destas relações resultou a primeira geração de gigantes, cuja descendência habitou depois toda a ilha durante 260 anos, até à chegada de Brutos que os derrotou e rebatizou a terra de Britânia, para memória de si próprio que agora a fundava. Para maior detalhe: Richard Barber, ed, 2004, *Myths and Legends of the British Isles*, The Boydell Press, Woodbridge, UK.

cavaleiros procuram derrotar para libertar uma terra ou aqueles que são vítimas da sua opressão. Mas o defeito dessas figuras colossais pode ser tão só o de serem pagãos dos quais o mundo se precisa livrar, como será o caso presente, segundo o que podemos inferir. Não nos parece que a jovem vivesse oprimida ou contrariada porque em momento algum o manifesta, e, a julgar pelo seu comportamento na corte, tudo indica que gostava do progenitor e tinha orgulho na sua herança cultural. Ora, passada a euforia da vitória sobre o gigante, os cavaleiros deparam-se com o problema de não saber o que fazer com aquela jovem pagã mas de grande formosura. Incapazes de encontrar uma solução, levam-na à corte para que o rei possa tomar a decisão mais adequada. Magnânimo, Artur propõe à donzela que se converta, prometendo-lhe, que sendo cristã, poderá receber terra rica e bom marido. A jovem recusa renunciar à sua fé, afirmando preferir a morte. Toda a corte fica em silêncio, temendo, em suspenso, a reação do rei a tal resposta desafiadora, até que Esclabor, cavaleiro pagão, que está de passagem pela corte, faz ouvir a sua voz e, com o argumento de ser ele próprio também pagão, reclama para si a bela jovem.

- *Senhor, [...] ca bem sabede ca eu som pagão com ela, e por esso vo-la peço. (DSG, p.101)*

(- Senhor, [...] pois bem sabeis que sou pagão como ela, e por isso vo-la peço.)

Ainda que com algum desagradado, o rei acaba por concordar:

- *Ora seja tua, pois ambos sodes de ũa lei mas muito vos amara mais se fôssedes cristãos. (DSG, p.102)*

(- Ora que seja tua, já que ambos sois da mesma lei, mas muito mais vos estimaria se fôsseis cristãos.)

Casam e, em doze anos, têm doze filhos varões. O único momento da narrativa em que esta mulher tem voz é nesse episódio em que expressa a sua única vontade: a de querer continuar pagã, uma ousadia que quase lhe custava a condenação à morte. O seu mérito na vida foi o de gerar doze valorosos cavaleiros que depois vivem num castelo que lhes foi dado pelo rei Artur. Mais tarde, onze deles morrem, num dia fatídico, quando andam em perseguição da Besta Ladrador. O pai, Esclabor, sobrevive, apesar de ficar ferido na luta. Palamedes, o filho mais velho, que ficara em casa por estar doente, vai, a partir desse dia tomar para si a tarefa de vingar os irmãos e desvendar o mistério da Besta.

Quando Esclabor, já velho, conta a sua história, tomamos conhecimento de que entretanto se convertera e se tornara um exemplar seguidor dos preceitos cristãos. Ele próprio aconselhará com insistência Palamedes, o filho sobrevivente, a receber o batismo. Da mulher com quem casou, a mãe do quase invencível Palamedes, não sabemos se alguma vez se converteu ou se permaneceu pagã até o fim dos seus dias; reconhecemos, sim, que a sua presença na narrativa é de fulcral importância. Ela entra em cena no momento oportuno para que o enlace com Esclabor, o cavaleiro pagão, possa

acontecer. Casá-la com alguém que não comungasse da mesma fé seria chocante para o narrador e para o seu público¹. Como nos diz Paulette L’Hermitte-Leclercq, a união entre duas pessoas de diferentes religiões era condenável e revestia-se de uma gravidade, apenas comparável à de práticas de bestialidade e era punível com condenação à morte na fogueira. Mesmo na Península Ibérica, onde cristãos e mouros viviam lado a lado, um homem que professasse o judaísmo ou o islamismo e mantivesse uma relação com uma mulher cristã, arriscava-se a enfrentar a pena capital². Ora, um tal escândalo não poderia ensombrar a origem da vida de Palamedes, o único cavaleiro, para além de Galaaz a quem é dado o privilégio de levar a bom termo uma das grandes aventuras do reino de Logres. Desta forma, ficou legitimada e dignificada a vinda ao mundo de Palamedes.

*

Elena de Benoic

A rainha Elena, de Benoic é mencionada num episódio em que, por breves instantes, aparece no sonho do filho, Lancelot, e o exorta a deixar o pecado em que vive, devido ao seu envolvimento com Genevra. Acusa-o de não valorizar os dotes que Deus lhe concedera, ao tê-lo feito mais belo e galante do que qualquer outro, preferindo antes entregar-se à tentação do demónio. Na sua reprimenda Elena não deixa de incluir um toque de maldição sobre a figura da amante, na qual se infere uma implícita atribuição de culpa.

[...] *Filho, Deus te facera fremoso e de melhor doairo que outro cavaleiro, e tua beldade e teu doairo sam perdudos, ca meteste todo em serviço do demo quando te ajuntaste com a rainha Genevra, que em mau ponto foi nada, e és gram tempo com ela contra Deus e contra direito.* (DSG, p.162)

([...] Filho, Deus tinha-te feito formoso e de melhor garbo que outro cavaleiro, e a tua beleza e o teu garbo estão perdidos, pois que te entregaste ao serviço do demo, quando te juntaste com a rainha Genevra, que em má hora nasceu, e estás com ela há muito tempo, contra Deus e contra o que é direito.)

Insiste para que desista dessa relação que o levará a morrer em desonra e o condenará a enfrentar as terríveis penas que lhe serão infligidas, como castigo, na vida eterna.

[...] *por pouco sabor e por pequeno que tu ende houveste, ca atal é a pendença deste pecado que o sabor é mui pequeno e a cuita e a dor é perdurável* [...] (DSG, p.163)

¹ Paulette L’Hermitte-Leclercq. “A Ordem Feudal (séculos XI-XII)”, in *História das Mulheres- A Idade Média*, (pp. 273-329), direção de Georges Duby e Michelle Perrot, Edições Afrontamento, Porto, 1993 (p. 289).

² Heath Dillard, “Iberia”, in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, (pp. 389-391) ed. Margaret Schaus, Routledge Taylor & Francis Group, New York 2006 (p. 390).

([...] pouco e pequeno é o prazer que com isso tiveste, porque é tal a penitência deste pecado, que pouco e curto é o prazer comparado com o sofrimento e a dor eternos [...])

Sobre Elena sabemos ainda que, tal como a sua irmã, quando criança, fora dada em casamento ao rei Bam, por seu pai, o rei Galegantim. Este tipo de acordo matrimonial é ilustrativo de uma prática habitual na sociedade medieval: a escolha do consorte feita pelos pais, muitas vezes quando os filhos eram ainda de tenra idade. O casamento era encarado como um contrato que tinha como principal objetivo garantir a continuação dos padrões de prestígio da linhagem e satisfazer as conveniências políticas ou económicas das famílias, ignorando por completo o tipo de sentimentos que os nubentes pudessem nutrir um pelo outro ou sequer a diferença de idades entre eles. O rei Afonso III, que referimos no início deste trabalho é, como vimos, um desses casos. Primeiro ao contrair matrimónio com Matilde, alguns anos mais velha do que ele, para satisfazer os interesses da sua tia e, anos mais tarde, negociando ele mesmo o seu segundo casamento com a filha de Afonso X, Beatriz, ainda uma criança.

A aridez deste tipo de compromisso matrimonial, que descurava a importância dos sentimentos, explica que homens e mulheres se sentissem compelidos a procurar o jogo dos afetos noutra tipo de relações, extramatrimoniais, como as que se enquadravam nos parâmetros do chamado *amor cortês*, que secundarizavam a consumação do ato físico, mantendo a expressão da sedução ao nível da mesura e da palavra ou remetendo a paixão para o campo secreto da imaginação¹.

*

Amida, a mãe de Galaaz

Galaaz nasceu de um encontro amoroso entre Lancelot e a filha do rei Peles, o Rei-pescador. Este é um facto que parece ser conhecido e aceite, de um modo geral, por todos os intervenientes na novela: a abadessa refere-o quando Galaaz se prepara para a cerimónia de investidura da sua cavalaria; Genevra também sabe e di-lo ao próprio Galaaz quando este, com gentileza, tenta omitir a sua paternidade².

Sobre a mãe de Galaaz, sabemos que é muito formosa e que vive com o pai enfermo, no castelo de Corberic, onde está guardado o Santo Graal. Sabemos também que se chama Amida e que foi ela quem enviou a mensageira com a incumbência de levar Lancelot à abadia, no momento certo

¹ Ver a este respeito: Georges Duby, “O modelo cortês”, *Op. cit.* p.332 e seguintes (Retomaremos o tema no capítulo 5.3).

² Cf. Genevra.

em que Galaaz deveria ser armado cavaleiro. O que nos mostra que, ainda que à distância, Amida vela pelo seu filho, tratando dos procedimentos necessários para garantir que seja o pai, o prestigiado Lancelot, a armá-lo cavaleiro. Voltamos a encontrar Amida, quando Lancelot chega a Corberic, e é encontrado sem sentidos à entrada da câmara onde acabou de ter um fugaz vislumbre do Graal. Esta breve visão é tudo o que lhe será permitido ver do Santo Vaso, uma vez que a convicção do arrependimento e penitência feita não são suficientes para alcançar o perdão dos seus pecados.

Os habitantes do castelo aproximam-se curiosos, mas não reconhecem o cavaleiro e o rei Peles, ignorando que tipo de pessoa será, ordena aos seus homens que o mantenham sob vigilância. Entre os curiosos que vêm ver o misterioso visitante está Amida que, depois de o olhar, reconhece ser *o homem do mundo que ela mais amara*. (DSG, p.403) Em silêncio, retira-se para os seus aposentos onde chora copiosamente. Assim que o rei Peles é informado que a filha reconheceu o cavaleiro, exige-lhe que lho revele, ao que ela obedece, sem qualquer hesitação. Pai e filha levam Lancelot para uma câmara onde lhe despem a armadura para que possa melhor descansar e ficam surpreendidos ao verificar que o cavaleiro usa uma áspera estamena, por debaixo das vestes. Aquela prova de sacrifício da carne não condiz com a fama de quem aprecia os prazeres da vida, que é por todos atribuída a Lancelot. Mantêm-se vigilantes à sua cabeceira durante os 24 dias em que permanece inconsciente e em grande sofrimento. Ao 25º dia¹, quando já ninguém acredita que possa escapar da morte, acorda curado.

A filha do rei Peles não volta a ser referida, nem mesmo quando o seu filho Galaaz chega a Corberic e tem o privilégio supremo de ver o Santo Graal e de se tornar seu guardião. Com a chegada do neto, o rei Peles fica curado da maleita que há muito o atormentava e decide recolher a um eremitério até o fim dos seus dias. De Amida nada mais é dito. O seu papel pode ser visto como representativo do que se esperava de uma mulher: procriar e cuidar dos pais ou parentes enfermos e a isto se resumiu a vida da filha do rei Peles. Pecou com Lancelot e teve o privilégio de ser a mãe do cavaleiro perfeito, mas que em momento algum se refere a ela. Amida terá vivido um momento de felicidade, no seu encontro amoroso, mas depois é condenada a permanecer isolada, confinada a um mundo mágico dentro dos muros do castelo de Corberic.

*

¹ Aos vinte e cinco dias, chega a Corberic um eremita e explica que Lancelot permaneceu naquele estado durante vinte e quatro dias, por ser esse o número de anos que decorreram desde que fora armado cavaleiro, período em que também mantivera a relação com a rainha. Vinte e cinco é o número de anos em que foi cavaleiro da Santa Igreja.

As irmãs do rei Peles

O rei Peles teve duas irmãs que foram dadas, pelo rei Artur, em casamento aos filhos do rei Tanam: Dirac e Lac. A que casou com Lac, foi depois a mãe de Erec, o cavaleiro que falava sempre a verdade e de uma menina, cuja história trágica descrevemos¹.

A que casou com Dirac, deu-lhe três filhos e uma filha. Os filhos, depois de adultos, com inveja da fama e riqueza do tio Lac conspiraram para o matar. Morto o tio, pretendiam também livrar-se de Erec, mas este escapou à cilada que lhe haviam preparado, porque tinha entretanto partido para Camaalot. Não desistindo dos seus propósitos, decidem aprisionar a prima, irmã de Erec, que acreditam ser o chamariz perfeito para o atrair até eles.

*

A mãe da Besta Ladrador

A filha do rei Hipomenes é uma donzela muito formosa, letrada, conhecedora de muitas artes de magia e amante dos prazeres da vida. Aos 20 anos, apaixonou-se pelo irmão, chamado Galaaz, também ele um jovem belo, mas que faz questão de se manter virgem e ao serviço de Nosso Senhor. Quando a irmã lhe confessa os seus sentimentos, ele ameaça mandá-la queimar e a jovem, temerosa e envergonhada, tenta calar a paixão. Contudo, o sofrimento que o desejo insatisfeito lhe causa torna-se insuportável e ela decide pôr termo à própria vida. No momento em que está junto à fonte do jardim e levanta já o punhal para se matar, surge o diabo na forma de um homem de grande beleza e diz-lhe que a ajudará a conseguir o amor do irmão, como tanto deseja, se antes se deitar com ele que muito a ama e preza. Depois de alguma renitência inicial, a donzela conclui que esta é a única forma de conseguir o que quer e acaba por aceder à exigência daquele homem, cuja aparência e modo de falar até lhe agradam. Deita-se com ele e o prazer que sente fá-la esquecer a paixão pelo irmão. Os encontros com o demo sucedem-se, para deleite de ambos e, com o passar dos dias, a donzela começa a desejar vingar-se do irmão por a ter rejeitado e quer matá-lo. O demo adivinha os seus pensamentos e sugere-lhe um stratagem para conseguir que o irmão morra sem que seja ela a matá-lo.

Tudo acontece como planeado: a jovem atrai o seu casto irmão a uma câmara e, quando ficam a sós, logo ela se insinua. Ele reage aos avanços dando-lhe uma forte bofetada que a deixa com o rosto ensanguentado. Então, ela começa a gritar por socorro e, assim que o pai chega, apressa-se a dizer-lhe que o irmão a queria violentar. Matreira, acrescenta que este assédio vem acontecendo faz já tempo e que nunca se tinha queixado por temer que o irmão a matasse. Este era um detalhe

¹ Cf. Irmã de Erec.

fulcral para justificar o avançado estado da sua gravidez. O rei manda prender e condena à morte o seu jovem filho que, desesperado, protesta a sua inocência sem que alguém o creia e dá à cruel donzela a possibilidade de escolher a forma de execução do irmão.

- Eu quero, disse ela, que o deitem aos cães. E os cães sejam em jejūũs de VII dias quando lho houverem a deitar. (DSG, p.450)

(- Quero, disse ela, que o deitem aos cães. E que os cães estejam em jejum há sete dias quando lho deitarem.)

Assim é feito, conforme a sua vontade. No momento em que é conduzido à morte, o rapaz diz à irmã, na presença de toda a corte, que Deus o vingará pela vergonha que ela o faz passar e anuncia-lhe que a criatura que ela traz no ventre será uma besta inumana, que a nada se poderá comparar e que, porque ela o faz atirar aos cães, essa besta trará dentro de si cães que ladrarão sem cessar.

[...] E aa nacença do que tu trages parecerá que nom foi de mim ca nunca d'homem nem de molher saiu tam maravilhosa cousa como de ti sairá; que diaboo o fez e diaboo trages e diaboo sairá em semelhança da besta mais desassemelhada que nunca homem viu. E porque a cães me fazes dar haverá em aquela besta dentro em si cães que sempre ladraróm. (DSG, p.451)

([...] E na hora do nascimento do que trazes, se demonstrará que não é meu, porque nem de homem ou de mulher saiu alguma vez coisa tão fabulosa como a que de ti sairá. Porque o diabo o fez, é o diabo que trazes e é o diabo que de ti sairá na forma da besta mais desassemelhada que já alguém viu. E porque me fazes dar aos cães, aquela besta terá dentro de si cães, que ladrarão sempre.)

Prediz também que esta besta causará muitos danos até que seja morta por um cavaleiro, tal como ele, de nome Galaaz. O rei não suspende a execução do filho, que é devorado pelos cães, porém, no seu íntimo surge um laivo de desconfiança e resolve manter a filha sob vigilância até ao nascimento do bebé. Quando, por fim, a princesa traz ao mundo a criatura que gerara, todos confirmam ser, de facto, uma besta muito estranha, que solta *os maiores ladridos do mundo* (DSG, p.451) e que, mal vem ao mundo, se põe em fuga com tal rapidez e energia, que ninguém no paço a consegue segurar. Das mulheres que assistiam ao parto, apenas uma sobreviveu, pois todas as outras morreram de susto. Perante as evidências, a princesa é forçada a confessar o seu embuste ao pai, que depois a condena a sofrer uma pena de morte, que o narrador nos diz ter sido ainda pior do que a do irmão, embora não refira qual.

Para o leitor/ouvinte ficam em realce as terríveis consequências que poderão advir de uma relação incestuosa cuja punição, neste caso, se concretiza não só através do sofrimento e morte da donzela pecadora, mas que recai também sobre o filho que nasce como um monstro disforme e ruidoso, que a todos aterroriza. Se bem que a conceção deste ser tenha sido resultado de uma relação com o diabo, na verdade o que esteve na sua origem foi um desejo incestuoso.

Neste episódio, o pecado da luxúria resulta do desejo incontrolado da figura feminina e não do exercício da força e poder masculino, como sucede na maioria os episódios de assédio sexual desta novela.

*

A mãe de Merlim

A Mãe de Merlim é mencionada duas vezes ao longo de toda a obra. A primeira, no momento em que se revela o segredo do nascimento de Meraugis de Porlegues, (filho ilegítimo do rei Mars) apenas porque Porlegues era o nome do castelo onde a mãe de Merlim morreu.

E sabede que Porlegues era aquele castelo u a madre de Merlim foi morta. (DSG, p.226)

A segunda quando se estabelece uma comparação entre a sua relação com o pai de Merlim e o romance entre a filha do rei Hipomenes, mãe da Besta Ladrador, e o diabo.

Assi outorgou [a filha do rei Hipomenes] seu amor ao demo e ele jouve com ela assi como o padre de Merlim jouve com sa madre. (DSG, p.449)

(Assim concedeu [a filha do rei Hipomenes] o seu amor ao demo e ele deitou-se com ela, assim como o pai de Merlim se deitou com a sua mãe.)

Ficamos assim a saber que a mãe de Merlim teve uma relação com uma criatura sobrenatural, da qual resultou o nascimento do mago e que morreu no castelo de Porlegues.

*

3.2. Anfitriãs

Quando os cavaleiros são recebidos por mulheres, elas são quase sempre viúvas e muito pouco ou nada sobre elas é dito, para além do seu estatuto de viúva, do seu eventual parentesco com alguém de renome ou, na maioria dos casos, somos apenas informados sobre o modo como recebem os visitantes, aos quais prestam *bom serviço* que, por vezes, inclui tratar-lhes dos ferimentos infligidos nas inúmeras lutas em que os cavaleiros constantemente se envolvem.

O facto de a maioria das anfitriãs pertencer à condição de viúva, refletiria, por certo, a realidade de uma época em que não era permitido às mulheres a detenção ou administração de terras ou propriedades a não ser após a morte dos maridos e, por tal, só nessa circunstância seriam elas as donas da casa ou do castelo. As mulheres viúvas, ou as herdeiras órfãs, apesar de serem, por direito,

as donas do património que lhes tivesse sido legado por morte do marido ou do pai, ficavam, muitas vezes, sob a tutela de parentes próximos que tratavam de as casar da forma que trouxesse mais proventos para o clã familiar, pois, uma vez casadas todos os bens ficavam sob a administração do marido. Contudo, a partir do século XIII, eram cada vez mais as mulheres, em especial viúvas com recursos, que preferiam não se sujeitar ao jugo marital e optavam por viver em castidade, no que eram amplamente encorajadas pelas entidades eclesiásticas. Este interesse da igreja, pela salvação da alma dessas mulheres, visava outros objetivos de ordem bem mais terrena já que, nos seus testamentos, era frequente que muitas delas legassem todos os seus bens às instituições religiosas que as acolham¹.

A viúva que acolhe Galaaz e o eremita

A primeira anfitriã que encontramos na narrativa de *A Demanda do Santo Graal* é precisamente uma viúva que, por uma noite, hospeda Galaaz e o eremita que viaja em sua companhia. Não nos é dito que tipo de habitação é a sua; sabemos apenas que está situada no meio da floresta. Depois de alimentados e muito bem servidos os visitantes, esquecidos da presença da mulher, embrenham-se numa conversa que se prolonga por toda a noite e na qual o eremita conta a Galaaz sobre os feitos dos da sua linhagem, ao longo dos tempos, e como todos haviam sido servos leais a Jesus Cristo que, por sua vez, havia também demonstrado tê-los em grande estima. Pela manhã, os cavaleiros ouvem missa e despedem-se da mulher.

*

A viúva que criou Meraugis de Porlegues

Uma outra viúva, num outro capítulo, acolhe Persival com todo o desvelo e trata-lhe dos ferimentos, porque da arte de curar muito sabia. Ao fim de 22 dias, quando o cavaleiro está recuperado e se apresta para partir, a mulher faz-lhe um pedido, em paga pela sua hospedagem.

- Eu vos rogo que, em galardão do serviço que vos fiz, que façades cavaleiro este meu donzel que é aqui com migo. (DSG, p.234)

¹ Ver a este respeito: Claudia Opitz, “As mulheres nas estratégias familiares e sociais - O quotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500)”, in *História das Mulheres - A Idade Média*, direção de Georges Duby e Michelle Perrot, Edições Afrontamento, Porto, 1993 (pp.354 -435).

(- Peço-vos que, em compensação pelo serviço que vos prestei, façais cavaleiro este meu pajem, que aqui vive comigo.)

Persival, cauteloso, procura saber mais detalhes sobre o belo jovem que está à sua frente. A mulher conta-lhe então como o encontrou, ainda bebé, na floresta e o trouxe para sua casa e o criou ainda que nada saiba sobre a sua ascendência familiar. Perante esta resposta, Persival recusa-se a armá-lo cavaleiro, por temer que possa provir de más linhagens razão pela qual seria indigno de ascender à condição de cavaleiro. Despede-se da mulher que tão bem o acolheu e parte, deixando muito irado com a situação o jovem, que depois vimos a saber ser Meraugis de Porlegues,

Pouco tempo passado, Tristão procura hospedagem na mesma casa e quando a viúva lhe dirige o mesmo pedido ele não demonstra qualquer relutância em armar o jovem cavaleiro. Depois da cerimónia, Meraugis deixa a casa da mulher que o criou e parte em busca da verdade sobre as suas origens.

Nas encruzilhadas dos caminhos das aventuras, Meraugis virá a encontrar Persival e defrontá-lo-á para se vingar da ofensa que este lhe fizera ao recusar-se armá-lo cavaleiro.

*

Donzela parente de Persival

Esta donzela parece ser a senhora de um castelo onde um dia, ao cair da tarde, chegam Persival e Galvam. Ao vê-los, todos os que habitam no castelo se mostram muito entusiasmados, pois reconhecem pelas indumentárias que são cavaleiros andantes em busca de aventuras. Quando a bela senhora do castelo vê Persival e o reconhece como seu parente, a sua alegria não pode ser maior e providencia para que os dois cavaleiros sejam tratados como se estivessem na casa do próprio rei Artur. Pela manhã, despedem-se da donzela e partem sem qualquer incidente.

*

A irmã de Dondinax

Donzela formosa e *mui filha d'algo*, (DSG, p.294) a irmã de Dondinax, recebe Tristão e Galaaz por uma noite no seu pequeno castelo, situado no alto de uma montanha. Trata-os com muita hospitalidade, por serem cavaleiros da Mesa Redonda, e durante o serão faz-lhes perguntas sobre o irmão às quais eles respondem, com agrado, contando-lhe o que sabem.

*

A viúva que alberga Galaaz por uma noite

Uma outra anfitriã é uma mulher viúva, em cuja casa pernoitam Galaaz, Artur o Pequeno, Palamedes e seu pai. Ela *Recebê-os muito bem e fez-lhes muito serviço.* (DSG, p.344) No dia seguinte, os cavaleiros partem na senda de novas aventuras e nada mais é dito sobre ela.

*

A donzela que envergonha Galaaz

Num castelo onde Galaaz pernoita com Guerres, Agravaim e Morderet, vive uma donzela que surge na narrativa no momento em que Galaaz é alvo de chacota de todos quantos estão reunidos no grande salão, à volta das mesas onde a ceia é servida. Galaaz, que noutras circunstâncias se apresentara como um lutador intrépido, desta vez havia recusado justar contra os cavaleiros que o haviam desafiado à chegada ao castelo. A partir daí, todos o desprezam e consideram cobarde e, quando ele lhes diz o seu nome, ninguém imagina que aquele possa ser o melhor cavaleiro do mundo. Todos concordam que este é outro Galaaz e que o nome é apenas uma irónica coincidência. A donzela, tal como todos os presentes, reconhece a beleza e o garbo do cavaleiro, parando na sua frente de forma ostensiva, observa-o por longo tempo e, mordaz, junta-se ao coro dos que o criticam dizendo-lhe que é uma pena ele se deixe assim humilhar e que não seja melhor cavaleiro já que formoso, sem dúvida, que é.,

- *Quam muito te devera pesar que és tam fremoso e tam mau.* (DSG, p.336)

(- Como deverias lamentar ser tão formoso e tão mau cavaleiro.)

Apesar de ficar irritado com a injustiça de ser assim desconsiderado por alguém que o desconhece, Galaaz opta por manter a mesma postura e suportar toda a aviltção pública.

No seu caminho de ascensão para a quase santidade, Galaaz começa, de forma gradual, a reconhecer que a luta apenas como exercício entre cavaleiros nada tem de meritório aos olhos de Deus e por isso se recusara a lutar. Ter que suportar a zombaria e a humilhação, sem se irritar ao ponto de recorrer à força da espada, é outra prova de superação que é levada ao extremo quando a donzela o confronta. Até esse ponto Galaaz tudo suportara com calma, mas a crítica da donzela fá-lo sentir-se *sanhudo e mui vergonhoso* (DSG, p.336).

*

4. Mulheres detentoras de artes de encantar – fadas e demónios

In my time I have been called many things: sister, lover, priestess, wise-woman, queen. Now in truth I have come to be wise-woman, and a time may come when these things may need to be known.

Marion Zimmer Bradley, *The Mists of Avalon*

Mulheres com poderes mágicos são presença frequente em toda a literatura Arturiana, sendo a sua importância no evoluir dos acontecimentos narrados, algumas vezes, determinante, outras quase imperceptível, conforme os autores pretendam dar maior ou menor protagonismo às artes da magia e do encantamento. Em *A Demanda do Santo Graal* personagens dotadas desse tipo de capacidades são escassas e as que encontramos usam os seus poderes encantatórios para seduzir e enganar os cavaleiros, mesmo os mais castos, e para levá-los a pecar. Como são elas as culpadas deste pecado, o mesmo é relevado aos cavaleiros, que são, afinal, apenas pobres vítimas, levadas a agir sob o efeito dos feitiços e não por vontade própria. Outras, as virtuosas, usam os seus sortilégios para punir cavaleiros pecadores. As habilidades ou rituais a que recorreriam nunca são mencionados.

A filha do rei de Gram Bregonha

A primeira encantadora que ocorre na narrativa é a filha do rei de Gram Bregonha, que se apaixonou por Boorz de Gaunes no primeiro momento em que o vê. Boorz prometera a Deus a sua castidade, mas a donzela fá-lo cair em pecado, enfeitando-o, vindo deste relacionamento a resultar o nascimento de Alaim, o Branco, cavaleiro de reconhecidas qualidades e que, diz o narrador, viria a ser imperador de Constantinopla.

[...] Mas tam taste que o ela vio pagou-se dele e dès ali amou-o. E depois enganou-o per encantamento e jouve com ela e fez ali naquela noite (Alaim) que foe depois emperador de Constantinopla. (DSG, p. 28)

(Mas, assim que ela o viu, enamorou-se dele e desde esse momento o amou. Depois, enganado por meio de um encantamento, deitou-se com ela e fez naquela noite aquele que viria a ser imperador de Constantinopla.)

É ela a responsável pelo único desvio de Boorz à promessa de se manter casto durante toda a vida.

E se Boorz britou aquilo que prometeu nom foi por seu grado, mas pólo encantamento que lh'a donzela lhe fez. E depois corregeo aquilo que fez, que todos os dias da sua vida manteve castidade. (DSG, p. 28)

(E, se Boorz quebrou a promessa que tinha feito, não foi por vontade sua, mas levado pelo feitiço que a donzela lhe fez. Depois procurou redimir-se do que fez, pois manteve a castidade em todos os dias da sua vida.)

Esta figura feminina é mencionada no texto por ser a mãe de Alaim, no momento em que ele recebe o assento na Távola Redonda. Poderemos subentender que, apesar de ter levado Boorz a sucumbir à tentação da carne, o ter dado à luz um cavaleiro valoroso, a redime aos olhos do mundo.

*

A donzela que encantou Persival

Persival é ludibriado por uma donzela de beleza ímpar, que encontra adormecida num rico pavilhão montado junto ao mar. Observa-a em silêncio e conclui, deslumbrado, que apenas a Virgem Maria a ultrapassaria em beleza.

E era tam fremosa que lhe pareceu mais fremosa que a rainha Genevra e ca rainha Iseu e ca fremosa filha do rei Peles, ca lhe pareceu que depois que o mundo foi feito nom foi mulher tam fremosa nem na vira, empero rem se foi aquela virgem que foi virgem e madre e rainha das rainhas. (DSG, p.202)

(E era tão formosa que lhe pareceu mais formosa que a rainha Genevra e que a rainha Iseu e que a filha do rei Peles; tanto, que lhe pareceu que, desde que o mundo fora feito, não houvera mulher tão formosa, nem ele a vira, a não ser aquela virgem, que foi virgem e mãe e rainha das rainhas.)

Quando a donzela desperta, mostra-se surpreendida com a presença do intruso, mas Persival sossega-a dizendo que é cavaleiro andante, conduzido até ali pelo acaso e sem intenção de lhe causar qualquer mal. Sentam-se a conversar e ela conta-lhe a sua história. Diz-lhe como fora enviada da Grécia para Roma onde devia casar com o imperador, que a pedira a seu pai por ouvir falar da sua extrema beleza. O barco em que viajava naufragara, depois de dias de tormenta no mar, e dera à costa na Grã-Bretanha. Os sobreviventes montaram o pavilhão onde se abrigou e ali permaneceu enquanto os que a acompanhavam se divertiam num batel. De repente, o mar eriçou-se e afundou-os e assim ficara completamente só.

À medida que Persival a escuta, vai sentindo crescer em si uma paixão incontrolável. O cavaleiro está doente de amor e acede a todos os caprichos da donzela para que ela seja sua amiga e sua mulher. Quanto mais ela recusa mais ele está disposto a conceder-lhe tudo o que ela lhe peça. A troca de pedidos e juras continua até que um trovão vem interromper o namoro. Persival desmaia e, quando acorda, vê que a donzela é o demo que o veio tirar do bom caminho e do serviço do Senhor.

- *Ai, padre Jhesu Cristo Verdadeiro! Nom me leixes enganar nem entrar na perdurável morte. E se este é demo que me quer tolher de teu serviço e partir de ta companhia, mostra-mi-o. (DSG, p.204)*

(- Ai, pai, Jhesu Cristo verdadeiro! Não me deixes enganar nem entrar na morte perpétua. E se este é o demo que me quer tirar de teu serviço e separar-me da tua companhia, mostra-mo.)

Na verdade esta donzela nem existia; era apenas um truque do diabo.

Tanto que el esto disse, vio que a donzela se tornou em forma de demo tam feo e atam espantoso que nom há no mundo homem tam ardido que o visse que nom houvesse a haver gram medo. (DSG, p.204)

(Assim que disse isto, viu que a donzela tomou a forma de demo, tão feio e tão espantoso, que não há no mundo alguém, por mais corajoso, que, se o visse, não tivesse um grande medo.)

Vimos que em *A Demanda do Santo Graal*, as representações do diabólico surgem com duas funções diferentes: a da sedução e a do castigo. Quando o diabo se manifesta com o intuito de conduzir à tentação e ao pecado surge com a forma de homem ou mulher, de aparência formosa, de trato fino e voz agradável, tal como no episódio que acabámos de referir. Por outro lado, quando a intenção é ilustrar o castigo que resultará do pecado, a manifestação do diabólico faz-se representar por corpos desfeados pelas chamas do inferno e pela dor, como veremos no capítulo dedicado a Morgaim.

*

A maldição de Aglinda

Erec chega a uma fonte de águas límpidas, onde decide descansar e esperar que passem as horas de maior calor, para então prosseguir o seu caminho. Deixa o cavalo a pastar, desembaraça-se das armas e senta-se para usufruir da tranquilidade do local. Porém, pouco depois de lá estar, perde a mobilidade dos membros bem como a voz.

Três donzelas e uma *dona* velha, sua senhora, que andavam a caçar pela floresta, aproximam-se do cavaleiro e, enquanto as jovens pensam que ele está adormecido, a mulher mais velha sabe o que o aflige, porque conhece o segredo do encantamento da fonte. Sabe também quem ele é, como matou a irmã para evitar mentir e sabe ainda do fim trágico que o espera. Depois de informadas sobre os detalhes da história de Erec, as donzelas mostram-se horrorizadas com o facto de ele ter assassinado a irmã e auguram-lhe um pesado castigo. A mulher mais velha é menos severa no seu julgamento e afirma ter pena do cavaleiro e, não obstante condenar o seu ato, lamenta a morte sem honra que terá. Erec ouve tudo o que é dito, mas não consegue articular qualquer som ou mover qualquer músculo do seu corpo até que as jovens decidem arrastá-lo para longe da fonte, e ele

recupera as forças e a fala. Agradece-lhes e pede-lhes que não o odeiem pela morte da irmã, porque se a teve que matar, foi muito a contragosto. Elas nada lhe dizem, mas demonstram sentir alguma compaixão ao trazerem até ele o cavalo e as armas. Em silêncio, humilhado e triste o cavaleiro abandona o local. É com este episódio, em que Erec surge como vítima do terrível encantamento, que o narrador nos conduz à história da Fonte da Virgem e à maldição que sobre ela foi lançada.

Tudo começou com a aventura que ali viveram dois irmãos, filhos do rei Nasco e de sua esposa, uma rainha muito poderosa. Os dois irmãos, Aglinda de 14 anos e Nabur de 16 crescem em harmonia e formosura até ao dia em que o diabo aparece ao rapaz e o usa como instrumento para satisfazer os seus desejos. Nabur anda há três dias perdido na floresta depois de, por descuido, se ter afastado dos homens e dos cães que o acompanhavam numa caçada. Está cansado, cheio de fome e temor de nunca mais conseguir encontrar o caminho para casa. O diabo aparece junto à fonte na forma de um homem de muito boa aparência e promete que o levará a salvo a casa do pai, se ele lhe trouxer a sua irmã.

Aglinda, a quem o demo dirige a sua cobiça, é uma virgem muito bela, virtuosa e dedicada a Deus. Devido à sua bondade e beleza todos a chamam Angélica e o narrador compara-a a santa Catarina, que diz a hagiografia ter sido ao seu tempo famosa pela sua formosura, inteligência e saber¹.

O diabo começa por contar ao rapaz que aquela que ele pensa ser sua irmã não o é. Convence-o de que esta menina é a sua própria filha, que viera ao mundo no mesmo dia em que nascera a filha da rainha, mãe de Nabur, mas, porque a rainha tivera um sonho em que a filha a matava, resolvera matá-la logo depois de nascer. Depois, com medo da reação do rei, procurou arranjar outra criança para pôr no lugar daquela que matara e pede a filha deste homem (o diabo), que lha dá, ficando acordado que ele a poderia ver, sempre que quisesse, e que a criança lhe seria devolvida quando fosse essa a sua vontade. Os anos passaram e agora o homem diz-se infeliz porque a rainha não cumpriu a sua palavra e a filha é demasiado orgulhosa e o rejeita. Assim, convence o rapaz de que afinal aquela donzela com quem vive não tem qualquer laço de sangue com ele e que é sim uma impostora. Com pena do homem, e pressionado pela fome e pelo medo de ficar só na floresta e ser devorado pelos bichos, o rapaz decide ajudá-lo. O demo leva-o a casa do pai e o jovem cumpre o prometido e arranja maneira de levar a irmã à floresta, até à fonte onde ficara marcado o encontro. Enquanto caminham, Nabur observa a bela donzela, que vê agora com novos olhos, e é dominado pela concupiscência que lhe invade o corpo. Ora, não sendo ela sua irmã de verdade, não

¹ Catarina procurou relações de amizade com servos e servas de Deus e (...) Progrediu tão rapidamente na ciência divina que, dentro em pouco, era mestra na ciência da fé. Tendo apenas dezoito anos, em discussões públicas, confundiu os maiores filósofos da cidade natal. In A História de Santa Catarina – *Boletim Congregar*, nº 22, Dezembro 2007, [consultado em 15 de Janeiro 2013] <http://www.acsc.org.br/congrega/congregar22/pagina303.html>

vê razão para não a possuir e satisfazer o seu desejo. Começa por matar o mestre, que Aglinda fizera questão de trazer em sua companhia, e prepara-se para a violar. Ao aperceber-se da situação, a virtuosa donzela pede em fervorosa oração que Deus a ajude e de facto o rapaz cai morto no chão, antes de conseguir realizar os seus intentos. É um caso raro, senão único, nesta narrativa, em que o poder divino se manifesta para ajudar uma donzela em aflição, antes de consumado o mal.

Quando, pouco depois, o rei chega ao local, a donzela explica-lhe o que aconteceu e lança um encantamento sobre a fonte:

[...] já mais cavaleiro nom verrá i, se nom for virgem, que nom o poder do corpo e de todos os membros mentre i for. Nem daqui nunca se moverá, se por molher em nunca sair. [...] E de mim seerá hoje mais esta fonte chamada, mentre o mundo durar, Fonte da Virgem. (DSG, p.254)

([...] Jamais passará por aqui cavaleiro que, se não for virgem, não perca a força do corpo e de todos os membros enquanto aqui estiver. Nem daqui partirá, se não for por mão de mulher. [...] E a partir de hoje, esta fonte será por mim chamada, e enquanto o mundo durar, de Fonte da Virgem.)

E assim foi que, desde então, à exceção de Galaaz e de Persival, os únicos que jamais sucumbiram à luxúria, todos os cavaleiros que vieram até a fonte morreram ou foram muito maltratados.

*

A guardiã da Fonte da Cura

A Fonte da Cura, assim designada por possuir o poder de regenerar quem da sua água beba, está sob o controlo de uma donzela que é a única a conhecer os seus segredos. Atamas foi por ela escolhido como guardião da fonte, mas desconhece porque ganhou a sua água tais poderes; ou porque ela não lho revelou, ou porque ele não teve curiosidade de indagar. Passa o tempo escondido nas redondezas e desafia à luta todos os cavaleiros que passem nas cercanias, sem nunca os deixar aproximar da fonte que fica encoberta pela vegetação. Quando está cansado ou ferido, pede algum tempo de tréguas, abandona o local da contenda e vai até à fonte, de onde regressa restabelecido. Assim, vai vencendo todos os adversários até o dia em que Palamedes passa por ali e logo é confrontado pelo cavaleiro da fonte. A luta é prolongada e, por cinco vezes, interrompida a pedido de Atamas. Palamedes, já fraco, começa a desconfiar que algo de suspeito se passa e quando Atamas solicita um novo intervalo, Palamedes não lhe permite que se afaste.

- Dom cavaleiro, vós me enganastes V vezes. Pa' Santa Maria, nom me enganaredes já mais. Nom vos partiredes de mim assi até que vós me venzades ou eu a vós. Ca vossa ida me fazia gram nojo. (DSG, p. 427)

(- Dom cavaleiro, enganastes-me cinco vezes. Por Santa Maria, não me enganareis mais. Não vos afastareis de mim antes que me vençais ou eu a vós, porque a vossa ida estava a causar-me grande prejuízo.)

Nestas condições, pouco mais resistiu o cavaleiro ao poderoso Palamedes, que o obriga a revelar o mistério da recuperação milagrosa. Atamas não só revela o segredo como leva Palamedes até à fonte para que ele beba e cure todos os seus ferimentos. Galaaz, que a tudo assistira, fica deslumbrado com aquela manifestação do poder divino e quer ele quer Palamedes estão gratos por lhes ter sido dado o privilégio de ver a fonte maravilhosa. Tentam saber mais pormenores sobre a sua origem, mas Atamas nada mais sabe acrescentar, senão que ali está por ordem de uma mulher.

[...] *nom pudi eu achar quem mo dissesse mas tanto vos digo que ãa molher mi fez entendente que me esta fonte adussse, que nengũ nom podia saber a verdade desto senom pelo Rei Tolheito. Aquel divisaria esta aventura, como aveo, ao bom cavaleiro que há dar cima aas aventuras do reino de Logres.* (DSG, p. 428)

[...] Nunca pude encontrar quem mo dissesse. Apenas vos digo que uma mulher, que a esta fonte me trouxe, me fez saber que ninguém poderia saber a verdade senão através do rei Enfermo, que desvendaria como se iniciou este mistério ao bom cavaleiro que há de levar a bom termo as aventuras do reino de Logres.)

*

Morgaim

De todas as mulheres que possuem poderes encantatórios no mundo das lendas arturianas, Morgaim é a mais afamada. Contudo, nesta narrativa, a sua presença é bastante discreta quando comparada com outras obras da mesma tradição literária. São poucos os momentos em que é mencionada, apesar de a sua intervenção no desenrolar dos acontecimentos ser sempre determinante. É ela, por exemplo, quem revela ao rei Artur que o seu filho, (Artur, o Pequeno) resultado de um fugaz encontro com a filha de Tanas¹, está vivo e virá à corte um ano após o início da demanda do Santo Graal. Assim acontece e, no dia em que o jovem se apresenta em Camaalot para tentar descobrir a sua identidade, o seu nome aparece escrito sobre um dos assentos da Távola Redonda. Artur alegra-se com a suspeita de que aquele possa ser o filho e, para confirmá-lo, envia um mensageiro até Morgaim que lhe responde:

- *Sem falha, este é Artur o Pequeno. E dizede a meu irmão, disse ela ao mandadeiro, que bem assi como o padre desconhece o filho, assi o filho desconhece o padre.* (DSG, p.275)

(- Sem dúvida, este é Artur o Pequeno. E disse a meu irmão, disse ela ao mensageiro, que bem assim como o pai desconhece o filho, assim o filho desconhece o pai.)

¹ Cf. Filha de Tanas

Só então fica certificada a herança genética do rapaz, que ganha o seu lugar na Mesa Redonda e é nomeado, pelo pai, de Artur, o Pequeno, para que não se confunda com o próprio, o poderoso e grande rei Artur. Este parentesco fica, no entanto, em sigilo entre os dois, uma vez que não convém ao rei fazer alarde da existência desse filho concebido fora do casamento. Artur, o Pequeno, torna-se um valoroso cavaleiro que se destaca em inúmeros feitos e guarda consigo o segredo da sua paternidade até ao momento em que, à beira da morte, pede a Blioberis que o faça escrever sobre a sua campa.

[...] ùa cousa que nunca disse a nenguũũ vos quero dizer [...] Sabede que rei Artur era meu padre e por em eu hei nome de Artur o Pequeno. E esto, se vos prouuer, fazedẽ escrever sobre meu moimento. (DSG, p.493)

([...] uma coisa que nunca disse a ninguém vos quero dizer [...] Sabei que o rei Artur era meu pai e por isso tenho o nome de Artur, o Pequeno. Se vos aprouver, fazei escrever isto sobre o meu túmulo.)

A Fada Morgaim é o elemento fulcral no desencadear do drama central desta narrativa pois, se não fossem os seus esforços para revelar o romance de Lancelot e Genevra, talvez este nunca viesse a ser tornado público e, assim, não se teriam sucedido os incidentes que levaram ao desmoronamento de todo o reino de Logres e à morte dos que o povoavam. Ela dá o impulso inicial e depois mantêm-se na sombra a aguardar discretamente que tudo aconteça, como se empurrasse a pedra do cimo da montanha e ficasse a vê-la rolar encosta abaixo, destruindo tudo à sua passagem. Morgaim é poderosa porque conhece o segredo e porque, dominada pela raiva de ter sido preterida por Lancelot, está disposta a tudo para satisfazer a sua sede de vingança.

Não é muito o que nos é dito da sua aparência, mas, a crer na visão de Lancelot, Morgaim, irmã do rei Artur, era uma mulher feia e de presença assombrosa. Claro que Lancelot não teria motivo para achar agradável a mulher que, com o intuito de conquistar as suas atenções, o mantivera cativo no seu castelo *por dous invernos e ùũ verão (DSG, p.212)*, mas à falta de outra descrição de Morgaim, teremos que ficar por esta.

Morgaim surge no sonho de Lancelot, feia, coberta apenas com uma pele de lobo, que deixa ver a sua nudez, rodeada por mais de mil diabos que obedecendo à sua ordem, arrastam Lancelot para o fundo do vale, até uma gruta onde encontrará Genevra em grande sofrimento e a chorar o seu arrependimento. Morgaim lidera os demónios e obriga-os a levar consigo Lancelot. Todavia, também ela parece sofrer pois vai soltando gemidos como se estivesse ferida. Que motivos estariam na mente do narrador para fazê-la soltar tais lamentos? Seria para fazer acreditar que a aflição de Lancelot a fazia sofrer ou porque a simples ideia do encontro entre os dois amantes lhe provocava grande agonia? De uma ou de outra forma, este era, sem dúvida, mais um efeito para colorir a descrição da cena infernal da descida à gruta, onde Lancelot presenciaria todos os sofrimentos a que

um pecador estava condenado. Esta visão de corpos desnudados e em manifesto sofrimento estava em conformidade com a ideia bíblica de inferno e coincidia com a da palavra que todos ouviriam dos púlpitos, pela voz dos clérigos ou através da expressão popular dos jograis e menestréis.

De Morgaim sabemos também que era exímia nas artes de curar pois, quando trata dos sobrinhos, depois de os encontrar na floresta, logo eles ficam sãos e recuperados em poucos dias, não obstante a gravidade dos ferimentos que traziam.

Quando desceram, mandou-os deitar em ũa câmara e pensou-lhes das chagas e das feridas, como aquela que o muito sabia, assi que, ante que os VIII dias passassem, foram muito aliviados de seu mal. (DSG, p.213)

Quando desmontaram, fê-los deitar numa câmara e tratou-lhes das feridas, como quem muito bem o sabia fazer, de tal forma que, antes que oito dias passassem, estavam já muito aliviados do seu mal.

Desse encontro, aparentemente fortuito, vai surgir a oportunidade para a revelação do escândalo que levará ao fim do reino e à queda de Artur.

Tudo começa quando Morgaim, acompanhada por um alegre grupo de damas e donzelas, encontra os três irmãos: Galvam, Gaariet e Morderet, feridos na floresta. Depois de se darem a conhecer uns aos outros e de festejarem em grande alegria o reencontro, Morgaim leva os sobrinhos para o seu castelo, onde lhes cuida das feridas. Durante o período de convalescença, quando deambulam pelo castelo, os irmãos entram num quarto cujas paredes estão cobertas de ilustrações; admiram-nas, reconhecem os personagens e ficam curiosos para saber mais detalhes que certifiquem aquilo que as imagens e as palavras escritas nas paredes os deixam supor. Questionam Morgaim, que simulando estar muito contrariada por ser coagida a falar, lhes conta como as gravuras haviam sido feitas por Lancelot, durante o ano e meio em que ali o mantivera prisioneiro. Em vez de esquecer Genevra, como Morgaim esperava que acontecesse, o cavaleiro dedicou todo o tempo a idolatrá-la através das ilustrações que reproduziam os momentos mais importantes da sua vida desde o dia em que fora armado cavaleiro.

[...] E, polo grande amor que lhe el havia, quando o eu tive aqui em prisom ũũ ano e meo, pintou com sua mão todos seus feitos, dês que foi cavaleiro até que foi aqui preso. E, cada manhã, tanto que se erguia, abraçava e beijava as mãos da rainha tam de coração como se fosse ela mesma. E esto vi eu muitas vezes e som-vos eu verdadeira testemunha. (DSG, p.213)

([...] E, pelo grande amor que ele lhe tinha, quando o tive aqui preso durante um ano e meio, pintou com suas mãos todos os seus feitos, desde que foi feito cavaleiro até que aqui ficou preso. E, todas as manhãs, logo que se levantava, abraçava e beijava as mãos da rainha com tanto amor como se fosse ela mesma. Isso vi eu muitas vezes e sou, para vós, verdadeira testemunha.)

Morgaim, dominada pelo despeito e pelo ódio a Lancelot e, em particular, a Genevra, diz aos sobrinhos o quão afrontoso considera ser aquele romance para Artur, assim ultrajado na sua honra de marido e de rei e incita-os, não só a levar as notícias à corte, bem como a tomar nas suas mãos a incumbência de vingar o rei, destruindo Lancelot. Os irmãos não estão todos de acordo com esta ideia e discutem, se não será mais avisado deixar que o rei continue a ignorar o facto. Esta é a opinião de Gaariet e de Galvam. O primeiro porque antevê o mal que a guerra trará, incluindo o fim do próspero reino de Artur; o segundo porque, sendo cobarde, não lhe agrada a ideia de ter que enfrentar uma luta que lhe poderá ser muito desfavorável. Morderet, por seu lado, está ansioso por destronar Artur e conquistar para si todo o poder que conseguir. Morgaim, que quer a sua vingança e sabe que os sobrinhos são o instrumento certo para a concretizar, argumenta, lembrando-lhes que, pelas leis da cavalaria, estão obrigados a contar todas as aventuras por que passaram quando voltarem à corte, porque esse é dever de todos os cavaleiros, tal como o haviam jurado fazer.

[...] conjuro-vos, pola fé que me deveades e pola rem que mais no mundo amades, que digades a meu irmão a verdade de Lancelot e da rainha. E devede-lo fazer, ca sodes seus vassalos e seus jurados, e se lho encobriredes sereades perjuros e desleaes. E se ele é tam sandeu ou de tam de bom talam que não vos ele nom quer creer, vós lhe sodes tam chegados amigos que o deveades ende vingar o mais taste que poderdes. (DSG, p.214)

([...] comprometei-vos, pela fé que me deveis e por aquilo que no mundo mais amais, que direis a meu irmão a verdade sobre Lancelot e a rainha. E deveis fazê-lo, porque sois seus vassalos e seus jurados, e se lho esconderdes sereis perjuros e desleais. E se ele for tão louco ou de tão benevolente que não vos queira crer, vós sois seus amigos tão chegados que o deveis vingar o mais depressa que puderdes.)

A semente do mal estava lançada, Morgaim fizera mover a roda do destino e agora só lhe resta esperar que eles cheguem à corte e, ainda que, cada um deles guiado por diferentes motivações, façam chegar as notícias sobre os descuidados amantes ao conhecimento de todos.

Lancelot não se preocupou em esconder o seu romance de Morgaim, enquanto permaneceu seu prisioneiro e, numa aparente ingenuidade, não parece suspeitar dela quando sabe que a sua relação com Genevra já é do conhecimento do rei. Surpreendido pelos acontecimentos, pergunta a Boorz quem teria tido a ousadia de revelar o segredo ao que este, revelando ser mais perspicaz, lhe responde:

Se foi cavaleiro, foi Agravaim. E se foi molher, foi Morgaim que vos desama tão mortalmente como vós sabedes. (DSG, p.466)

(Se foi cavaleiro foi Agravaim. E, se foi mulher, foi Morgaim que vos odeia tão mortalmente como sabeis.)

Só voltamos a ouvir falar de Morgaim no final da narrativa quando Artur está a morrer, após a luta contra Morderet. Sentindo que a morte está iminente, o rei faz-se transportar até junto ao mar

por Giflet, o companheiro que com ele permanecera por mais tempo e que se recusa a abandoná-lo até ao último suspiro. Porém, Artur não vai permitir a sua presença e depois de lhe ter ordenado que atirasse a espada Excalibur ao lago, onde uma mão a veio recolher, manda-o embora para que ninguém possa testemunhar a sua partida do reino de Logres e para que a sua morte fique para sempre por comprovar. Nesse momento, surge Morgaim na companhia de outras mulheres a bordo de uma barca.

A barca aportou ante rei Artur e as donas saíram fora e foram a el-rei. E andava antr'elas Morgaim a encantador, irmã de rei Artur, e que foi a el-rei com todas aquelas donas que tragia e rogou-o entom muito que per seu rogo houve el-rei d'entrar na barca. (DSG, p.496)

(A barca aportou na frente do rei Artur e as mulheres saíram e caminharam até ele. E entre elas ia Morgaim, a fada, irmã do rei Artur, que se dirigiu a el-rei com todas aquelas damas que trazia, e pediu-lhe muito que entrasse na barca e ele acedeu ao seu pedido.)

Assim que o rei, o seu cavalo e as suas armas ficaram acomodados no barco este foi levado da praia pela brisa, deslizando pelas águas sem deixar vestígios, sob o olhar de Giflet que, ainda que à distância, será a única testemunha.

[...] a barca era já alongada da riba e viu el-rei antre as donas. E conheceu bem Morgaim a fada ca muitas vezes a vira. (DSG, p. 496)

(a barca já ia longe da praia e ele viu el-rei no meio das mulheres e bem reconheceu Morgaim, a fada, pois muitas vezes a vira.

Alguns dias mais tarde, Giflet passa por uma capela onde encontra um túmulo muito rico e, quando pergunta aos frades a quem pertence, estes respondem-lhe que quem ali está sepultado é o rei Artur. Perante a surpresa de Giflet, o frade explica-lhe que essa foi a informação dada pelas mulheres que tinham trazido aquele cavaleiro, pelo qual faziam um grande pranto. Giflet lembra a cena em que vira Morgaim e outras mulheres na barca com o rei moribundo e conclui que teriam sido as mesmas que o haviam sepultado. Intrigado e ansioso por descobrir como morrera o seu rei, Giflet levanta a laje sobre a sepultura e, para incredulidade sua e do frade que a tudo assiste, verifica que ali está guardado apenas o elmo do rei Artur. Perante a descoberta, Giflet conforma-se com a ideia que nada mais poderá fazer para trazer luz sobre os contornos da morte do rei e aceita que, para sempre, ficará envolta em mistério.

Morgaim, deslizando nas sombras do silêncio, levou para sempre consigo o segredo da morte do Rei Artur.

*

5. Luxúria, Paixão, Amor e (des)cortesia

*Il arriva jadis en Normandie '
une aventure que l'on raconte encore souvent
à propos de deux jeunes gens qui s'aimèrent
et qui moururent tous deux de leur amour.*

Marie de France, Les Deux Amants

5.1. As vítimas da luxúria

O entendimento do amor e da sexualidade na história da humanidade tem sido sempre complexo e pouco linear, com paradigmas que se alteram sob a influência dos princípios estruturantes das sociedades ou dos grupos sociais que as constituem. No período da Idade Média, a que a obra aqui em estudo se reporta, a assunção da sexualidade é algo de difícil aceitação, em especial no que à mulher diz respeito. Embora a castidade fosse recomendada aos indivíduos de ambos os gêneros, a verdade é que as restrições e punições recaíam muito mais sobre o gênero feminino. Para os homens havia uma maior tolerância e até podiam ganhar uma certa aura de prestígio, conseguida com ousadas proezas de conquista e jactâncias viris. As transgressões de natureza sexual eram transversais a todas as classes sociais, sendo mais conhecidas as do clero e as da nobreza como bem demonstra o número de barregãs e bastardos “oficialmente” aceites na corte e fora dela. Para além deste tipo de relação mais ou menos consentida não era raro que os homens apagassem os seus ardores junto de prostitutas ou tomando de passagem, se necessário de forma violenta, camponesas, criadas ou parentes que com eles habitassem ou se lhes deparassem pela frente.

A violação, por vezes, precedida de rapto era prática frequente e podia servir diferentes propósitos e ter consequências bem distintas. Para um homem, violentar uma mulher podia ser apenas a satisfação do seu apetite sexual mas poderia revestir-se de outras complexidades. Podia ser, por exemplo, uma forma de vingança ou de ofensa a um inimigo já que a violação era vista como algo devastador para a vida da mulher, mas particularmente ofensiva para os seus parentes. Ao violar a esposa, a filha ou a irmã visava-se aviltar o seu parente mais próximo, ou seja, aquele que sobre ela tinha direitos, sendo o corpo da mulher encarado como propriedade sua. Para além disso, se a mulher engravidasse como consequência da violação, a sua linhagem ficaria conspurcada o que levava a que

muitas fossem desprezadas ou mesmo mortas pelo familiar ofendido. Nos episódios que a seguir descreveremos, esta é, como veremos, uma situação recorrente.

Quando a mulher era solteira ou viúva, a forma mais simples de restaurar a honra perdida era promover o casamento entre a vítima e o seu ofensor, situação também representada no texto de *A Demanda do Santo Graal*, à qual já aludimos por exemplo no capítulo das donzelas do Castelo Pagão. O recurso ao casamento forçado podia permitir que a violação se pudesse tornar, por outro lado, uma estratégia de ascensão social, ou seja, um homem de classe menos favorecida podia atentar contra a virgindade de uma donzela bem-nascida, com o propósito de sancionar o casamento e assim conquistar um melhor estatuto¹.

Em *A Demanda do Santo Graal* são muitas as vítimas da luxúria dos cavaleiros que, com frequência, são seus familiares próximos. Essas mulheres, após terem sido violadas e maltratadas acabam por perder a vida às mãos do próprio pretendente ou de um outro familiar que assim procura resgatar a honra da donzela e a da própria família. Em alguns casos, uma vez satisfeito o desejo carnal, o cavaleiro prevaricador recobra alguma lucidez e sente-se atormentado pelo erro cometido ou pelo medo de ele vir a ser descoberto. Então, numa tentativa de apagar os vestígios dos seus atos, assassina a vítima. Quando esta morte se prova insuficiente para apaziguar os remorsos que se instalam na alma do agressor e que tornam a sua vida impossível, resta-lhe procurar a própria morte. Noutros casos ainda, tudo acontece de forma mais fria: satisfeita a luxúria, o cavaleiro abandona a vítima e prossegue o seu caminho sem demonstrar qualquer espécie de compaixão.

As vítimas do cavaleiro suicida

A primeira história deste tipo de vítima é a de um duplo incesto e é-nos contada quando, ainda antes da partida dos cavaleiros para a demanda do Santo Graal, chega à corte um cavaleiro que, perante todos os que estão ali reunidos, se atira pela janela do paço. Durante a queda, o seu corpo incendeia-se, mas antes deixa cair uma carta na qual apela ao arcebispo de Conturbe para que lhe conceda o perdão para os pecados que o consomem. Confessa na missiva que matou a irmã e a mãe, depois de as violar, porque elas se haviam recusado submeter-se de livre vontade à satisfação dos seus desejos. Entretanto, diz ter também matado o pai (rei da Ilha do Porto) e depois o irmão, conforme foram chegando à câmara onde as duas mulheres jaziam. Fê-lo, por temer que eles o

¹ A este respeito ver, por exemplo: Georges Duby, “O Modelo Cortês” in *História das Mulheres- A Idade Média*, pp. 331-351 direção de Georges Duby e Michelle Perrot, Porto, Edições Afrontamento, pp 340,341; ou Valentina Cesco, “Rape and Raptus” in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, ed. Margaret Schaus, 2006, (pp 694-696) New York, Routledge Taylor & Francis Group ou, na mesma obra Lynn Marie Laufenberg, “Honor and Reputation” (p. 376); ou Mattoso, *Op. Cit.* p. 70.

atacassem e também por não conseguir suportar o peso da acusação que vê nos seus rostos. Apesar de todos estes crimes, o peso da culpa não dá tréguas à sua consciência e só lhe resta o suicídio. Liberta-se do segredo, deixando-o registado na carta, e liberta-se da vida.

O rei Artur reconhece na morte do cavaleiro o castigo de Jesus Cristo, mas ainda assim acha-o digno de ser sepultado com todas as honras. Manda construir-lhe um túmulo *mui rico* ainda que na lápide fique registado o feito do dito cavaleiro (registo que tem o cuidado de manter a hierarquia familiar na devida sequência).

Aqui jaz o cavaleiro que em ũū dia matou seu padre e sua madre e seu irmão e sua irmã.
(DSG, p.41)

A confissão pública e o pedido de perdão a uma alta autoridade eclesiástica parecem ter sido suficientes para resgatar a honra do cavaleiro perante a corte, não obstante a gravidade dos pecados cometidos: violação e morte das figuras femininas da família, seguidas de parricídio e fratricídio. Poderemos acrescentar que esta vontade de perdoar seria também divina, se entendermos o fogo que se acendeu no corpo do cavaleiro como uma forma de purificação da sua alma.

*

As mulheres no caminho de Boorz e Lionel

Um casamento ...

Na origem do desentendimento entre os irmãos Boorz e Lionel estão episódios onde se cruzam com donzelas vítimas da concupiscência e da devassidão de outros cavaleiros. Boorz é surpreendido por uma donzela a ser arrastada por um cavaleiro que a raptou da casa do pai e a quer desvirginar na mata. Ela pede-lhe ajuda, no mesmo momento em que Lionel surge perseguido por dois cavaleiros que o querem matar. Boorz fica dividido sem saber quem socorrer em primeiro lugar, acabando por decidir ajudar a donzela. A hesitação dá tempo para que o cavaleiro leve a rapariga para trás de uma moita para aí satisfazer os seus intentos. Quando Boorz os alcança, o cavaleiro está a tentar desflorar a donzela que grita desesperada, mas Boorz não esquece a etiqueta e a cortesia: desmonta, porque o outro está apeado, amarra o cavalo, tira a espada e quando, por fim, se prepara para atacar, o outro levanta-se e, apercebendo-se da condição de bom cavaleiro de Boorz, pergunta-lhe o nome. Ao saber a identidade do seu opositor, entrega-se à sua mercê com a condição de que o deixe ficar com a donzela, com quem se compromete a casar e a tratar como a uma filha de reis.

Boorz tem a gentileza de questionar a vontade da donzela e quando ela se mostra renitente, ele convence-a a aceitar aquela proposta de casamento por ser grande a honra que lhe é oferecida.

- *Ai, donzela, disse Boorz, pois que vos ele quer fazer tam grande honra que vos quer filhar por molher e que vos tanto ama, rogo-vos, e, certas, eu vos digo que bem e honra vos ende verrá.* (DSG, p.136)

(- Ai, donzela, disse Boorz, pois que vos quer fazer tão grande honra que vos quer tomar por mulher e que tanto vos ama, rogo-vos e digo-vos que por certo daí bem e honra vos advirão.)

A donzela acaba por confiar na fama de bom homem de Boorz e aceita a proposta. O casal parte e Boorz, com a sua imagem de cavaleiro cortês e sensato, agora realçada pela forma como gerira o conflito, corre, por fim, em auxílio de Lionel.

Se para nós pode parecer cruel casar a jovem com o seu violador, aos olhos do leitor coevo, como já antes vimos, na verdade, não lhe restaria melhor alternativa para recuperar a honra que de outra forma estaria irremediavelmente perdida.

*

... e um marido ofendido

Lionel, por sua vez, ficara ferido na sequência de um encontro fortuito num pavilhão sumptuoso, montado junto a uma torre, e do qual se aproxima na ânsia de encontrar cavaleiros com quem justar. Apesar de ver à entrada do pavilhão alguns escudos que indicariam a presença de cavaleiros, no seu interior encontra apenas uma bela mulher que lhe explica serem os escudos do marido, dos cunhados e do sogro que andam a passear pela floresta.

A dama, muito animada com a chegada do visitante, convida-o a fazer-lhe um pouco de companhia. Lionel aceita de bom grado, ainda que se mantenha armado. Conversam sobre as respetivas vidas: ela conta-lhe como havia sido ganha pelo homem que a desposou, como recompensa por serviço prestado ao rei Artur; ele conta-lhe que é cavaleiro andante da Mesa Redonda. Ao sabê-lo ela logo o questiona sobre o que mais ansiava saber:

[...] *que faz o meu senhor dom Lançarot, o melhor cavaleiro que eu sei e que eu mais de grado veria?* (DSG, p.138)

([...] que faz o meu senhor dom Lancelot, o melhor cavaleiro que conheço e a quem mais quereria ver?)

Enquanto Lionel lhe conta o que sabe sobre os sucessos de Lancelot, o marido regressa do passeio pela floresta, vê a esposa em alegre conversa com um cavaleiro desconhecido e, de modo sumário, conclui que a sua honra fora posta em causa. Furioso, diz ao pai:

[...] *Nom vedes a minha molher desleal e aleivosa, que fez assi aqui vñr ãũ cavaleiro estranhoo por me escarnir, enquanto nós fomos andar per esta foresta? Ora, fez já o cavaleiro*

quanto quis em ela e pois er filhou suas armas por nos fazer semelhar que nom viera aqui por niũũ. (DSG, p.138)

([...] Não vedes a minha mulher desleal e traidora, que fez aqui vir um cavaleiro desconhecido para me escarnecer enquanto fomos andar pela floresta? Agora, fez já o cavaleiro nela quanto quis e depois envergou as suas armas para nos fazer crer que não viera por motivo algum.)

Ao marido, que se sente tão ofendido, só resta a vingança e nenhuma o satisfará tanto como a morte dos supostos traidores. Com o apoio do pai, avança. Mata-a primeiro, cortando-lhe a cabeça, sem lhe dar oportunidade de esboçar a mínima tentativa de defesa.

Então meteu mão a espada e foi-se directamente aos tindilhões, e disse aa dona, ante que lhe ela rem podesse dizer:

- Dona, vós me escarnistes, e eu vos escarnerei, ca no merecestes.

Entam ergueu a espada e talhou-lhe a cabeça [...] (DSG, p.139)

(Então, deitou a mão à espada e foi diretamente aos pavilhões e disse à mulher, antes que ela pudesse algo dizer:

- Senhora, escarnecestes de mim, e eu de vós escarnecerei porque fizestes por o merecer.

Então ergueu a espada e cortou-lhe a cabeça [...])

Depois dirige-se a Lionel para o matar, mas antes de desferir o ataque há espaço para um curto diálogo entre eles, durante o qual o marido acusa Lionel de o ter escarnecido com a pessoa que ele mais amava no mundo.

[...] ca vós me fezestes escarnho da rem no mundo eu mais amava. (DSG, p.139)

([...] pois zombastes de mim usando quem no mundo eu mais amava.)

Com a ajuda do pai, que entretanto se aproximara, o marido ciumento ataca Lionel que se defende com valentia, deixando-o desarmado e o pai mortalmente ferido. Tendo perdido as suas armas e temendo pela própria vida, o homem afasta-se um pouco para repensar a sua estratégia. Como o adversário está desarmado, Lionel, fiel aos preceitos da cavalaria, que não permitiam que um cavaleiro armado enfrentasse outro que não o estivesse, desiste da luta e afasta-se, prometendo cortar-lhe a cabeça quando os dois estiverem equipados com armamento semelhante e possam lutar em igualdade de circunstâncias. Pouco se afastara Lionel, logo chegam ao acampamento os dois irmãos do marido que se crê traído e os três vão no seu encalço. Mal o alcançam, atacam-no e, sem demonstrar qualquer preocupação em retribuir a atitude cavaleiresca, travam com ele uma luta desigual de três contra um. Lionel consegue matar o marido da dama, mas é dominado pelos outros dois. No último momento, Deus atende às preces de Boorz, que implora para que o irmão resista até que ele possa vir socorrê-lo, e faz com que os jovens caiam mortos no chão permitindo, assim, a Lionel escapar com vida.

*

Donzela vítima de Morderet

Prosseguindo pelos caminhos de Logres, encontramos nova vítima da luxúria e da crueldade, desta vez às mãos de Morderet. Ele rapta e desflora, com grande violência, uma donzela que viajava acompanhada pelos irmãos e escoltada por um cavaleiro e por um escudeiro. Morderet, mata um, fere outro e arrasta a donzela para uma moita onde a injúria e a toma à força. Ela grita durante todo o tempo e acaba por ser ouvida pelo rei Bandemaguz que vagueia pela floresta em busca de aventura, como é apanágio dos cavaleiros andantes. Ao chegar, vê Morderet a maltratar a donzela de tal forma, que lhe parece incrível que ela não esteja já morta. Quando se aproxima e ela lhe roga que a salve daquele cavaleiro que a maltrata o rei exclama: *Como donzela, [...] não sois sua?* (DSG, p.216)

Nos tempos hodiernos, e à luz do nosso entender no mundo ocidental sobre as relações entre homens e mulheres, a pergunta do rei Bandemaguz soa-nos descabida. Contudo, para o leitor/ouvinte medieval seria uma situação plausível e conforme à sua realidade social, onde as mulheres se deviam submeter ao poder e à guarda da figura masculina mais próxima: o marido, o pai ou outro parente. Por essa perspectiva, para que a ação de Morderet pudesse ser considerada deveras vil e chocar quem lesse ou ouvisse a história, os abusos tinham que ser cometidos contra uma mulher sobre quem Morderet não tivesse quaisquer direitos conferidos por laços de parentesco.

- *Si Deus me ajude, senhor, disse ela, nunca o vi nem ele a mim, fora ora, que eu saiba.* (DSG, p. 216)

(- Assim Deus me ajude, senhor, disse ela, nunca o vi nem ele a mim, a não ser agora, que eu saiba.)

Perante uma situação assim aflitiva, parece-nos que a urgência seria socorrer a donzela que está a ser maltratada, mas Bandemaguz continua sem pressas e com outras prioridades. Apesar da garantia da jovem de que nunca encontrara Morderet em circunstância alguma das suas vidas, Bandemaguz tem ainda a descortesia de questionar se ela fala a verdade.

- *Ai, cavaleiro, disse rei Bandemaguz, diz verdade?* (DSG, p. 216)

Depois, ainda põe a hipótese de que Morderet tenha uma razão para assim a tratar e só a resposta orgulhosa e agressiva deste faz com que o rei reaja em defesa da donzela.

- *Ainda que diga verdade, disse Morderet, que havedes d'adubar?*

- *Hei i tanto d'adubar, disse rei Bandemaguz, que, se em ela mais metedes mão taa que eu saiba a razom, que vos acharedes mal.*

- *Quanto pouco ora eu temo vossas ameaças! Disse Morderet. E, per boa fé, por esse despeito ante vós a matarei.* (DSG, p.216)

(- Ainda que diga a verdade, disse Morderet, que tendes a ver com isso?)

- Tenho tanto a ver com isso, disse o rei Bandemaguz, que se nela voltardes a pôr mão, sem que eu saiba a razão, achar-vos-eis mal.

- Ora, bem pouco temo as vossas ameaças! Disse Morderet. E, por boa fé, por esse motivo, na vossa frente a matarei.)

Sem mais delongas, Morderet corta a cabeça à pobre rapariga. Bandemaguz ataca-o e deixa-o ferido, caído no chão. Pouco depois passa por ali Galvam, que ao ver o irmão assim maltratado quer saber se ele se poderá curar ao que Morderet responde que para que fique bem só precisa que Galvam o vingue da afronta que sofreu. Descreve as armas do cavaleiro que o feriu e Galvam parte à sua procura.

O encontro com esta donzela serviu para criar o jogo de enganos que vai levar Bandemaguz à luta contra Galvam e assim se cumprirá mais uma das mortes vaticinadas pela donzela Feia, antes da saída dos cavaleiros na demanda de aventuras.

*

Ladiana, a irmã de Aldret

Ladiana, irmã de Aldret, uma das poucas mulheres cujo nome é referido, apresenta-se como outra das vítimas dos avanços libidinosos dos cavaleiros desta novela. Sobrinha do rei Mars, casado com Iseu, é desflorada pelo tio que quando descobre que ela está grávida a encerra numa torre até ao momento de dar à luz. Então, por rezear que ela pudesse, mais tarde, vir a revelar o segredo ao filho, leva-a, ainda em sofrimento de parto, para um monte deserto onde a mata e abandona para ser devorada pelos bichos. Ao menino deixa alguma hipótese de sobrevivência: dependura-o pelos pés numa árvore, junto a um caminho, por onde alguém porventura poderia passar e ter generosidade suficiente para cuidar dele. Embora afirme que lhe é indiferente o destino da criança, a verdade é que não tem coragem para a matar e confia essa tarefa ao acaso ou à natureza¹.

Um montanheiro que por ali passa compadece-se do menino e leva-o para casa onde pede conselho à sua mulher sobre o que fazer com ele. Ela sugere que o batizem e, temendo que algum problema lhes possa acontecer, concordam levá-lo ao rei, seu senhor, para que seja ele a decidir o que fazer com a criança. Curioso notar que o homem não toma a decisão sozinho e age de acordo com o que à prudência da mulher parece mais adequado, deixando-nos entrever a ideia de que, pelo menos nos meios rurais, seria dado às mulheres ter uma palavra nas decisões do agregado familiar.

Quando chegam à corte, o rei Mars reconhece o filho que abandonara, mas não o revela. Manda-o batizar com o nome de Meraugis de Porlegues (nome do cavaleiro que o apadrinhou) e depois entrega-o ao montanheiro e à mulher para que o criem até à idade de ser cavaleiro. Meraugis

¹ O abandono de crianças do sexo masculino aos rigores da natureza é recorrente nesta obra onde, por contraste, não encontramos nenhuma ocorrência de abandono de meninas.

crece forte e generoso e, quando os pais adotivos o levam à corte, em dia de Páscoa, o próprio rei Mars o faz cavaleiro. As parecenças de Meraugis com o pai são por demais evidentes e os comentários na corte não se fazem esperar. Então, temendo que se descubra a verdade, o rei expulsa o jovem, com o argumento de que não quer junto a si alguém sem pai. O que o rei pretende na verdade é evitar a revelação do seu segredo devido à gravidade de que ele se reveste. A violação de Ladiana não é só um ato de adultério, que até poderia ser visto com tolerância, dada a condição de homem e de rei, mas é também uma relação incestuosa e portanto duplamente condenável quer pela moral quer pela lei que ao tempo já estaria bem estabelecida em toda a Europa católica¹.

Assim realça o autor a dimensão da malvadez deste personagem, que se vai enredando numa teia de atitudes cruéis na tentativa de fugir ao julgamento dos seus pares. Meraugis, pelo contrário, não parece ter herdado a vileza do pai. Obediente e conformado, parte em busca de quem o possa informar sobre as suas origens e, em pouco tempo, vê-se envolvido nas aventuras da demanda do Santo Graal. Quando chega a Camaalot, uma carta enviada pela tia de Persival² revela-lhe, por fim, o segredo da sua identidade. Assim fica a saber ser seu pai o rei Mars, que o escorraçou da sua corte e da sua companhia, e sua mãe a infeliz Ladiana, que ele nunca conheceu.

*

A filha de Tanas

Um dia, durante uma caçada, o rei Artur perdeu-se dos seus companheiros e aproximou-se de uma fonte junto à qual se encontrava uma jovem de tal beleza, que, à primeira vista, o faz acreditar estar perante uma fada. Sentam-se a conversar e Artur fica deslumbrado com a cultura e com a sensatez que a donzela demonstra. Tomado por uma súbita paixão incontrolável possui-a à força, enquanto ela, desesperada, grita, em vão, por socorro. Quando o rei Tanas, pai da jovem, chega ao

¹ Como refere Elizabeth Archibald, na Idade Média, a atitude em relação ao incesto foi sofrendo alguma alteração e controvérsia. Santo Agostinho ou São Tomás de Aquino, por exemplo, consideravam que a lei que proibia o incesto e que todos aceitavam como sendo natural e universal era, de facto, resultante de uma construção social e por isso aberta a diferentes interpretações e alterações por parte das autoridades eclesiásticas. Porém, a partir do século X a proibição de casar ou manter relações sexuais com parentes tornou-se progressivamente menos tolerante não só entre parentes biológicos, cujas relações estavam vedadas até ao 7º grau, mas também entre parentes colaterais, neste caso até ao 4º grau. Este conceito de estender a proibição aos parentes por afinidade tinha como base a ideia expressa por São Paulo na sua carta aos efésios em que dizia que ao unir-se homem e mulher, seriam uma só carne. (Ef. 5: 32) o que tornava lógico que os parentes dos esposos se tornassem todos parentes entre si. *in Incest and the Medieval Imagination*, 2001, New York, Oxford University Press Inc. (p. 26 e seguintes).

Nota: Apesar do que defendiam os filósofos da Igreja, o conceito de incesto e a proibição de realizar casamentos entre familiares provocou inconvenientes imbróglios sentimentais ou políticos e, na prática, muitas vezes foi esquecido ou contornado. Todos nos lembramos das inúmeras bulas e licenças papais, tantas vezes solicitadas e/ou negociadas pelos monarcas europeus para contrair ou anular casamentos com parentes seus. (D. Afonso III, como vimos na primeira parte deste trabalho, foi um deles).

² Cf. Tia de Persival.

local e vê a filha dando mostras de grande infelicidade, obriga-a a confessar o que sucedeu, ameaçando cortar-lhe a cabeça se o não fizer. Aterrorizada, conta como o rei a violentou, deixando Tanas furioso. Contudo, Artur é o seu senhor e não pode exercer sobre ele a sua vingança, razão pela qual se coíbe de o atacar.

Artur reconhece que procedeu mal e propõe casar a rapariga com um dos melhores cavaleiros da sua casa, mas Tanas recusa a proposta porque já viu que a situação lhe poderá ser proveitosa.

[...] joustes com minha filha e pola ventura é prenhe de vós. E se agora logo outro casasse com ela, ainda que o filho fosse vosso, nom lho creríades vós nem ninguém. E por em a quero guardar ãa peça de tempo e, se per ventura for prenhe, farei-vo-lo saber. E se nom, farrei dela o que entender que será minha prof. (DSG, p.273)

([...] deitastes-vos com a minha filha que, por ventura, estará prenhe de vós. E, se logo outro casasse com ela, ainda que o filho fosse vosso, não o crerieis, nem ninguém. E por isso a quero resguardar durante algum tempo e, se por ventura estiver prenhe, far-vos-ei sabê-lo. E se não estiver, farei dela o que entender e será em meu proveito.)

Acontece que Tanas é um velho libidinoso que cobiça a bela mulher de seu filho, Danor, e resolve matá-lo para assim poder consumir o seu desejo. Mata-o e deita-se com ela. A filha de Tanas testemunha a relação e, pesarosa pela morte do irmão, ameaça causar a desonra do pai divulgando os seus crimes. Tanas espera até que ela dê à luz o filho de Artur e, no dia seguinte, corta-lhe a cabeça sem qualquer reboço. Não tarda muito, é invadido pelo temor de que o recém-nascido, de alguma forma, possa um dia saber a verdade e querer vingar-se dele. Decide desfazer-se do bebé abandonando-o junto de um lago para que seja comido pelos animais e para que dele não se encontre rasto. Quis o destino, porém, que uma mulher passasse por ali e o recolhesse. Levou-o para a sua casa e criou-o até ao dia em que Tristão por lá passou e o fez cavaleiro.

O rei Artur perdeu o rasto do filho. Quando soube do seu desaparecimento da casa de Tanas, ficou preocupado e tentou encontrá-lo sem sucesso. Recebeu então uma mensagem de sua irmã que o sossegou e o fez interromper as buscas.

Artur, sabede que vosso filho Artur o Pequeno é vivo e são e verrá aa côrte o primeiro ano que a demanda do Santo Graal começará. (DSG, p.275)

(Artur, sapei que vosso filho, Artur, o Pequeno, está de saúde e virá à corte no ano em que começará a demanda do Santo Graal.)

Anos mais tarde, quando o rapaz chega à corte é uma vez mais Morgaim quem vai certificar a sua identidade, antes que Artur lhe confirme a sua paternidade e lhe conceda assento na Mesa Redonda¹.

*

¹ Cf. Morgaim

A filha do conde Arnalt

A Filha do conde Arnalt, *uma das mais fremosas donzelas de Logres* (DSG, p.324), é violada pelos seus três irmãos que por ela se apaixonam. Quando a jovem se vai queixar ao pai, os irmãos, furiosos, matam-na e aprisionam o pai numa masmorra do castelo. O conde Arnalt, já no fim da vida, será libertado por Galaaz, Borz e Persival. No momento da morte, manda chamar um eremita a quem confessa as angústias que o atormentam, das quais não fazem parte a morte da filha ou a violência e falta de caráter dos filhos. O que verdadeiramente o inquieta é o remorso por há muito saber o segredo da traição de Genevra e nunca o ter revelado ao rei Artur, seu senhor.

*

A donzela que deslumbrou Arciel e seu irmão

Arciel e o seu irmão, cujo nome em nenhum momento é mencionado, andando um belo dia pelos caminhos de Logres, cruzam-se com uma donzela de grande beleza que lhes desperta a concupiscência e logo empreendem com ela se deitar. Digladiam-se numa luta feroz, esquecidos da sua relação de irmãos e vendo-se apenas como rivais. Arciel mata o irmão e afasta-se do local, levando consigo a donzela. Vai tão animado com a sua conquista, que não se apercebe que está ferido de morte, senão quando lhe faltam as forças para continuar e decide, então, livrar o mundo do mal que a jovem representa.

- *Pois eu matei meu irmão e eu som morto, nom quero que vós vivades nem que outros cavaleiros se matem por vós.* (DSG, p.347)

(- Pois já que matei meu irmão e estou também morto, não quero que vivais, nem que outros cavaleiros se matem por vós.)

Prepara-se para lhe cortar a cabeça com a espada, mas, como está enfraquecido pelo ferimento, a donzela consegue fugir e ele fica a agonizar, no chão.

Galaaz, Palamedes, o seu pai e Artur o Pequeno vêm encontrá-lo moribundo, mas ainda com energia suficiente para lhes contar as suas desventuras. Quando morre os outros levam-no a enterrar em solo sagrado, numa abadia, por ser da Távola Redonda. Sobre o túmulo mandam escrever como matou o irmão e foi morto por ele. Não há qualquer menção ao destino dado ao corpo do irmão de Arciel pelo que nos perguntamos se terá merecido a honra derradeira de ser sepultado. Sobre a donzela também nada mais será referido mas fica-nos, por uma vez, o consolo de ver uma vítima escapar com vida.

*

A donzela de Amador de Belrepaire

Num caminho da floresta, Melias encontra uma donzela, em grande choro, junto do corpo ferido de Amador. A jovem é muito bela e Melias, agrado pela visão, convida-a a acompanhá-lo. Quando a vê reticente, argumenta que Amador não tem qualquer hipótese de sobreviver e que será perigoso para ela permanecer ali sozinha na floresta. Depois de um breve momento de reflexão, o medo de ficar só e desprotegida acaba por ajudá-la a tomar a decisão.

[...] em deixá-lo farei gram mal e fazê-lo-ei mui da invidos, ca muito me amava; mas pois que por ficar a mim nona veria se nam mal e ele minha ficada não haveria bem, ir-me-ei com vosco, ca hei medo de andar errada por esta floresta. (DSG, p.64)

([...] em deixá-lo farei grande mal e fá-lo-ei muito contrariada, pois muito me amava; mas porque ficar a mim não me traria senão mal e a ele, por eu ficar, não adviria qualquer bem, irei convosco, porque tenho medo de andar perdida por esta floresta.)

Antes de partirem, a donzela tem um último gesto de consideração para com o cavaleiro moribundo, generosidade que a fará perder a vida. Talvez acreditando que Amador ainda possa ter alguma chance de arranjar forças para sair dali, a jovem deixa ficar perto dele o cavalo, o escudo e a lança, depois monta no seu palafrém e segue com Melias, que promete levá-la a sítio seguro. Nunca cumprirá a promessa porque Amador, que ouviu tudo o que disseram, segue-os, acomete contra Melias e os dois acabam por se ferir mortalmente. Amador, apesar de mais ferido do que antes estava, encontra ainda forças para se dirigir à donzela a quem acusa de o ter abandonado, antes de saber se estava de facto morto, e de ser a responsável da sua morte. Depois, corta-lhe a cabeça antes que ela tenha tempo de pestanejar, e cai no chão, exausto por este derradeiro esforço.

Melias, a donzela e Amador permanecem assim caídos no chão até serem encontrados, mais tarde, por outra donzela que por ali passa montada num cavalo negro e vai buscar Galaaz, pedindo-lhe que venha em auxílio de Melias que está ferido¹. Galaaz encontra os cavaleiros ainda com vida, mas para Amador, antes de exalar o último suspiro, resta-lhe apenas tempo para pedir que o leve a sepultar. Galaaz, assim faz e leva os dois cavaleiros para uma abadia, um para ser curado, outro sepultado, deixando o corpo da donzela de Amador abandonada no campo. Ao chegar Galaaz havia questionado Amador sobre a crueldade que cometera sobre a donzela, ideia com que Amador discorda em absoluto.

- Eu nom fiz tanto quanto devera fazer, ca som morto, e da minha morte haverám muitos pesar grandê. (DSG, p.66)

(- Não fiz tanto quanto devia fazer, porque estou morto, e pela minha morte terão muitos grande pesar.)

¹ Cf. Donzela do palafrém negro.

A morte da donzela, ainda que sendo a da sua amada, não parece ter a menor importância. Para ele, o mais grave de toda a situação é a sua própria morte que causará desgosto a muitos, enquanto a dela não será chorada por ninguém.

Mais tarde, chega Ivam, o Bastardo que ao tomar conhecimento do ocorrido lamenta a morte de Amador de Belrepaire, por ser bom cavaleiro e, ainda mais, por ser da Távola Redonda. Sobre a donzela, nem uma palavra será pronunciada.

*

Outra vítima da crueldade de Morderet

Como já vimos em vários dos episódios que temos referido, a vida das mulheres merece pouco apreço neste mundo de cavaleiros andantes e, para algumas delas, essa falta de valor é levada ao extremo como no caso seguinte, que incluímos neste capítulo, ainda que não tenhamos a certeza se a desventura desta jovem terá sido causada por algum desejo carnal ou por outro motivo qualquer. O protagonista central deste episódio é o cruel Morderet que se diverte a arrastar atrás do seu cavalo o corpo de uma donzela que acabara de matar, quando é surpreendido pelo irmão, Gaariet, que chocado com a violência da cena o ataca. Morderet abandona a donzela e, enfurecido, reage ao ataque do outro cavaleiro. Lutam sem se reconhecer porque, como sempre, estão cobertos pelas viseiras dos seus elmos. A vitória decide-se para o lado de Gariet e Morderet aproveita a primeira oportunidade para fugir do local.

Sobre a donzela nada mais saberemos. A sua presença é apenas o motivo para revelar enfim o verdadeiro caráter de Morderet ao irmão que, até ao momento, o vira como um cavaleiro valente e gentil e agora é forçado pela evidência das circunstâncias a verificar que afinal é um cobarde mentiroso e um traidor sem escrúpulos.

*

5.2. Amantes em desespero ...

Blodeued looked on him, and the moment she looked there was no part of her that was not filled with love of him.

Math Son of Mathonwy (Mabinogion)

A donzela de Asgares, o Triste

Se no capítulo anterior pudemos observar algumas vítimas da concupiscência dos cavaleiros, neste vamos encontrar mulheres que são vítimas da sua própria luxúria, ditada por paixões descontroladas e não correspondidas. Ao longo da narrativa são várias as mulheres rejeitadas pelos cavaleiros a quem dedicam o seu amor. Lancelot bate o recorde dos cavaleiros que deixam as suspirosas damas de coração partido, mas não é o único, como veremos em seguida. Estas mulheres reagem de modos distintos à desdita de viver um amor não correspondido; algumas parecem conformar-se com um encontro fugaz, como é o caso da mãe de Galaaz, outras, porém, têm atitudes desesperadas que as levam a atentar contra a própria vida ou contra a do amado ou ainda a exercer a vingança do seu despeito sobre a outra mulher que lhe disputa os olhares e as atenções do cavaleiro em questão. Já fomos, ao longo deste trabalho, encontrando algumas destas mulheres rejeitadas que incluímos noutros capítulos, como por exemplo Morgaim, entre outras, por nos parecer que a sua característica mais marcante as situava melhor noutros contextos.

Comecemos então por falar da donzela rejeitada por Asgares, o Triste, cavaleiro da Távola Redonda que recusa os seus favores à donzela porque o seu coração tem outras aspirações, como nos conta na primeira pessoa:

Mas porque amava eu outra dona mais rica e mais freiosa [...] nom queria fazer nada do que ela demandava. (DSG, p.89)

(Mas porque amava eu outra dona mais rica e mais formosa, não queria fazer nada do que ela pedia.)

Mas a dama mantém-se vigilante à espera de uma oportunidade para trazê-lo à sua teia o que vem a suceder um dia em que ele passa perto do seu castelo, e ela, vendo-o aproximar-se, envia um mensageiro a convocá-lo para que lhe vá falar. Asgares recusa o convite, mata o cavaleiro que o quer forçar a acompanhá-lo e põe-se em fuga. Porém, a fuga é travada por Tristão, que chegara poucos minutos antes, presenciara o desfecho daquele encontro e interpretara a atitude de Asgares como

sinal de uma grande descortesia, que urgia corrigir. Dirige-se a ele de lança em riste e não reconhecendo o escudo do adversário como sendo de cavaleiro da Távola Redonda, ataca-o e derruba-o. De seguida, senta-o à sua frente, sobre a sela do seu próprio cavalo para levá-lo ao castelo da donzela. Vale a Asgares a chegada de Dondinax, cujo escudo é identificado pelos outros dois. Revelada a identidade de todos, Tristão mostra-se muito pesaroso por ter lutado contra um companheiro da Mesa Redonda e afasta-se chorando em alto pranto, devastado pelo desgosto.

Asgares, o Triste, apesar de muito ferido, está satisfeito por ter escapado à dona do castelo.

[...] *mais quisera seer morto ca me levar alá.* (DSG, p.89)

([...] mais quisera estar morto do que ser levado para lá.)

O que nos leva a concluir que devia ser uma donzela insistente e manipuladora de quem ele receia aproximar-se. Dondinax, depois de ouvir a história do amigo, leva-o dali para casa de um seu conhecido, onde Asgares poderá encontrar quem lhe trate os ferimentos.

*

A filha do rei Brutos

Outra donzela que sofre os tormentos da rejeição é a filha do rei Brutos¹, descrita como uma formosa jovem de quinze anos que, deslumbrada com a beleza de Galaaz, por ele se apaixona perdidamente. Galaaz e o seu companheiro, Boorz, são convidados a pernoitar no castelo pelo próprio rei, que anseia ouvir relatos das suas aventuras. Durante a refeição, a jovem donzela repara em Galaaz e, a partir desse momento, não consegue desviar dele o olhar.

E a filha d'el-rei Brutos, que era mui fremosa cousa, catou mui gran peça Galaaz e semellhou-lhe tam fremoso e tam bem talhado que o amou de coração, que nunca amou cousa do mundo tanto, que não partia del os olhos. (DSG, p.91)

(E a filha d'el-rei Brutos, que era coisa muito formosa, olhou por muito tempo para Galaaz e achou-o tão formoso e bem talhado que o amou do fundo do coração, como nunca nada no mundo tanto amara, e não podia tirar os olhos dele.)

Tão avassaladora é a paixão que a donzela logo conclui que se o não puder ter morrerá e, confiante na sua própria beleza e na juventude de Galaaz, acredita que será fácil atraí-lo.

[...] *e ela cuidava que de grado se outorgaria em tal cousa porque ela era uma das fremosas mulheres do regno de Logres e [...] ele cavaleiro mancebo.* (DSG, p.91)

([...] e acreditava que ele, de bom grado, assentiria em tal coisa, porque ela era uma das mulheres mais formosas do Reino de Logres e [...] ele era cavaleiro jovem.)

¹ O rei Brutos vive no Castel Brut, assim chamado em honra do seu fundador, Brutos também de seu nome, a quem, segundo a lenda, como já vimos, a Britânia ou (Grã)-Bretanha deve o seu nome (Cf. rodapé filha do gigante).

A rapariga não consegue controlar o sentimento que lhe invade o coração, nem a luxúria que lhe queima o corpo e, contra o conselho da ama que tenta chamá-la à razão, decide deitar-se com Galaaz. Ainda que se sinta atormentada pelos princípios ditados pela sua condição de donzela bem-nascida, invadida por receios e ensombrada por alguns pudores, desliza no silêncio do castelo obedecendo ao coração que comanda a sua vontade, dirige-se à câmara onde Galaaz e Boorz se recolheram para passar a noite e aninha-se no leito do apaixonado, esperando poder despertar nele o mesmo desejo que a domina. Contudo, depois de todo o esforço e ousadia, a pobre donzela depara-se com um Galaaz profundamente adormecido e vestido de áspera estamena, e reconhece então que ele pertence à classe dos cavaleiros que se penitenciam durante a vida terrena para alcançar as graças divinas no Além e que, por isso, nunca aceitaria sucumbir aos prazeres da carne.

Nom é ele cavaleiro dos cavaleiros andantes que dizem que sam namorados, mas é daqueles que a sua vida e a sua lidice é sempre em penitência, pola qual lhes vem gram bem pêra o outro mundo [...] e nam posso eu acabar com ele o que querria. (DSG, p.93)

(Ele não é cavaleiro dos cavaleiros andantes, que dizem que são enamorados, mas sim daqueles cuja vida e alegria é estar sempre em penitência, pela qual ganham grandes benesses para o outro mundo [...] e não posso fazer com ele o que queria.)

Em vez de abandonar a alcova, de forma tão discreta como entrara, a rapariga, quiçá paralisada pela surpresa e pela desilusão, permanece deitada ao lado de Galaaz a chorar em silêncio a sua tristeza até que o cavaleiro acorda e, horrorizado, a rejeita, mesmo quando ela ameaça que se matará. Não crendo na ameaça, Galaaz começa por menosprezá-la e diz-lhe que não a quereria, mesmo que ela fosse a mulher mais bonita do mundo. Mas depois, quando a donzela pega na espada e está prestes a enfiá-la no peito, Galaaz grita-lhe que pare e, mesmo sabendo que seria a condenação da sua alma, promete que fará como ela quer.

- Ai, bõa donzela! Sofre-te ũũ pouco e nom te mates assi ca eu farei todo teu prazer! (DSG, p.95)

(- Ai, boa donzela! Contém-te um pouco e não te mates assim, porque farei tudo o que queres.)

Contudo, ela está demasiado perturbada e, com raiva, acusa-o de ter tomado a decisão tarde demais e mata-se. Fá-lo usando a espada de Galaaz, para que ele seja incriminado pela sua morte. A estratégia da donzela começa por resultar porque levado pelos indícios o rei Brutos culpa Galaaz e Boorz pela morte da filha e quer vingá-la. Trava uma aguerrida luta contra Boorz que, depois de o ter à sua mercê, concede-lhe a vida. Depois desta demonstração de força e de cortesia cavaleiresca, o rei Brutos desiste da sua vingança e pede apenas que lhe digam porque lhe mataram a filha. Boorz conta-lhe então toda a verdade, enquanto Galaaz assiste sem emitir qualquer palavra.

A bela e o cavaleiro adormecido

Certo dia, à entrada de uma floresta, Persival encontra um cavaleiro adormecido à sombra de um carvalho. Ao seu lado estão pousadas as armas, e o cavalo pasta nas redondezas. O seu rosto manchado, devido ao uso das armas não é reconhecível. Porém, ainda que Persival não o identifique, pelo seu aspeto, não tem dúvida de que é cavaleiro de grande importância. Aproxima-se com curiosidade, mas logo é interceptado por uma donzela, muito formosa que o impede de acordar o cavaleiro adormecido e insiste para que se afaste dali e retome o seu caminho. Proíbe-o de olhá-lo sequer porque não o julga digno de o fazer.

- Amigo, ide vossa carreira, e deixade dormir o cavaleiro. Certas, vós nom sois tal que sol o devades catar. (DSG, p.158)

(- Amigo, segui o vosso caminho, e deixai dormir o cavaleiro. Certamente, não sois tal que o deveis olhar.)

Cada vez mais intrigado, Persival pergunta quem é o cavaleiro adormecido. Ela confessa-lhe que, apesar de andar na sua companhia há já três dias, não sabe o seu nome porque ele se recusou a revelar-lho. Contudo, pelos grandes feitos que o viu fazer, tem a certeza que ele é o melhor cavaleiro do mundo. Como Persival insiste em ficar, ela acaba por aceitar a sua companhia, e pede-lhe que, em contrapartida, prometa que lhe dirá quem é o cavaleiro adormecido, quando o descobrir. Depois de muito olhar, Persival consegue reconhecê-lo e diz à donzela que já sabe quem é; confirma que é, de facto, um dos mais prezados cavaleiros do mundo, mas à cautela, adia a revelação da identidade do companheiro, deixando a donzela expectante para satisfazer a curiosidade.

- Ai, dom cavaleiro! disse a donzela, por Deus e pola verdadeira cruz, pois vós o seu nome sabedes, dizeide-mo, ca nom há nada no mundo rem que tanto saber deseje.

- Nom vos cuitedes, disse Persival, eu vo-lo direi ante que nos partamos.

- Muitas mercees, disse ela. (DSG, p. 159)

(- Ai, dom cavaleiro! disse a donzela, por Deus e pela verdadeira cruz, pois se o seu nome sabeis, dizei-mo, porque não há nada no mundo que tanto deseje saber.

- Não vos aflijais, disse Persival, eu vo-lo direi antes de nos separarmos.

- Muito obrigada, disse ela.)

Assim, conformada a donzela, sentam-se lado a lado e conversam de forma amistosa até que o cavaleiro adormecido começa a chorar e a soltar gemidos pungentes. A donzela, aflita, pede agora a Persival que o acorde para poupá-lo ao sofrimento, mas ele acha que ao acordar o amigo, causar-lhe-ia maior sofrimento porque o impediria de viver as experiências do sonho e não o faz. Quando algum tempo depois, o cavaleiro acorda, reconhece de imediato Persival que lhe diz ter estado prestes a despertá-lo, tais eram as suas manifestações de grande sofrimento. Conversam, ignorando a

presença da donzela, que permanece em silêncio até ao momento em que os cavaleiros se preparam para partir, sem que Persival pareça lembrar-se já dela.

- *Senhor, dize-me o que me prometestes: o nome deste cavaleiro. (DSG, p.163)*

Persival sabe que, como bom cavaleiro, deve cumprir o que prometera à donzela, mas, ainda assim, está disposto a não o fazer se essa for a vontade do companheiro. Chama-o à parte para conferenciar sobre a atitude a tomar e acaba por confirmar que Lancelot não está interessado em estreitar quaisquer laços de relacionamento.

- *Ora bem lho podedes dizer, se vos praz, mas pêro per mim nom no saberia, hoje nem cras. Ca esta é ùa das mais vilâãs donzelas nem das mais nojosas que eu nunca achei, e prazer-ia muito se ela quisesse de sermos livres da sua companhia. (DSG, p.164)*

(- Ora bem o podeis dizer, se vos apraz, mas por mim não o saberia, nem hoje nem nunca. Porque esta é uma das mais vis donzelas e das mais malvadas que já encontrei, e muito me agradaria se ela quisesse dispensar-nos da sua companhia.)

Ignoramos por que o diz já que nada sabemos sobre o passado da jovem ou sobre o tipo de aventuras que poderão ter acontecido durante os três dias em que andaram juntos. Persival procura resolver a questão a contento dos dois cavaleiros e começa por fazê-la prometer que lhe concederá um dom. A intenção é pedir-lhe que não os acompanhe, depois de revelar o nome do cavaleiro adormecido, mas nem chega a fazer a proposta porque ela, que entretanto já se apercebera que era Lancelot, começa a chorar muito desanimada ao compreender que em vão pusera nele o seu coração, pois Lancelot é inatingível. Cumpre o que prometeu e afasta-se tomada pela tristeza de saber que nunca será feliz porque não terá jamais aquele por quem se apaixonou.

E logo ela se tornou por aquela carreira, [...] tam gram doo fazendo como se quantos amigos hava visse mortos ante si e chamando-se cativa e estrosa e mizquinha e mal aventurada, dizendo que jamais haveria lidice quando lhe falecera a rem do mundo que mais desejara. (DSG, p.164)

(E ela logo partiu, por aquele caminho, [...] fazendo um tal pranto como se visse mortos na sua frente quantos amigos tinha, e ia chamando a si própria infeliz e desditosa e miserável e mal-aventurada, dizendo que jamais teria alegria quando lhe faltava aquele que no mundo mais desejara.)

Nenhum deles se compadece da donzela desfeita em pranto, que parte, deixando-os aliviados.

- *Semelha-me que livres somos desta donzela. (DSG, p.164)*

(- Parece-me que nos livrámos desta donzela)

Sem pensar mais nela, partem para a ermida onde Lancelot quer encontrar quem lhe explique o significado das suas visões oníricas.

*

A filha da Dama da capela

Uma formosa princesa apaixonou-se por um cavaleiro, mas o rei, seu pai, não quer consentir em tal casamento, por julgar que o pretendente não provem de linhagem suficientemente importante para ombrear com a sua. Ordena, pois, à filha que esqueça o amado.

- Tu es sandia e já mais nom pensis i ca te farei morrer de maa morte, ca eu nom quero abaiçar por ti minha linhagem. (DSG, p.453)

- Estás louca, e nunca mais penses nisso ou faço-te morrer de má morte, porque não quero, por ti, baixar a minha linhagem.

Por mais convincente e assustadora que a ameaça tivesse sido, os jovens não obedecem e continuam a encontrar-se em segredo. Num desses encontros, em que conversam sobre as perspetivas para o seu futuro, a donzela leva o amado a concluir que só se conseguiriam casar se o pai dela morresse, já que a mãe e os irmãos, achava ela, não se oporiam. O rapaz mostra-se surpreendido pela constatação do facto que a namorada lhe apresenta e decide pressionar o destino.

- Como? diss'el, nom vos poderei eu haver senom per morte de vosso padre? [...] Pois eu me trabalharei como moira. (DSG, p.453)

(- Como? Disse ele. Não vos poderei ter senão por morte de vosso pai? [...] Pois então tudo farei para que morra.)

A reação do rapaz soa-nos ingénua; no entanto, não há dúvida de que assim fica evidenciada a maldade da donzela, em contraste com uma certa aura de inocência para ele que apenas verbaliza a terrível tomada de decisão que a ardilosa amada o leva a proferir. Acertam os pormenores e o rapaz, aproveitando o momento em que o casal real dormia, entra nos seus aposentos e apunhala o rei. De imediato tem consciência da gravidade do seu ato; atordado, larga o punhal, que cai sobre a rainha adormecida e foge do local. A donzela em pânico, com medo que o namorado seja considerado acusado do hediondo assassinio, rapidamente urde um plano: começa a gritar e quando os irmãos chegam, fá-los crer que a mãe matara o pai. Como eles vissem o punhal ensanguentado, caído sobre o corpo da rainha, acreditam que a irmã fala verdade e como castigo, enterram a mãe viva e colocam uma pesada pedra tumular sobre o corpo. Não temos mais nenhuma informação sobre o que poderá ter sucedido aos desventurados amantes¹.

*

¹ Cf. Dama da Capela.

5.3. ... e amadas idolatradas

*I sin not, for my husband is my shame
I put on Tristram's love, a crown to wear
In all men's sight. 'Tis Tristram makes me queen.*

Martha Kindross, *Tristram ans Isoult*

*I was a queen, and he who loved me best
Made me a woman for a night and a day,
And now I go unqueened forever more*

Sara Teasdale, *Guenevere*

As relações entre homens e mulheres na Idade Média, em especial a partir do século XII, ficam marcadas pelo conceito de amor cortês, como definição de um sentimento que englobava em si emoções e desejo físico. Contudo, enquanto no que diz respeito às emoções os amantes podiam dar largas à expressão do seu sentir, a consumação física do amor ficava interdita o que emprestava a este amor uma permanente componente de insatisfação. Como nota José Mattoso¹, um dos aspetos mais conhecidos da sexualidade medieval é o sofrimento causado pela impossibilidade de a consumir fisicamente, o que leva os amantes a viverem em estado de permanente procura e esforço de conquista.

A designação *amour cortois*² foi da autoria do medievalista francês do século XIX, Gaston Paris, que a usou para caracterizar o tipo de relação entre Genevra e Lancelot na obra de Chrétien de Troyes *Lancelot* ou *Le Chévalier de la Charrette*, escrito por volta de 1178 – 1180. A expressão é pois bem mais recente do que as novelas de cavalaria e corresponde ao que os seus contemporâneos chamavam de *fin' amor*, designação cuja autoria se atribui ao trovador Guillaume IX, avô de Leonor de Aquitânia, a grande impulsionadora da divulgação da literatura arturiana pela Europa.

Este paradigma amoroso que tanto sucesso fez nas trovas portuguesas, não merece grande enfoque no texto de *A Demanda do Santo Graal*, no qual a proposta é, pelo contrário, desmerecer esse amor terreno em prol do amor espiritual dedicado a Deus. Aqui não há trovas para a amada, mas sim louvores a Deus, e as lágrimas e preces subsituem-se aos suspiros de amor, quase totalmente

¹ Cf. Mattoso, 2009, *op. cit.*, p. 32.

² E. Jane Burns, 2006 –“Courtly Love”, in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, ed. Margaret Schaus, Routledge Taylor & Francis Group, New York, p.174-177.

erradicados da narrativa. Das relações amorosas incluídas nesta novela a de Lancelot e Genevra ou a de Palamedes por Iseu, são as que mais se aproximam do modelo de amor cortês. Quer num caso, quer no outro, a figura feminina assume um forte ascendente sobre o amado, mas de forma algo distinta. Palamedes vive em função do seu amor platónico por Iseu, que parece nem saber da sua existência, e todos os seus esforços vão no sentido de a agradar e de não lhe causar qualquer sofrimento. É tão abnegado que chega ao ponto de defender o rival, Tristão, que sabe ser o objeto dos amores da dama. No caso de Lancelot, é inegável que é correspondido pela sua dama, porém, a partir do momento em que a demanda se inicia, o amor por ela parece iniciar uma fase de declínio em que o cavaleiro vive em angústia permanente, dividido entre o desejo de estar com a amada e a obsessão de fugir dela e do pecado que ela representa, se bem que a consumação física deste amor também nunca seja afirmada de forma inequívoca por nenhum dos envolvidos, como veremos no capítulo que dedicamos a Genevra.

Estas são as histórias de amor mais marcantes na narrativa, mas não queremos deixar de referir outras que, ainda que de menor relevo, falam de mulheres que foram amadas para além da vida.

Morrer de amor

Canabos era um homem da corte de Uter Padregão, pai do rei Artur, detentor de grandes poderes mágicos apenas ultrapassados pelos de Merlim. Canabos estava muito apaixonado por uma certa mulher de grande formosura que, por sua vez, estava enamorada de um cavaleiro que a amava também. O mago, cheio de ciúme, decide usar os seus poderes para impedir que os amantes se encontrem e constrói o castelo de Corberic, fazendo com que ele não seja visível para a grande maioria dos cavaleiros andantes e que os poucos que conseguem lá chegar, levados pelo acaso ou por uma qualquer força superior, ao partir logo percam a noção da sua localização e não mais consigam voltar. Concluído o castelo, aprisionou nele a amada impedindo assim o cavaleiro, por ela apaixonado, de voltar a conseguir encontrá-la. A magia de pouco serviu a Canabos pois os amantes morrem de desgosto ao saber que nunca mais se poderão ver.

O castelo de Corberic continuou, no entanto, a manter as suas características mágicas por muitos séculos.

Aquel encantamento durou dès ante que reinasse Uter Pandragom até a vñinda de rei Charles o Grande, que o fez derribar e destruir. E nunca pois ar foi feito. (DSG, p.402)

(Aquele encantamento durou desde o tempo anterior ao que reinou Uter Padregão até à chegada do rei Carlos Magno, que o mandou demolir e arrasar e nunca mais coisa alguma foi construída ali.)

Este, como já vimos, foi o castelo onde depois viveu o Rei-pescador e onde ficou guardado o Santo Graal até à chegada de Galaaz, um dos raros cavaleiros a quem foi dado descobrir a sua localização.

*

A amada de Dalides

Não conseguindo viver com a desonra de ter sido incapaz de derrotar Galaaz, Dalides resolve pôr termo à própria vida. Antes de se suicidar, pede aos companheiros que levem o seu corpo a sepultar no Castelo Estranho, do qual é senhora a sua amada. Faz uma prece para que Deus faça perpetuar a sua lembrança no coração dela e acautele os seus amores futuros.

- Senhor por quem eu tanto mal sofri e servi sempre dêz que foi cavaleiro, rogo eu ao Deus de amor que, assi como vos eu amo verdadeiramente e sem falsidade, assi vos meta ele em coração de vos eu nom esquecer nem que amedes outro depós minha morte, se nam for tam bõõ cavaleiro como eu. (DSG, p.74)

(- Senhora por quem eu tanto mal sofri e a quem servi sempre, desde que fui cavaleiro, rogo ao Deus de amor que, assim como eu vos amo verdadeiramente e sem falsidade, vos ponha ele no coração não vos esquecerdes de mim nem amardes outro depois da minha morte, se não for tão bom cavaleiro como eu.)

Esta mulher tem o raro privilégio de fazer parte da lembrança e das preocupações, ainda que não totalmente altruístas, do seu amado na hora em que se prepara para morrer.

*

A amada de Queiam

Quando Queiam se vê ferido mortalmente, sem poder voltar a Logres, pede que o levem para a Normandia para que possa morrer em casa de uma donzela que fora sua amada. É tudo quanto ficamos a saber sobre a dama, que, por certo, despertou os amores do cavaleiro ao ponto de o levar a exprimir o desejo de ficar junto dela para a eternidade.

*

Iseu

Iseu, tal como Genevra, é uma das mulheres mais belas, mais amadas, mais idolatradas e mais cobiçadas deste universo de cavaleiros andantes. Por razão dos seus encantos, muitas lutas se desencadeiam, muitos ódios fermentam e muito sofrimento se desencadeia nos corações de vários apaixonados, que brigam ou suportam em silêncio os tormentos de um amor impossível de

consumar. A história de Tristão e Iseu, não tem espaço nesta narrativa das aventuras de **A Demanda do Santo Graal** e o leitor é várias vezes remetido para a *grande história de dom Tristam*¹, caso tenha curiosidade de saber mais sobre os seus amores. No entanto, quer Tristão quer Iseu são mencionados em diferentes momentos da narrativa e aqui passamos dedicar a nossa atenção àqueles em que Iseu é referida.

Iseu, amada de Tristão, é mencionada logo num dos episódios iniciais para nos dar a saber que Tristão, por ciúme, matou Dragam, um cavaleiro da Távola Redonda que procurara os favores da bela rainha Iseu.

Tristão é descrito como sendo um dos cavaleiros mais valentes e arrojados do reino e dos que gozam de maior estima por parte do rei Artur. Esse sentimento fica evidente quando, na festa do Pentecostes, o rei manifesta o seu desagrado por Tristão não ter vindo à corte, como era esperado, para cumprir o costume destas festas e para tomar o seu lugar na Mesa Redonda. O rei maldiz a beleza de Iseu pois devido a ela o companheiro está ausente.

[...] Ora falece da Távola Redonda dom Tristam e nom outrem. Mas maldita seja a beldade de Iseu per que o assi havemos perdudo ca, se ela nom fosse, nom leixaria el em niua guisa que el nom veese a esta festa. (DSG, p.30)

([...] Agora, só falta na Távola Redonda Dom Tristão e ninguém mais. Maldita seja a beleza de Iseu devido à qual o perdemos, pois se não fosse por ela, não deixaria ele de vir a esta tão grande festa.)

Tristão acaba por chegar, e ainda a tempo de assistir à manifestação do santo Graal que entra no paço e derrama sobre os presentes as graças celestiais. Este é o único momento da história em que a Távola Redonda fica completa com os seus 150 ocupantes, circunstância que jamais se repetirá depois de iniciada a demanda.

Iseu faz também bater o coração do valoroso Palamedes, o cavaleiro que tomou como missão principal desvendar o mistério da Besta Ladrador. É dos seus lábios que ouvimos aquela que, na nossa opinião, é a mais bela declaração de amor desta obra.

- Ai rainha Iseu, a mais fremosa dona que nunca homem viu, rainha das rainhas, senhor das senhores, fonte e espelho de beldade, tam fremosa cousa e de tam boo doairo e tam cortês e tam preçada que todo o mundo val mais per vós e este nomeado de vossa beldade. Senhor depós cuja morte todo o mundo se pode loar que ante vós nom foi tam fremosa nem agora nem depois será! Ora prouguesse ao rei dos reis que vós me quiséssedes tam gram bem como queredes ao fremoso Tristam. Se Deus me ajude, eu me teria por melhor aventurado ca de todo o mundo seer meu.

¹ Paralelamente às histórias do rei Artur desenvolvia-se outro ciclo literário sobre os amores de Tristão e Isolda, sendo *Tristan*, (c. 1160) uma composição em verso, em língua francesa, atribuída a Thomas d'Angleterre, a obra mais antiga cujos fragmentos (restam 2755 linhas) chegaram até hoje. Só nos anos de 1240, com *Prose Tristan*, de autor desconhecido, passaria Tristão a fazer parte da gesta arturiana. Mike Ashley, 2005, *op. Cit.*, pp.367, 374, 377. Não sabemos a que obra em concreto se referiria o narrador de *A Demanda do Santo Graal*.

[...] Ai, rainha Iseu cuja bealdade me há-de matar, ca nom posso viver longamente! A vós comendo minha alma; a vós rendo meu corpo; a vós dou meu esprito! Vossos sejam meus olhos, vosso seja meu andar, vosso seja o meu pensar, vosso seja o meu dormir, vosso seja o meu despertar, vosso seja o meu velar, vosso seja o meu trabalhar, vosso seja o meu folgar, vossa seja a minha morte e vossa seja a minha vida. E não queira Deus que de outra forma seja. (DSG, p.281)

(- Ai, rainha Iseu, a mais formosa mulher que já alguém viu, rainha das rainhas, senhora das senhoras, fonte e espelho de beleza, criatura tão formosa e de tão bom donaire e tão cortês e tão prezada que, por vossa causa e pela fama da vossa beleza, vale mais o mundo. Senhora após cuja morte se poderá o mundo vangloriar de antes de vós não ter havido outra tão formosa, como não há agora, nem haverá depois! Tomara que ao rei dos reis aprovesse que me quisésseis tanto como quereis ao formoso Tristão. Assim Deus me ajude, eu me consideraria, por isso, mais bem-aventurado do que se todo o mundo fosse meu.[...] Ai, rainha Iseu, cuja beleza me há de matar, porque não posso viver por muito mais! A vós encomendo a minha alma; a vós rendo o meu corpo; a vós dou o meu espírito! Vossos sejam os meus olhos, vosso seja o meu andar, vosso seja o meu pensar, vosso seja o meu dormir, vosso seja o meu despertar, vosso seja o meu esforço, vosso seja o meu folgar, vossa seja a minha morte e vossa seja a minha vida. E não queira Deus que de outra forma seja.)

Esta declaração é feita por Palamedes antes de adormecer, na casa em ruínas de um montanheiro, onde se recolheu para passar a noite e onde acreditava estar só. Porém, outros dois cavaleiros, Tristão e Galaaz, descansam ao abrigo das mesmas paredes e escutam as palavras do apaixonado, cuja voz não conseguem identificar. Tristão, furioso, jura dar morte ao atrevido que assim suspira pela sua Iseu e, só por deferência para com a presença de Galaaz, decide esperar pela manhã para concretizar os seus propósitos de vingança. Deita-se e adormece em sono profundo.

Manhã bem cedo, Palamedes equipa-se e apressa-se a partir, antes que alguém o veja. Porém, no momento em que abandona a velha casa em ruínas, vê Galaaz, que entretanto despertara também. Apesar de não reconhecer o cavaleiro que o espreita, fica a saber que não estava só e que o seu lamento amoroso fora escutado por estranhos. Movido agora pela urgência de esconder a sua identidade, Palamedes trata de se livrar do escudo que o poderia denunciar e a oportunidade surge quando se cruza com Ebes, o Nomeado; justa com ele e rouba-lhe o escudo, deixando-lhe o seu. Ebes nem tem tempo para se aperceber que os seus infortúnios tinham apenas começado. Ainda mal refeito do embate anterior, é atacado por Tristão que, furioso, vem em desabrida correria vingar-se daquele que acredita ser o cavaleiro apaixonado por Iseu. Ebes morre às mãos de Tristão, tendo apenas tempo para revelar a sua identidade e contar como perdera o seu escudo e como o que agora traz lhe fora deixado por outro cavaleiro. Triste pela injustiça cometida, mas nada decidido a esquecer a vingança, Tristão continua a sua perseguição deixando o funeral de Ebes ao cuidado de Gaariet que, em hora oportuna, por ali passara.

Finalmente, encontram-se e travam uma luta encarniçada, sem que se vislumbre qual poderá sair vencedor, porque são ambos cavaleiros de excelência. A luta é interrompida com a chegada de

Blioberis que, depois de os observar durante algum tempo, conclui que tão bons cavaleiros só poderão ser da Mesa Redonda e como tal não deveriam digladiar-se. Quando Palamedes toma conhecimento que o seu adversário é Tristão, recusa-se a continuar a luta para não causar sofrimento a Iseu, pois sabe que ela ama Tristão e que qualquer dano infligido ao amado lhe traria dor e sofrimento. Palamedes entrega a sua espada e a vida à mercê de Tristão que, ainda que contrariado, é obrigado a desistir da contenda para não ofender os princípios da cavalaria.

Era tal costume que todo cavaleiro que ende companheiro fosse nom devia meter mão em cavaleiro que lhe sa espada desse já tanto de erro nom lhe haveria feito. (DSG, p.288)

(Era tal o costume que todo o cavaleiro, que dela [Távola Redonda] fosse companheiro, não devia meter mão em cavaleiro que lhe entregasse a sua espada, mesmo que ofensa lhe tivesse feito.)

Tristão promete, no entanto, concretizar a sua vingança numa outra circunstância em que se encontrem e Palamedes confirma a sua intenção de evitar o confronto entre ambos.

[...] mais bem sabede que em no primeiro logar que vos achar, que me nom não escaparedes que vos nom mate ou vós mim.

E Palamedes disse:

- Nom sei como xê averrá, mais nossa batalha estovarei quanto eu poder. (DSG, p.289)

([...] mas sabei que no primeiro lugar que vos encontrar, não escapareis sem que vos mate ou vós a mim.

E Palamedes disse-lhe:

- Não sei se tal acontecerá, mas a nossa batalha evitarei o quanto puder.)

Quando os dois se voltam a encontrar, Tristão está na iminência de ser vencido por um grupo de cavaleiros, contra os quais luta, e Palamedes vem em seu auxílio, salva-o e depois afasta-se sem qualquer troca de palavras.

Palamedes é nesta obra, como acabámos de ver, o cavaleiro cujo comportamento mais se aproxima do protótipo do amor cortês. Ele demonstra a sua devoção incondicional à amada, mesmo que não possa contar vir a ter algum dia o seu amor, que ele sabe ser dirigido a Tristão. Está disposto a lutar e a morrer por ela e a suportar o seu sofrimento em silêncio para não manchar a reputação da dama. Tal como era apanágio da literatura trovadoresca, quando não está embrenhado na luta, o cavaleiro cai em estados de tristeza e melancolia como o que acima transcrevemos tão bem ilustra.

Outro homem apaixonado por Iseu é o rei Mars da Cornualha que a não consegue tirar do pensamento¹, em especial depois de Tristão a ter levado para a Grã-Bretanha e a ter instalado na Joiosa Guarda. Mars pensa pedir a Artur que lha envie de volta, mas duvida que este o faça, devido à estima que nutre por Tristão e pela poderosa linhagem do rei Ban. Também não se atreve a raptá-la

¹ Apesar deste amor desesperado, Mars desflorara Ladiana, sua sobrinha. (Cf. Ladiana a irmã de Aldret).

porque sabe que não tem força de armas que lhe permita fazê-lo com sucesso. Resta-lhe pois remoer o seu ódio por Tristão, e por Artur e aguardar uma ocasião que lhe seja mais favorável. A oportunidade surge quando é informado que os cavaleiros da Távola Redonda deixaram a corte para tomar parte na demanda do Santo Graal e que, por conseguinte, as forças de Artur estão enfraquecidas. Com este argumento, trata de aliciar os Saxões para que se lhe aliem e juntos tomem o desguarnecido reino de Logres. Para si, guarda um propósito mais desta campanha: raptar Iseu da Joiosa Guarda. Mais uma vez, uma mulher, neste caso Iseu, vai estar na raiz de uma contenda sendo que esta é uma das mais nefastas e que em muito contribuirá para a queda do reino de Artur.

Quando os exércitos do rei Mars e dos saxões chegam à Grã-Bretanha, a sua primeira diligência é tomar a Joiosa Guarda, o que conseguem sem qualquer dificuldade porque os seus habitantes, longe de suspeitar a aproximação de qualquer inimigo, estão despreocupados e descuram a defesa. Mars parece conhecer bem o castelo pois, sem hesitar, dirige-se aos aposentos das mulheres e rapta Iseu.

Rei Mars se foi direita u sabia que a rainha jazia e filhou-a de ùa câmara per força u jazia com grande companhia de donas e de donzelas. (DSG, p.336)

(O rei Mars foi diretamente para onde sabia que a rainha estava e levou-a à força, de uma câmara onde dormia na companhia de um grande número de damas e de donzelas)

De seguida, saqueia e incendeia todo o castelo de onde muito poucos conseguem escapar. O produto do saque é distribuído pelos vencedores mas o rei Mars nada quer para si porque já alcançou o bem mais pretendido: Iseu. Depois de tomar a Joiosa Guarda, aprisiona-a e envia-a, sob escolta de muitos cavaleiros, de regresso à Cornualha enquanto ele e os seus aliados saxões vão tomar Camaalot, tarefa que acreditam facilitada devido à ausência da corte dos valorosos cavaleiros da Távola Redonda e porque contam com o fator surpresa que, tal como acontecera na tomada da Joiosa Guarda, jogaria a seu favor. É neste cerco a Camaalot que Palamedes toma conhecimento de que Iseu fora enviada para a Cornualha e fica despedaçado porque não a vendo não poderá ter qualquer alento para o seu amor.

E quando ele ouviu aquelas novas houve tam gram pesar que bem quisera seer morto aquela hora. Ca bem vio entam que nom podia haver cima seu amor se nom fosse u ela era. (DSG, p.348)

(Quando Palamedes ouviu aquelas novas sentiu tão grande pesar que bem preferia estar morto naquela hora. Porque bem viu que não poderia satisfazer o seu amor se não estivesse onde ela estava.)

Este rapto de Iseu provoca ainda um outro grande desgosto e desespero a Tristão que está recolhido numa abadia a convalescer dos grandes ferimentos que recebera em combate. O portador

da notícia será Galaaz que, depois de ter lutado contra as forças do rei Mars e dos saxões, às portas de Camaalot, vai pernoitar na abadia onde está Tristão, e ali lhe conta como Mars e os seus aliados haviam sido vencidos e desbaratados pelas forças do rei Artur. Conta-lhe também como o rei Mars, a caminho de Camaalot, tomara a Joiosa Guarda e raptara Iseu, tendo-a de seguida enviado para a Cornualha. Tristão cai em profundo sofrimento, as chagas dos ferimentos anteriormente recebidos, já quase saradas, reabrem-se quando o seu corpo se torna hirto de angústia. Em desespero, chora a sua desdita por ter perdido a amada.

- Ai astroso, morto som! Todo hei perdudo pois perdi mia senhor. Ai Ventura, maldita cousa e desleal, como me foste avessa a esta saçom! Tu mi mataste e confundisti! (DSG, p.348)

- Ai, desgraçado, estou morto! Tudo perdi porque perdi a minha senhora. Ai, ventura, coisa maldita e desleal, como me foste adversa nesta hora! Mataste-me e confundiste-me!

Os monges voltam a tratar-lhe as feridas, mas Tristão permanece enfermo e sem poder mover-se durante mais de meio ano. Não sabemos quando deixou a abadia.

Gorada que estava a tentativa de tomar Camaalot, o vencido rei Mars pusera-se em fuga para as suas terras, carregando no peito o mais profundo ódio e desejo de vingança que, uma vez mais, terá que ficar à espera de oportunidade favorável. De Iseu nada mais se diz, embora se conte que o rei Mars, já velho, mas ainda muito viçoso, animado pelo desejo de vingança, vem ao já destruído reino de Logres com o propósito de arrasar tudo o que Artur construía, para que assim se apagasse também a memória da sua existência. Na sua fúria de destruição, vai à Joiosa Guarda, arranca o cadáver de Lancelot da tumba e atira-o para uma fogueira. Mars está desvairado pela raiva de quem nada mais tem a perder. A única coisa que ainda lhe desperta uma réstia de sentimentos de compaixão e de tristeza é a morte de Iseu, ao contrário do que sucede com a morte do sobrinho Tristão.

[...] da morte da rainha Iseu andava el mui triste, tam sobejamente a amava muito. Mas da morte de seu sobrinho nom era em triste mas mui ledô. (DSG, p.509)

([...]Pela morte da rainha Iseu andava ele muito triste, pelo muito que a amava. Mas a morte do seu sobrinho não o deixava triste mas antes muito contente.)

Ficamos assim a saber que Iseu não viveu para ver o fim do reino de Artur, que a sua imagem atormentou, até o fim, a vida do rei Mars e que foi a dor da sua ausência que o levou a querer aniquilar tudo o que pudesse deixar para a memória das gentes o legado desta corte, que fora um dia a mais poderosa, rica e harmoniosa que alguma vez existira.

*

Genevra

A rainha Genevra tem na corte uma presença muito discreta e, tal como as outras mulheres, parece viver mais ou menos confinada ao mundo das alcovas femininas sobre as quais pouco é dito. São espaços reservados à rainha e suas damas de companhia de onde chegam apenas rumores, risos e principalmente choros. Na história de *A Demanda do Santo Graal* portuguesa, tal como em muitas das versões das lendas Arturianas, Genevra é uma mulher amargurada, presa na teia dos seus amores por Artur e por Lancelot. Sobre os três paira a maldição dos sentimentos que os unem, que são, em simultâneo, a sua felicidade e o seu infortúnio. São vários os momentos da narrativa em que qualquer um dos três fala da admiração e amor que nutre pelos outros. Todos se amam e desejam estar juntos, mas sofrem por causa dos dilemas em que a sua relação os coloca. A descoberta da traição de Lancelot com a rainha, nunca faz com que se apague da mente de Artur o valor do seu campeão, como cavaleiro e como amigo, e a sua estima por ele evidencia-se até aos momentos finais. Depois das grandes batalhas, quando o rei está à beira da morte, olha a espada Excalibur e afirma que a única pessoa que acredita ser digna de a trazer, depois dele, é Lancelot e, porque não lha pode fazer chegar às mãos, prefere atirá-la ao lago.

[...] *Mas u acharás homem já mais tam bem empregada sejas como eras em mim se aas mãos nom vees de Lançalot? Ai Lançalot, o melhor homem e o melhor cavaleiro que eu nunca vi ...prouguesse a Nosso Senhor que tu esta espada houvestes e soubesse-o eu! Certas a minha alma seeria mais viçosa ende pêra sempre! (DSG, p.493)*

[...] Mas onde encontrarás alguém em quem tão bem empregada sejas como comigo, se não chegas às mãos de Lancelot? Ai, Lancelot, o melhor homem e o melhor cavaleiro que alguma vez vi [...] quem dera aprovesse a Nosso Senhor que tivesses tu esta espada e que eu o soubesse! Por certo que a minha alma ficaria feliz agora e para sempre!

Nos momentos críticos, contam com o auxílio uns dos outros e nas horas festivas também não se dispensam. A separação entre eles é motivo de tristeza e contrariedade. Artur, Genevra e Lancelot são o equilíbrio essencial à sustentação do reino. Quando a harmonia entre os três se quebra, o reino desmorona-se.

Encontramo-los logo no 2º episódio da narrativa, quando Genevra, silenciosa, acompanha o rei que está desolado porque Lancelot se prepara para deixar a corte, pouco antes dos festejos do Pentecostes, para atender à donzela que o veio chamar. O rei está contrariado porque Lancelot, exemplo de garbo e valentia, é indispensável na sua corte para onde se deslocam, por sua causa, muitos cavaleiros de terras distantes.

[...] *Leixar-nos queredes a atal festa u cavaleiros de todo o mundo vêem aa corte e mui maais ainda por vos veerem ca por al[...] (DSG, p.19)*

([...] Quereis deixar-nos durante esta festa em que cavaleiros de todo o mundo vêm à corte e muito mais para vos ver do que por qualquer outro motivo...)

A presença da rainha e das suas damas é discreta, mas ajuda a fazer passar a imagem do fausto da corte. Todas estas mulheres deslizam, em grande número e muito bem ataviadas, a acompanhar o rei e os cavaleiros em momentos especiais do dia-a-dia, como o ir ouvir missa ou tomar parte nas refeições no salão do paço.

El-rei fora entam ouvir missa aa see [...] E com a rainha iam tantas donas e donzelas que era grande maravilha. (DSG, p.23)

Ouvem missa e logo depois [...] a rainha se foi pera a câmara com todas as suas donzelas e companhia. (DSG, p.24)

As mulheres recolhem aos seus aposentos, mas não ficam alheias aos acontecimentos que os homens experienciam. Mensageiros ou janelas, estrategicamente situadas sobre os diferentes lugares do castelo, permitem-lhes manter um perfeito controlo sobre os acontecimentos que, muitas vezes, não são mais do que a concretização daquilo que elas parecem desde sempre saber que viria a ocorrer. Um desses momentos é, por exemplo, quando no paço se descobre que Galaaz é o escolhido para ocupar o Assento Perigoso. Genevra não está presente; porém, a notícia não tarda a chegar ao seu conhecimento porque um donzel corre a informá-la sobre a ocupação da misteriosa cadeira, por um jovem de 18 anos que acabara de chegar à corte, e ela, de imediato, parece saber de quem se trata.

[...] E ela começou a pensar e logo esmou em seu coração que era filho de Lancelot [...] (DSG, p.31)

([...] E ela começou a pensar e logo concluiu, no seu íntimo, que era o filho de Lancelot [...])

O que é confirmado quando o pajem lhe diz o nome do recém-chegado. Pouco depois, todos os cavaleiros acompanham o rei Artur, que conduz Galaaz à pedra, para ver se ele consegue arrancar a espada nela cravada e assim confirmar se é ele o cavaleiro escolhido para levar a bom termo as aventuras do reino de Logres. Genevra está atenta e, quando vê sair o cortejo que acompanha o rei, apressa-se a segui-lo, com um grande grupo de damas e donzelas para testemunhar o momento em que Galaaz retira a espada da pedra, feito que muitos outros haviam já tentado sem sucesso.

O discreto conhecimento dos meandros da corte por parte de Genevra é, uma vez mais, evidenciado antes da partida dos cavaleiros na demanda do Santo Graal, quando a rainha se senta ao lado de Galaaz e lhe pergunta quem é seu pai. Ela já sabe que ele *era filho de Lançarot e que Lançarot o fezera na filha d'el-rei Peles (DSG, p.42)*, mas quer ouvi-lo proferido pelo jovem, talvez como uma confirmação definitiva ou para se certificar se ele conhece o segredo da sua conceção. Galaaz opta por não o dizer e, com cautelosa gentileza, responde-lhe: *Senhora, nom no sei muito bem. (DSG, p.42)*.

Não sabemos as razões que levam Galaaz a esconder a sua paternidade. Saberá ele também da relação da rainha com o seu pai, Lancelot? De qualquer forma, Genevra não parece incomodada com essa possibilidade e diz-lhe, sem reбуço, quem é o pai e acrescenta que dele se deve orgulhar pois não há melhor cavaleiro no reino. Perante tal afirmação, Galaaz fica um tanto embaraçado por ter evitado contar a verdade, mas logo reage: *pois que o vós assi sabedes, porque vo-lo diria eu?* (DSG, p.43)

Num capítulo mais adiante, sem dar quaisquer pormenores sobre o momento ou as circunstâncias em que tal acontecera, somos informados que a própria rainha testemunhara o encontro amoroso entre os pais de Galaaz.

[...] *depois de Genevra ter encontrado Lancelot com a filha do rei Peles.* (DSG, p.272)

Nesse episódio descobrimos que Genevra fora simultaneamente traída pelo marido e pelo amante: Lancelot tem o seu encontro com a filha do rei Peles do qual resultou a conceção de Galaaz, como atrás ficou dito; Artur, por sua vez, apaixonou-se pela filha do rei Tanas e desta relação nascerá o seu filho, depois nomeado de Artur, o Pequeno. Entre estas duas traições há uma diferença abismal e poderíamos mesmo dizer que, no caso de Lancelot, ela nem existe já que o cavaleiro age sob o efeito de um feitiço¹. No caso de Artur, pelo contrário, a deslealdade resulta da vontade do próprio que age dominado apenas pela sua concupiscência. Também nos parece interessante notar que nenhuma destas traições é apresentada como algo condenável uma vez que delas resultam os nascimentos de dois valorosos cavaleiros: Galaaz, o cavaleiro perfeito e Artur, o Pequeno, valoroso cavaleiro, cuja existência é a prova irrefutável de que a infertilidade do casal real não é culpa do rei, mas sim da rainha. Enquanto, no caso da traição de Lancelot, sabemos que a própria rainha presenciou o encontro dos amantes, no caso de Artur nunca nos é dito se Genevra tem conhecimento deste deslize do rei ou das consequências que dele advieram.

Genevra faz parte do grupo de mulheres a quem o autor atribui capacidades especiais de clarividência e de presciência. Quando um donzel lhe vem dizer que os melhores cavaleiros do reino estão prestes a partir em busca das aventuras do Santo Graal, ela não só antevê a morte de muitos deles e o declínio do reino, como manifesta a sua estupefação pelo facto de o rei nada fazer para impedir que tal loucura aconteça. Perturbada e triste, retira-se para os seus aposentos e deixa-se cair sobre o leito chorando caudalosamente a partida dos cavaleiros, em particular a de Lancelot. Este, atormentado pelo desgosto da rainha, vai ao seu encontro para se despedir e para tentar sossegá-la. Genevra diz-se apavorada por saber quão diminutas são as probabilidades de o tornar a ver. Ele

¹ Ainda que tal facto não seja mencionado em *A Demanda do Santo Graal* portuguesa, na tradição Arturiana, o feitiço que torna possível este encontro amoroso com Amida faz com que Lancelot veja a imagem de Genevra e não a da mulher que realmente tem nos braços.

acalma-a, prometendo que voltará em breve. Sempre cortês, deixa à rainha a decisão sobre o momento em que deverá partir.

- *Senhora, disse el, eu me irei com vossa graça quando vos aprouver. (DSG, p.46)*

(- Senhora, partirei com a vossa bênção quando tal vos aprouver.)

Ela responde que, por sua vontade, tal nunca aconteceria, mas, já que não pode mudar o rumo dos acontecimentos, despede-se encomendando-o a Deus para que lhe dê sorte e honra e o deixe voltar são da demanda. Depois de se despedir da rainha, Lancelot vai ter com os outros cavaleiros, que estão já a cavalo, prontos para partir e apenas o esperam a ele. Do grupo faz parte o rei que acompanhará os seus homens durante uma parte do percurso. É caso para pensarmos que, para um amor clandestino, davam muito nas vistas. Será que a paixão lhes roubava a prudência ou será que, na verdade, a relação carnal era apenas uma conspiração da corte e nada havia a esconder?

Ainda que talvez resultado apenas de uma inconsistência narrativa, o facto é que há uma permanente aura de misteriosa incerteza sobre o alcance desta relação. Muitos falam do romance, mas os amantes não evidenciam preocupação em escondê-lo, como se a malícia que os outros lhe atribuem, na realidade não existisse; para além disso, o próprio Lancelot o nega em algumas situações, como por exemplo, quando envia a mensageira para negociar a paz com Artur e lhe assegura a sua fidelidade, rejeitando que em momento algum o tenha traído¹. A elevada estatura moral, que é atribuída a Lancelot, não condiz com a de mentiroso, em particular em relação ao rei ou à rainha pelos quais está disposto a lutar até às últimas consequências. O facto de Lancelot confessar o seu pecado a um eremita, poderia levar-nos a concluir que a relação carnal se consumara. Porém, porque sabemos que o simples pensamento de cobiça da mulher alheia seria já considerado pecado, de acordo com os cânones da igreja católica, teremos que permanecer na dúvida se este amor seria apenas platónico ou se teria outros contornos mais físicos.

Começam as aventuras da demanda do Graal e Genevra só volta a ser referida muito mais adiante e, desta feita, para pôr em realce a sua faceta de pecadora. Lancelot, deitado na floresta, dorme um sono agitado, perturbado por uma série de visões que lembram à sua alma atormentada a necessidade de esquecer o seu amor. Na visão, Lancelot é arrastado para uma gruta escura por diabos que obedecem às ordens de Morgaim. Lá dentro, tudo está a arder incluindo Genevra que surge sentada numa cadeira em chamas, toda nua e ostentando apenas uma coroa de espinhos sobre a cabeça desgrenhada. Traz a língua de fora e as mãos a cobrir o peito desnudo. Tudo nela denota grande sofrimento e as suas palavras acusam Lancelot de a ter lançado naquele inferno, embora reconheça que o condenou a inferno igual, o que muito lamenta pois preferia poupá-lo a tais penas.

¹ Cf. Mensageira de Lancelot.

[...] *ca pero eu som perduda e metuda em gram coita do Inferno, nom queria que avesse assi a vós, ante queria que avesse a mim, se Deus aprouvesse. (DSG, p.161)*

([...] porque estou perdida e em tão grande sofrimento do Inferno, que não queria que o mesmo acontecesse convosco, antes queria que me acontecesse a mim, se a Deus aprouvesse.

No seu mundo onírico, ditado pelo mais profundo do seu íntimo, o cavaleiro aflige-se com o sofrimento da amada, o que nos leva a inferir sobre a ternura latente que lhe vai no peito. Contudo, ela é logo anulada pela mudança de cenário e pela aparição dos seus pais, o rei Bam e a rainha Elena de Benoit, que fazem questão de afirmar que Genevra é a pecadora culpada pela sua desonra, perante Deus e perante os homens. É como se ele estivesse prestes a sucumbir à compaixão pela mulher amada e fosse resgatado pela interposição dos pais que lhe asseguram que a ninguém se pode atribuir maior culpa do que à rainha e, por conseguinte, as penas que sofre não são mais do que merecidas.

Todos os cavaleiros vivem aterrorizados com a ideia de enfrentar as penas do inferno e encaram as mulheres como uma ameaça às suas possibilidades de alcançar o paraíso. Nenhum bem, com elas, compensa o mal que depois sofrerão no inferno. Após despertar do seu sonho, Lancelot sente-se atemorizado ao ponto de pensar que teria sido preferível nunca ter conhecido Genevra.

[...] *bem querria que nunca houvesse que ver rem com Genevra, ca bem lhe semelhava que niüü pecado non no chegava tanto a perdiçon do corpo e da alma como aquele e que ambos eram perdidos por i. (DSG, p.164)*

([...] e bem preferia nunca ter tido nada com Genevra, pois bem lhe parecia que nenhum pecado levava tanto à perdição do corpo e da alma como aquele pelo qual ambos se haviam perdido.)

É interessante verificar a construção do conflito de sentimentos com que Lancelot se debate. No sonho, compõe a imagem de uma Genevra abnegada, disposta a assumir para si o ónus do castigo pelo pecado de ambos, e sente-se tão infeliz que deseja morrer. Depois de desperto, o temor sobrepõe-se ao amor e afirma que o seu maior desejo era jamais ter estado com ela, para não vir a sofrer as penas do Inferno, depois da morte, e para ver o Graal, enquanto em vida. Algum tempo mais tarde, quando se prepara para confessar os seus pecados, Lancelot mostra-se, de novo, angustiado e confuso por não saber se deverá ou não confessar-se e revelar a outrem o seu amor por Genevra, não só porque ela é de alta condição mas porque a ama e não quer separar-se dela, a não ser que uma grande força a isso o obrigue.

[...] *siia pensando [...] em dous grandes pensares: uu era se se parteria da rainha sua senhora; outro, se se menfestasse descobriria em sua confissam como amara tam alta dona, ca deste amor nom se trabalharia el em neuma guisa, se gram força sobejo lho nom fizesse fazer, e esto porque amava mais a raia que si mesmo. (DSG, p.166)*

([...] pensava [...] de duas diferentes formas de pensar: uma era se se separaria da rainha, sua senhora; a outra, que se se confessasse, revelaria na sua confissão como amara tão importante dama, porque deste amor não se afastaria de forma alguma, senão se uma grande força o obrigasse, e isto porque amava mais a rainha do que a si mesmo.)

Uma nova visão vai ajudá-lo a tomar a decisão. Desta vez, Lancelot vê duas mulheres coroadas, uma que traz escrito na fronte ser Catanance, a rainha da Irlanda, mulher do rei Carados, do Pequeno Braço e depois dela, outra rainha, muito triste e em grande sofrimento que ele reconhece ser Iseu e que vem acompanhada por Tristam, também ele em alto pranto. Tristam e Iseu, de quem se esperaria encontrar alguma compreensão para com um amor proibido, juntam-se ao coro dos que o condenam e o exortam a deixar Genevra. Deslizam os seus corpos incandescentes no cenário dos sonhos de Lancelot e é a própria Iseu quem lhe diz que ele, tal como ela, arderá eternamente no fogo do inferno, se não abandonar a sua relação pecaminosa. Ao passar junto ao cavaleiro, toca-o na coxa e provoca-lhe uma queimadura muito dolorosa que não desaparece com o fim do sonho. No dia seguinte, a ferida na coxa de Lancelot apresenta-se preta, fétida e provoca-lhe dores lancinantes. O toque da mão de Persival, curá-lo-á e será o pretexto final para o convencer a confessar-se e redimir-se do pecado mortal que comete com Genevra. Confessa-se a um eremita, tendo Persival como testemunha, e jura jamais voltar a cair em tal pecado.

[...] ca bem sei que este pecado m'imiziou mais contra Nosso Senhor mais ca outro. E por esto o leixo assi de todo em todo, que jamais a el tornarei. (DSG, p.169)

([...] porque bem sei que este pecado mais me tornou inimigo de Nosso Senhor do que outro qualquer. E por isto o deixo, assim completamente, pois jamais a ele voltarei.)

Não cumprirá a promessa e voltará a sucumbir à paixão, não obstante os bons conselheiros que o destino, ou Deus, vão semeando no seu percurso, para tentar chamá-lo ao bom caminho. Um desses encontros providenciais sucede quando Lancelot chega ao barco onde está o corpo da falecida irmã de Persival. O barco é levado pelo vento até um rochedo, onde vive um homem muito velho, que lhe diz ser o rei Galegantim, o pai de sua mãe, portanto seu avô.

Ta madre a rainha Elena foi mia filha e outra sa irmãã. E mui meninas as dei, ùa ao rei Bam e outra a rei Boorz por molheres. (DSG, p.381)

(A tua mãe, a rainha Elena foi minha filha e, a ela e a outra sua irmã, ainda muito meninas, dei-as por mulher, uma ao rei Bam e a outra ao rei Boorz.)

Depois de as ter casado, viera para aquele rochedo viver como eremita, para espiar um pecado que havia cometido, e a ali permanecera isolado do mundo, mas não alheio ao que por ele se passa. Conta ao neto como tem tido notícia das suas façanhas, do quanto a sua boa cavalaria o enche de satisfação e de como, por outro lado, o entristece a relação que mantém com a rainha, que é uma ofensa, não só ao Criador mas também ao rei Artur, seu senhor. Assegura-lhe que Deus ainda o

perdoaria se ele deixasse de pecar e prova disso é ter-lhe permitido chegar perto de tão casta donzela como aquela que vai na barca. Lancelot promete, uma vez mais em vão, que assim fará.

A divulgação do romance vai-se tornando, ao longo da história, uma inevitabilidade e, muitas vezes, por culpa dos próprios amantes que se mostram descuidados e indiferentes às evidências que os seus atos vão semeando pelos cantos do reino. Um dos exemplos mais marcantes é a coleção de ilustrações que Lancelot deixa a cobrir as paredes do quarto onde Morgaim o mantivera cativo com cenas da sua vida na corte de Artur e do seu romance com a rainha¹. Em desenhos, em confissões ou em atitudes várias, o romance vai-se tornando do conhecimento público. Genevra, por sua vez, também confia em alguns elementos da corte e tem atitudes que a comprometem, por exemplo, quando dá a Estor, que está temporariamente de visita à corte, um anel para que ele o entregue a Lancelot com o pedido de que regresses depressa.

Tal como acontece na maioria dos casos de infidelidade conjugal, o principal interessado, neste caso o rei Artur, é o último a querer tomar conhecimento da traição e aquele com quem todos têm mais dificuldade de abordar o assunto. Saber deste relacionamento coloca os súbditos do rei em situação delicada porque, se por um lado sentem a obrigação de informar o seu senhor, a quem prestaram juramento de fidelidade, sobre a verdade, por outro evitam fazê-lo; uns porque não lhe querem causar sofrimento, outros por medo de o ofender e despertar a sua inimizade e, os mais avisados, por temerem que a revelação desencadeie um conflito que destrua o mundo que os rodeia. Alguns vivem angustiados por este dilema, mas calam o segredo até à morte, tal como acontece com o conde Arnalt que só na sua última confissão passa o segredo ao eremita que o ouve.

- Senhor, eu me sento por mui culpado contra rei Artur, cujo vassalo som, que sei e vi a treição de Lancelot e de sa mulher e nunca lho disse. Ora o digo a vós e rogo-vos que o digades a rei Artur. (DSG, pp.324,325)

(- Senhor, sinto-me muito culpado em relação ao rei Artur, de quem sou vassalo, porque sei e vi a traição de Lancelot e da sua mulher e nunca lho disse. Agora digo-o a vós e rogo-vos que o digais ao rei Artur.)

Acontece que o eremita parece ter também alguma relutância em contar ao rei e prefere não se comprometer com promessas à cabeceira do moribundo.

- Eu me conselharei. E, se achar endê meu conselheiro que o diga a el-rei, dizer-lho-ei. (DSG, p.325)

(- Refletirei sobre isso e, se achar que devo dizer a el-rei, di-lo-ei.)

De um em um, a história vai passando, mas ninguém quer assumir o ónus de a contar ao rei. Então, vão revelando ao confessor, ao parente ou ao companheiro de armas e assim, em especial, depois das revelações feitas por Morgaim aos sobrinhos Galvam, Gaariet e Morderet, o assunto vai

¹ Cf. Morgaim

ganhando dimensões que logo se tornam incontrolláveis, para júbilo dos inimigos de Artur que, desta forma, veem crescer as possibilidades de vingança e de tomada do poder no reino de Logres.

A linhagem do rei Bam, de que descende Lancelot, é a mais prestigiada, respeitada e temida pelas suas qualidades de cavalaria, estando envolta numa aura de invencibilidade que faz afastar os inimigos, pelo que, enquanto os cavaleiros desta linhagem se mantiverem unidos às hostes do glorioso Artur, poucos se atreverão a fazer-lhes frente. Contudo, se por outro lado conseguirem indispô-los uns contra os outros, tudo se alterará pois é garantido que, tomados pelo orgulho, se destruirão mutuamente. É por isso que Genevra e Lancelot interferem para travar a luta entre Estor, irmão de Lancelot e portanto da linhagem do rei Bam, e Galvam, sobrinho de Artur, quando o primeiro acusa Galvam de ter matado Erec e Palamedes, dois cavaleiros da Távola Redonda, e vem a Camaalot reclamar vingança pelas suas mortes. A intervenção de Genevra e Lancelot consegue evitar a batalha, mas não apazigua a inimizade que entretanto se desencadeara entre as duas linhagens. De um lado e de outro, há quem queira usar a relação dos dois amantes para acicatar antagonismos entre as duas forças. É o que se murmura pelo reino e que Boorz ouve num eremitério onde passa a noite no seu caminho de regresso a Camaalot, após concluída a aventura do Santo Graal.

[...] a linhagem de rei Artur vai posfaçando acá em prioridade, mas nom sei se dizem verdade, ca dom Lançalot jaz com a rainha e querem-no dizer a el-rei por meterem mortal desamor entre el-rei e a linhagem de rei Bam. (DSG, p.460)

([...] a linhagem do rei Artur vai murmurando em segredo, mas não sei se dizem a verdade, que dom Lancelot dorme com a rainha e querem dizê-lo a el-rei para fazer nascer um ódio de morte entre el-rei e a linhagem do rei Bam.)

Boorz, o único dos cavaleiros que tiveram o privilégio de ver o Santo Graal que ainda está vivo, chega a Camaalot com a atenção alertada pelos rumores. Observa o comportamento de Genevra e Lancelot e confirma a relação entre ambos. Preocupado, conversa com Lionel sobre o mal que dela poderá resultar.

- Pesar e dano nos veerá deste amor e mau ponto foi começado. Tanto manteve já Lançalot este amor que nom há cavaleiro em casa de rei Artur que ende algũa cousa já nom entendesse. E nom no encobrem al-rei senom com pavor que ham da linhagem de rei Bam, ca sabem que o nom dirá tal que morte nom prenda. E os homeês da casa de rei Artur que o melhor o sábiã Galvam e seus irmãos som, mas nom no querem dizer porque entendem que nacerá em muito mal. (DSG, p.461)

(- Pesar e dano nos advirá deste amor em má hora começado. Há tanto que Lancelot mantém este amor que não há cavaleiro em casa do rei Artur que não se tenha já apercebido de qualquer coisa. E não o escondem do rei senão pelo medo que têm da linhagem do rei Bam, pois sabem que quem tal disser ganhará a morte. E os homens da casa do rei Artur que melhor o sabem são Galvam e seus irmãos, mas não o querem dizer porque sabem que daí muito mal advirá.)

Com efeito, Galvam, dominado pela sua habitual cobardia, teme que o rei descubra a verdade e, apesar do grande ódio que nutre pela linhagem de Lancelot, tenta convencer os irmãos a continuar a encobri-la de Artur, porque está consciente que enfrentar os cavaleiros da linhagem do Rei Bam será, para eles, uma batalha perdida.

[...] *Se o al-rei dissermos, tal guerra poderá i nascer per que mais de LX mil homens poderiam i morrer e com todo esto nom poderia seer nossa desonra vingada, ca sobejamente é gram o poder e a linhagem de rei Bam e Deus os há em tal honra e em tal poder que nom cuida que podessem seer dirribados por homem. (DSG, p.461)*

([...] Se dissermos a el-rei, poderá começar uma guerra na qual mais de sessenta mil homens poderiam morrer e ainda assim a nossa desonra não seria vingada, porque o poder da linhagem do rei Bam é tão sobejamente grande e Deus tem-nos em tanta honra e consideração, que não acredito que pudessem ser derrotados por ninguém.)

Por fim, o inevitável acontece e Agravaim revela o segredo ao rei, para quem a notícia não era afinal novidade. Artur já ouvira falar do romance, mas não o quisera crer e, ainda neste momento em que o ouve da boca do sobrinho, argumenta uma desculpa para o comportamento de Lancelot.

- *Certas, se assi é que Lancelot ama Genevra, eu bem sei que nom é de seu grado mas força d'amor lho faz, que sol fazer do mais cordo homem do mundo sandeu e do mais leal cavaleiro desleal. (DSG, p.463)*

(- Por certo, se assim é, que Lancelot ama Genevra, bem sei que não é por sua vontade mas porque o amor assim o obriga a fazer, pois só o amor é capaz de tornar sandeu o homem mais sensato, e desleal o cavaleiro mais leal.)

Artur reconhece que a força avassaladora do amor consegue dominar a vontade de um homem, ainda que, de Lancelot, o melhor e o mais leal dos seus cavaleiros, esperasse uma estrutura moral capaz de superar tal fraqueza.

[...] *nom cuidava que atam boo cavaleiro como aquel soubesse assacar traiçom. (DSG, p.463)*

([...] nunca pensei que um cavaleiro como ele pudesse cometer traição.)

Esgotados os argumentos, Artur é forçado a aceitar as evidências e, se ficara triste por Lancelot, também o fica por amar a rainha.

[...] *ca ele amava a raia tam desmisuradamente que nom podia mais. (DSG, p.463)*

([...] porque amava a rainha tão desmesuradamente que mais não podia.)

Doravante, Artur fica destroçado e limita-se a agir de acordo com o plano que lhe é apresentado pelos sobrinhos para surpreender Lancelot e a rainha em flagrante como prova final e irrefutável. Convencem o rei a partir para uma caçada, impedindo Lancelot de nela tomar parte.

Surpreendido, e um tanto agastado, Lancelot permanece na corte e logo a descuidada Genevra o convoca para que venha aos seus aposentos.

Tanto que foi rei Artur aa caça enviou dizer a raia a Lancelot que vesse a ela [...](DSG, p.466)

Lancelot, dominado pelos seus sentimentos, ou porque a regra da boa cortesia assim o exige, não hesita em satisfazer a vontade da amada, apesar das advertências de Boorz que lhe diz que o rei já sabe do romance e que por causa deste encontro grandes males virão sobre Camaalot. Lancelot, parte ao encontro de Genevra, o mais secretamente que pode, mas não passa despercebido aos que o espreitam. Não estão muito tempo juntos, quando se levanta uma grande algazarra à porta da alcova e o par se apercebe que está perdido. A rainha está assustada, mas não tem dúvidas sobre quem os denunciou.

- Ai, amigo! Disse ela, ora saberá el-rei mia fazenda e a vossa. Todo esto nos ordenou Agravaim. (DSG, p.466)

(- Ai, amigo! Disse ela, agora saberá el-rei dos meus feitos e dos vossos. Tudo isto nos urdiu Agravaim.)

Lancelot, que ao longo de toda a história se manteve um ser apagado e doentio, derrotado pela culpa do pecado, perdido em delírios febris que atormentam o seu corpo e o seu espírito, transforma-se a partir deste momento e começa a ganhar a pujança que condiz com a sua fama de cavaleiro valoroso e que o leitor/ouvinte esperava ver se manifestar desde o início. É um facto que desde as primeiras linhas da narrativa, Lancelot fora referido como o melhor cavaleiro, mas, até este ponto, nenhuma das suas ações dera testemunho dessa valentia. No momento em que são surpreendidos, Lancelot agiganta-se no desespero de se salvar a si e à rainha. Quando batem à porta da alcova, apesar de desarmado, abre-a e ataca com ferocidade o primeiro cavaleiro que se atreve a transpô-la. O golpe é de tal sorte *que o fendeu todo ateí nas espádoas e meteu morto em terra. (DSG, p.467)* Genevra anima-se de esperança e embora ensombrada pelo temor de que o julgamento divino os tenha condenado a morrer ali juntos, para espiarem o seu pecado, não se deixa abater; é preciso assegurar que Lancelot consiga fugir são e salvo, porque ele é a sua única garantia de poder escapar viva.

[...] Pero, se prouguesse a Deus que escapásedes daqui são, nom há i tal que me ousasse matar sabendo que vós érades vivo. (DSG, p.467)

([...] Mas, se aprovesse a Deus que escapásseis daqui são, ninguém me ousaria matar sabendo que estais vivo.)

Morto o cavaleiro que ousara avançar, os outros recuam perante a ferocidade inesperada de Lancelot, que sabiam estar desarmado. Os amantes fecham a porta e Genevra, com coragem e pragmatismo de guerreira, ajuda a despir as armas do cavaleiro morto para que Lancelot as possa

envergar e assim melhor enfrentar a turba que se junta à porta. Lancelot propõe levá-la, mas ela recusa porque acredita que a sua fuga ajudaria a dar ainda mais visibilidade e credibilidade ao falatório da corte.

- *Esto nom quero eu, ca logo assi seeria nossa fazenda mais conoçuda. (DSG, p.467)*

(- Isso não quero, disse ela, porque assim seria a nossa história ainda mais depressa conhecida.)

Sentindo-se confiante, agora com a loriga vestida, o cortês Lancelot prepara-se para abandonar a alcova real e Genevra deixa-o ir, confiante que ele voltará para a salvar.

- *Senhora, ora me posso eu ir, se Deus quiser a salvo, ca de quantos me aqui agardam me livrarei eu mui bem, como eu cuido.*

- *Pois ide-vos, disse ela, e pensade de mim, ca eu bem sei ca cedo haversei mester vossa ajuda. (DSG, p.467)*

(- Senhora, agora posso ir, se Deus quiser, a salvo, porque de quantos aqui me esperam me livrarei muito bem, como acho.

- Pois ide, disse ela, e pensai em mim porque bem sei que em breve precisarei da vossa ajuda.)

Então, Lancelot abre a porta e sai de rompante, deitando por terra quem se lhe atravessa no caminho. Todos se intimidam na sua presença e recuam. Porém, assim que ele se afasta, começa a aviltção de Genevra: Agravaim, Morderet e Guerrees entram no aposento e prendem-na, enquanto a insultam de forma cruel e a ameaçam com a condenação à morte. Levam-na desfeita em lágrimas, sem qualquer compaixão ou respeito. Aos olhos do mundo, Genevra, a adúltera, não merece ser tratada com qualquer deferência e sendo a mulher mais importante do reino, maior seria a sua culpa, pois, como afirma José Mattoso, à época “o adultério é tanto mais escabroso quanto mais alta a condição social da dona”¹.

Ao chegar aos seus aposentos, Lancelot encontra Boorz, Estor e outros cavaleiros de excelência da sua linhagem e, por sugestão de Estor, vão-se esconder na floresta onde aguardarão a ocasião certa para resgatar a rainha. Sublinhe-se que Boorz não atribui as culpas do romance a Genevra, mas sim a Lancelot e por isso se dispõe colaborar para salvá-la.

[...] *da rainha que será por vós julgada a morte mi pesa muito. E de grado quiria que houvéssemos i conselho como escapasse. (DSG, p.468)*

([...] pela rainha, que será por vossa culpa condenada à morte, sinto muito, e de bom grado gostaria que tivéssemos uma ideia sobre como a salvar.)

Apesar de o julgamento ainda nem ter sido solicitado pelo rei aos ricos homens, como depois vem a acontecer, Estor, Boorz e os cavaleiros que os acompanham, já mostram saber que a rainha

¹ Mattoso 2009, *Op. cit.*, p. 34.

vai ser condenada à fogueira e é com base nesse conhecimento que começam a delinear a sua estratégia de resgate e fuga

Quando Artur regressa da caçada e é posto a par dos acontecimentos, envia alguns cavaleiros aos aposentos de Lancelot com ordem de o prender. Como não o encontram, toda a fúria do rei recai sobre a rainha: ela terá que ser castigada pelos dois e de forma exemplar, para que pague por todas as mulheres desleais. Apesar de delegar nos homens importantes do reino a incumbência de decidir a pena, avisa-os de que não aceitará nenhuma outra condenação que não seja coincidente com a sua, ou seja: a morte.

[...] e rogo-vos pela fé que me deveis que vos catades de qual morte deve morrer, ca sem morte nom deve ela escapar, ainda que o vós julgásedes. (DSG, p.469)

([...] e rogo-vos, pela obediência que me deveis, que escolhais de que morte deve morrer, porque da morte não pode ela escapar, ainda que vós assim o julgásseis.)

Condenar uma rainha à morte parece deixar os ricos homens da corte de Artur pouco à vontade e procuram adiar o julgamento, talvez na esperança de que a fúria do rei se acalme e ele mude de ideias.

- Senhor, disse rei Hiom, nom é foro nem costume desta terra de dar juízo depois de noa. De mais de morte de homem ou de molher e de mais de tam alta dona como a raia é. Mas cras manhã, se vós mandardes, o faremos. (DSG, p.469)

(- Senhor, disse o rei Hiom, não é uso nem costume nesta terra proferir juízo depois da hora de noa. Sobretudo se for morte de homem ou de mulher e, ainda mais, sendo uma dona tão importante como a rainha é. Mas, sem falta, amanhã, se assim ordenardes, fá-lo-emos.)

Conseguem adiar o julgamento, mas acabam por sentenciar que a rainha deve morrer queimada na fogueira. Nem todos concordam, mas sentem-se obrigados a calar a sua discordância.

A esto s'outorgaram todos, que per grado que per força. (DSG, p.469)

(Com isto concordaram todos, de bom grado, ou por obrigação.)

No momento em que a pena é proferida, Genevra recebe uma inesperada demonstração de carinho e veneração por parte de Galvam¹, o cavaleiro facínora, traidor e cobarde, que ao longo da trama foi matando quem quis e quem lhe convinha, sem respeito por qualquer código de cavalaria ou de moral. Nesta circunstância, porém, tomar parte na condenação repugna-o ao ponto de enfrentar publicamente o rei que entorpecido pelo sofrimento permanece alheio, parecendo nem escutar as palavras proferidas pelo sobrinho no momento em que abandona o paço em alto pranto.

¹ É curioso notar que, na verdade, à exceção de Morderet, Agravaim e Guerrees, que acreditam poder recolher benefício pessoal com a situação, nenhuma outra figura masculina se insinua nas acusações à rainha, sendo que as reações mais ostensivas provêm todas de personagens femininas.

[...] *nunca em tal juízo seerei nem estarei u veja a morte da dona do mundo que sempre me nais honra fez.*

Então se foi a el-rei e disse-lhi:

- *Senhor, eu vos leixo quanto de vós tenho e já mais, mentre viva, nom vos servirei. (DSG, p.469)*

([...] nunca em tal condenação tomarei parte nem ficarei onde veja a morte da dona do mundo que sempre mais honra me fez.

Então aproximou-se do rei e disse-lhe:

- Senhor, deixo-vos quanto de vós tenho e jamais, enquanto viver, vos servirei.)

Apesar da severidade da sua decisão, Artur está tão triste *que todo aquel dia nom comeu nem bebeu nem quis que a raia fosse ante el. (DSG, p.469)*

Genevra é conduzida ao local da execução, chorosa, no seu traje de cendal vermelho e todos a acham irresistivelmente bela, apesar de já não ser jovem.

[...] *E ela era tam formosa dona e tam pagadoira que no mundo nom acharia homem outra tal da sua idade. (DSG, pp.469,470)*

(E ela era tão formosa e tão prazerosa que no mundo não se encontraria outra igual da sua idade.)

Vê-la, é, para Artur, um sofrimento insuportável e ordena que a levem dali e cumpram a sentença.

E, quando el-rei a viu, houve dela tam gran doo que lhi nom podia teer o olho. E mandou que a tolhessem d'ant'el e lhi fossem fazer aquilo que lhi julgaram. (DSG, p. 470)

(E quando el-rei a viu, teve dela tanta pena que não podia deter nela o olhar. E mandou que a levassem da sua frente e lhe fizessem aquilo a que a tinham condenado.)

Genevra é uma rainha amada pelo seu povo. Quando é levada pelas ruas até a fogueira, todos louvam a sua beleza, a sua cultura e compaixão e choram a sua perda.

[...] *veriaðes correr de todas as partes e sair mancebos e mancebas e velhos e velhas e ricos e pobres dando vozes e braados e fazendo o maior doo do mundo. E diziam a uma só voz:*

- *Ai, senhora boa e de bõo doanire e mais cortesia e mais ensinada d'outra dona, u acharom dês i, os mais pobres conselho nem piedade? (DSG, p.470)*

([...] verieis acorrer de todos os lados mancebos e donzelas e velhos e velhas e ricos e pobres gritando e bradando e fazendo o maior pranto do mundo. E diziam a uma só voz:

- Ai, senhora boa e de tanta cortesia e gentileza e mais ensinada que qualquer outra dona. Onde acharão, a partir daqui, os mais pobres conselho e piedade?)

Não a censuram tanto a ela, mas sim àqueles que revelaram o segredo ao rei e assim o obrigaram a condená-la.

Ai, rei Artur que a fazes per deslealdade e per bravura matar, ainda que ende pesar venha e que ainda por em seas destruído do reino. E os traedores que cho fizeram fazer moiram ainda de maa morte! (DSG, p. 470)

(Ai, rei Artur, que a fazes por deslealdade e bravura matar, ainda que daí pesar te advenha e ainda que sejas tu e o teu reino destruídos. Que morram de má morte os traidores que tal to fizeram fazer!)

Lancelot e os cavaleiros que o acompanharam espreitam do seu esconderijo na floresta a hora certa para resgatar a rainha, que está já sobre a pira, guardada por 80 cavaleiros escolhidos por Artur para garantir que a execução se cumpra. Lancelot e os seus aliados invadem o local, atingindo todos os que se lhes deparam pela frente e, em pouco tempo, desbaratam e matam os homens do rei, deixando apenas três sobreviventes, um deles Morderet.

Esperaríamos que Lancelot pegasse, sem demora, na rainha e fugisse. Todavia, não é isso que sucede, porque o audaz cavaleiro não esquece as boas maneiras e as exigências do comportamento cortês. No meio do caos de corpos e armas caídos no campo de batalha, Lancelot aproxima-se da rainha e pergunta-lhe: *Senhora, que queredes que vos fazamos?* (DSG, p. 471) e, só depois de ela dizer que quer fugir para onde o rei não lhe possa fazer mal, é que Lancelot a conduz nessa fuga.

Ao abrigo da floresta, reúnem com os restantes cavaleiros e concordam refugiar-se na Joiosa Guarda, que lhes garante segurança por ser um castelo bem fortificado e situado em sítio que não permite que à sua volta se monte um cerco. Mas as diligências de Lancelot não se ficam por aí e trata de chamar em seu auxílio todos os da terra, que, como já referimos¹, acorrem em grande número e de bom grado. Lancelot prepara-se para a guerra contra Artur e decide enviar Genevra para o reino de Sorelois, porventura para garantir a sua segurança ou apenas por considerar que a guerra não é assunto para mulheres. Romanticamente, poderíamos pensar que as suas motivações fossem impedir que o rei a levasse de volta, mas não era bem assim, como já veremos.

Depois de Lancelot ter resgatado a rainha da fogueira, Artur pensa na vingança, mas nunca se refere a Genevra, nem mostra ter intenção de a querer de volta, até à intervenção do arcebispo de Conturbe, parente da rainha, que o força a ir buscá-la, decretando a excomunhão do reino.

[...] *Mas quando el-rei viu que a Santa Igreja o constrangia assi, filhou-a.* (DSG, p. 482)

([...] quando el-rei viu que a Santa Igreja assim o constrangia, foi buscá-la.)

Contudo, depois de a rever, Artur fica feliz, apesar de não o querer admitir perante os outros.

[...] *E foi mui mais ledô ca fazia o semblante, ca el amava a raia sobre todalas cousas do mundo.* (DSG, p. 483)

([...] E ficou mais contente do que mostrava porque amava a rainha acima de todas as coisas do mundo.)

¹ Cf. Mensageira de Lancelot.

Lancelot entrega a amada sem contestação porque acha que, se o não fizer, alimentará a maledicência das gentes e todos acreditarão que é verdade o que se fala sobre ele e a rainha. Coisa que ele se tem empenhado em desmentir.

[...] *Lancelot nom lha dera se nom fosse que entenderiam as gentes que era verdade o que diziam. E desto s'escusava el muitas vezes [...]* (DSG, p.483)

([...] Lancelot não lha daria se não fosse porque as pessoas pensariam que era verdade o que se dizia. E isto negava ele muitas vezes a muitos homens bons.)

Depois de devolver a rainha a Artur, Lancelot abandona o reino de Logres, sem mais luta, atravessa o mar e vai para a sua terra, Gaunes. Por ele a guerra teria terminado naquele momento, ainda que sem glória para si. Artur, que também estaria pronto a desistir da vingança, é incitado por Galvam a ir em sua perseguição. Montam cerco à cidade de Gaunes e, não só não conseguem tomá-la, como perdem muitos dos seus homens. Lancelot tem várias oportunidades para capturar e matar o rei, mas *nom quis porque amava rei Artur de mui grande amor.* (DSG, p.483) Por fim, Artur reconhece que não tem hipóteses de sair vitorioso e acusa Galvam de o ter arrastado para uma situação em que a sua desonra só se agravaria. Nesta altura, já todos parecem ter esquecido a traição de Genevra. Galvam fala apenas em vingar os irmãos e desafia Lancelot a enfrentá-lo e, se vencer, provará que está inocente como afirma. Lancelot aceita e são estabelecidos os termos do acordo, pelos dois cavaleiros, ficando o rei, uma vez mais, com um papel de espectador.

[...] *fez Galvam prometer seu tio que, se Lançalot o vencesse, que descercassem Gasunes e que dessem Lançalot por quite de todo o queixume que dele haviam. E Lançalot er fez prometer a sua linhagem que, se Galvam vencesse, que todos fossem vassalos quites de rei Artur [...]* (DSG, p.483)

([...] Galvam fez seu tio prometer que, se Lancelot o vencesse, levantassem o cerco a Gaunes e dessem Lancelot por quite de todas as queixas que tinham dele. E Lancelot fez também os da sua linhagem prometer que, se Galvam vencesse, fossem todos vassalos do rei Artur[...])

Quando Artur decidiu seguir o conselho de Galvam e atravessar o mar para lutar contra Lancelot, deixou Camaalot entregue a outro apaixonado de Genevra: Morderet, que *amava a raia que nunca a Lançalot amou mais.* (DSG, p.484) (amava a rainha mais do que Lancelot jamais a amou.) Genevra, por seu lado, detesta aquele pretendente e procura a todo o custo fugir à sua teia. Não sabemos se saberia qual a relação de parentesco entre Morderet e Artur¹, se na sua atitude estaria a vontade de recusar uma relação de contornos incestuosos ou apenas uma questão de repulsa. A verdade é que, quando os nobres de Logres, induzidos por uma falsa carta de Artur, forjada por

¹ Morderet é sempre referido como sendo sobrinho de Artur mas na batalha final, quando o mata, já o narrador diz que Morderet matou seu pai. (DSG. p. 487, cap. 672) Volta a repetir essa ideia quando Blioberis relembra a profecia dos homens *sisudos*. (DSG. p. 487, cap. 673). De qualquer forma, Genevra nunca menciona qualquer destas relações.

Morderet, em que dizia que ele, Morderet, deveria ser aclamado rei e que a rainha deveria ser-lhe dada por mulher, Genevra recusa tal consórcio e fecha-se com os da sua linhagem na torre do castelo. Morderet ataca a torre, esta é, contudo, muito bem defendida pelos que lá estão dentro e, por isso, não consegue tomar Genevra como mulher. Crendo que o tempo os enfraquecerá, monta cerco a Logres e confia que a rainha acabará por ter que aceitar a sua proposta de casamento. Seguro de que Logres está muito bem guardado, parte ao encontro de Artur para aniquilá-lo e assim completar o seu plano de conquista de poder.

Reclusa no seu próprio reino, cheia de incertezas quanto ao futuro do valoroso Artur, Genevra toma o destino nas mãos: logo que pode, trata de fugir e recolhe-se num mosteiro de onde acredita que o malvado Morderet jamais terá coragem para a raptar.

E tanto que s'el partiu, meteu-se a raia em ũũ mosteiro de donas. E pensou que, se Morderet vencesse, que nom seria tam mau que dali a tirasse e, se Morderet fosse vencido, iria-se pera o seu senhor. (DSG, p.485)

(Assim que ele partiu, a rainha foi para um mosteiro de mulheres e pensou que, se Morderet vencesse não seria tão malvado que dali a tirasse e, se Morderet fosse vencido, voltaria para o seu senhor.)

Fá-lo de forma tão discreta que, quando Lancelot, que entretanto voltara à Grã-Bretanha para ajudar Artur na luta contra os filhos de Morderet, tenta saber dela, não consegue obter qualquer informação.

E [Lancelot] perguntou novas da raia. Mas nom lhi soube rem dizer o que lhe as novas dava. Ca poucos havia na terra que soubessem que fora dela, ca, sem falha, ela pensava de se asconder o mais que podesse com medo da sua morte. (DSG, p.498)

([Lancelot] perguntou novas da rainha, mas nada lhe soube dizer quem as novas lhe dava, porque muito poucos havia na terra que soubessem o que era feito dela, porque, sem falha, ela tratava de se esconder o mais que pudesse por temer a sua morte.)

Quando Lancelot recebe, enfim, notícias sobre a rainha é para saber que ela morrera, três dias antes, o que lhe causa *mui gran pesar sobejo*. (DSG, p.499)

Nesse mesmo capítulo ficamos a saber que a morte de Genevra está omissa no conto original, onde o escriba se baseou e que será ele próprio a imaginar como tudo se passou.

Mas porque o nosso conto nom divisa como ela foi morta, divisá-lo-emos acá em outra guisa. (DSG, p.498)

(Mas como o nosso conto não descreve como ela morreu, vamos descrevê-lo aqui de outra maneira.)

Este é o único momento da narrativa em que o narrador assume a autoria do texto. Em outros episódios, quando a informação escasseia, o leitor é remetido para outras obras, como o Livro de

Tristão ou o *Livro do Brado*¹, ou apenas informado de que o conto nada mais diz sobre o assunto. No caso da morte de Genevra, porém, essa não é a sua opção. A tragédia da morte da rainha preenche algumas páginas de enorme carga dramática, que imaginamos, seriam bem ao gosto da alma lusa.

Depois de entrar para o convento a rainha, que sempre fora *muito viçosa de todos os viços do mundo* (DSG, p.499) (sempre apreciara todos os prazeres da vida) teve que se submeter às exigências da vida monástica o que a deixou enferma e sem ânimo. Ao convento vão chegando notícias pouco animadoras: diz-se que o rei Artur morreu e que os filhos de Morderet assumiram o poder, e vão tomando posse das terras do reino, ajudados por muitos que convenceram ou obrigaram a aliar-se a eles, esquecendo a velha lealdade devida a Artur. O medo deixa Genevra debilitada, mas a sua enfermidade agrava-se mais quando ouve dizer que Lancelot se perdera no mar, com todos os seus homens. A partir desse momento, cai numa tristeza profunda, recusando qualquer comida ou bebida. A autora daquela falsa notícia é uma monja² despeitada, que por não ter conseguido conquistar as atenções de Lancelot, encontrou assim forma de se vingar. Conta a falsa notícia à aia da rainha, fingindo falar em segredo, mas certificando-se de que Genevra a ouvia. A estratégia resulta e Genevra, abatida pelo sofrimento, não mais terá alegria de viver.

- *Ai, mar amargoso e maldito, comprido d'amargura e de door, neicio, mau, desconuçudo, mal m'hás morta, que vós o mais leal amador do mundo tollhestes-me seu amor!* (DSG, p.500)

(- Ai, mar amargoso e maldito, cheio de amargura e de dor, néscio, mau, desconhecido, de morte má me mataste, pois levaste o mais leal amante do mundo e privaste-me do seu amor!)

Quatro dias mais tarde, quando a verdade é reposta, com a chegada ao convento de um mensageiro com a notícia do desembarque de Lancelot na Grã-Bretanha, e de como vem ganhando terreno aos filhos de Morderet na reconquista do reino de Logres, é demasiado tarde e Genevra já não viverá o suficiente para o poder ver. Ao saber que Lancelot afinal não se perdera no mar e que está já perto, a rainha, consciente da iminência da sua morte, é invadida pelo desalento de assim morrer sem poder ver o amado ainda uma vez. Então, pede à sua dama de companhia que, logo após a morte, lhe retire o coração do peito e o leve a Lancelot, para memória dos seus amores.

[...] *por em vos rogo que, tam taste que eu moira, que me tiredes o coração e que lho levedes em este elmo que foi seu; e que lhe digades que, em renembrancha de nossos amores, lh'envio o meu coração e que nunca el o esqueceu.* (DSG, p.501)

¹ *Conto do Brado* – Segundo Irene Freire Nunes, seria uma referência ao *Conte delBrait*, obra cuja existência é negada por uns e por outros atribuída a Helie de Boron, onde seria contada a história do Mago Merlim, que foi sepultado vivo pela mulher amada. O brado seria o último grito soltado por Merlim. Na Demanda do Santo Graal, é para o Conto do Brado que o narrador nos remete sempre que se depara com detalhes que não deseja relatar. O que, ainda segundo a mesma autora, era uma prática comum entre os autores do chamado ciclo Pseudo-Boron. Irene Nunes, Agosto 1999 “A demanda do Santo Graal”, in *Textos Medievais Portugueses e suas Fontes, Matéria da Bretanha e Cantigas com Notação Musical*, São Paulo, Humanitas Publicações, FFLCH/USP (pp.77- 99) (p.90).

² Cf. Monja Intriguista.

([...] rogo-vos que, assim que eu morra, me tireis o coração e lho leveis neste elmo que foi seu; e que lhe digais que, em memória do nosso amor, lhe envio o meu coração que nunca o esqueceu.)

Morre nesse mesmo dia. A aia procura cumprir o último pedido da rainha, mas, como nunca encontrará Lancelot, não conseguirá entregar-lhe o coração.

Genevra morre prostrada pelo sofrimento que lhe causa a separação definitiva do amado e preocupada com fazer-lhe chegar testemunho do seu amor. O mesmo não podemos dizer de Lancelot que, quando morre, parece já não se lembrar dela. O seu último desejo é ser sepultado na Joiosa Guarda, não por qualquer motivo romântico, mas porque quer ficar no mesmo túmulo em que repousa o seu amigo Galeote.

Genevra é, sem dúvida, a mulher com mais relevo no reino de Logres. Era amada pelos seus súbditos, pela sua generosidade, admirada pela sua beleza, que parece não desvanecer com a idade e idolatrada por vários homens que a têm ou sonham ter como esposa ou como amante. Todas estas características que poderiam ser motivo de felicidade e orgulho para a própria e para Artur, que a tem por mulher, acabam por ser portadoras de desonra e vergonha, de ódio e de despeito, alimentados pela cupidez dos cavaleiros e pelo ciúme das damas. Genevra traz na sua condição de mulher bela a maldição que leva à destruição de todo o reino.

Lancelot é, no masculino, o reflexo desta mesma fatalidade: é tão belo que atrai os amores e os ódios de muitas mulheres. Ambos são vistos como pecadores, mas nele o pecado é, de certa forma, relevado devido à sua valentia e excelência nas artes da cavalaria e, por isso, lhe é dada uma oportunidade para se redimir no final da vida. Tal como os outros cavaleiros, Lancelot, exemplo de coragem na terra, sente-se aterrorizado com o que lhe possa acontecer na vida para além da morte e por isso se esforça para conquistar as graças divinas: jejua e usa estamenha para mortificar o corpo, confessa-se, ora e promete emendar-se, ainda que acabe sempre por se aproximar do objeto da tentação, Genevra, mas também de Artur. A sua dedicação ao casal real é complexa e prova-se incondicional pois assume como sua a responsabilidade de os defender e proteger e, só depois de ambos morrerem, parece encontrar disponibilidade para se dedicar com convicção à salvação da sua alma. Sem Artur e sem Genevra, Lancelot retira-se para um ermitério, com outros cavaleiros que se lhe juntam e partilham com ele os últimos anos da sua vida.

A alma de Genevra não parece fazer parte da lista de preocupações do nosso narrador. Nunca refere que ela sinta remorsos causados pelo seu pecado, que ela, ao contrário de Lancelot, jamais nega, nem que se esforce por conquistar a salvação da sua alma. Os medos manifestados por Genevra têm mais a ver com este mundo. Antes de conquistar as simpatias divinas, o que ela prova temer é não poder contar com proteção, na terra, de um dos homens que ama: Artur ou Lancelot.

*

III. Considerações finais

Assim foram percorridos os caminhos de Logres em busca das mulheres do reino aventureiro de Artur onde, como pudemos constatar, para além de Morgaim, Iseu e Genevra, quase nenhuma outra é referida pelo seu próprio nome. As mulheres são mencionadas pelos laços que as ligam aos cavaleiros seus parentes: elas são as filhas, as irmãs, as amadas, mas raras vezes elas mesmas, com identidade própria, ao contrário do que sucede com os cavaleiros que em momento algum são referidos como sendo o filho ou irmão desta ou daquela mulher. *Canedor, o da fremosa amiga* é talvez o que mais se poderia aproximar dessa situação uma vez que o seu cognome está relacionado com a beleza da sua amiga, ainda que não com o nome próprio da mesma.

Para além de todas as damas e donzelas a quem dedicámos um capítulo, resta-nos deixar um breve apontamento em relação às mulheres enfermas, cuja presença afluímos em episódios referentes a outras heroínas, pelo que nos pareceu redundante tornar a mencioná-las. Também optámos por não dedicar um capítulo ao caso único de uma bela donzela que fora escolhida para ser oferecida como troféu ao vencedor de um torneio no qual Galvam e Estor se digladiam; o primeiro porque está interessado em ganhar a donzela para seu belo prazer, o segundo, porque está em estado de desvario, após ter assassinado a irmã e nem sabe que terá direito a prémio. A ferocidade com que se entrega ao combate garante-lhe a vitória e, quando lhe dizem que ganhou uma donzela, recusa-a, horrorizado, dizendo que já muitos males sofreu por causa de uma donzela e foge tão depressa quanto as forças do cavalo lho permitem. Nesta narrativa de *A Demanda do Santo Graal* encontramos ainda uma brevíssima referência a Elena de Troia, *a mui fremosa que venceu os Gregos* (DSG, p.90), a propósito da construção do castelo do rei Brutos, que fora destruído pelos guerreiros de Troia.

No final desta incursão pelo reino de Artur, concluímos que não é simples determinar, de forma cabal, o que de facto conseguimos aprender sobre a mulher da época medieval. Tal como acontece com outras obras coetâneas, é difícil inferir o que pensariam elas sobre as suas relações com os homens, com os filhos ou com o mundo à sua volta; quais seriam as suas reais preocupações ou como se veriam a si próprias. Toda a informação que nos chega é filtrada pela visão masculina que, como se pôde observar a partir do relato dos vários episódios, oscilava entre a misoginia e a adoração, temperadas pelo temor inquietante do mistério em que a existência feminina estava envolta. Na generalidade, as mulheres não pareciam merecer grande valor, mas, na sua fragilidade, eram temidas pelos homens que lhes atribuíam faculdades de argúcia e de saberes para além do mundo visível. Elas guardavam em si uma sabedoria ancestral, um sexto sentido, ou outra qualquer sensibilidade que lhes permitia conhecer os mistérios do passado e antever o que o futuro reservava,

e é com este saber que se apresentam no caminho dos cavaleiros, em momentos chave, para os conduzir às mais diversas situações ou para levá-los a defrontar-se com a incoerência dos seus atos e das suas opções, pondo em questão o próprio código cavaleiresco. Eram também, e de acordo com o que seria enfatizado pelo discurso religioso predominante da época, consideradas o instrumento do demónio para levar os cavaleiros a afastar-se do bom caminho, o que seria outra razão para temê-las.

Tal como a ficção, a história também é parcimoniosa nas referências às mulheres, sendo raras as figuras femininas que conseguiram deixar o seu nome e o cunho da sua influência gravados na história da humanidade que, durante séculos, se escreveu, calando o importante papel que as mulheres, efetivamente, nela tiveram. No nosso estudo deparámo-nos com algumas mulheres, como Leonor de Aquitânia ou a rainha D. Isabel, cujo estatuto se elevou na sociedade acima do espaço onde a ação feminina era consentida, contrariando os preconceitos sobre a debilidade física e moral, bem como sobre a menoridade social e política da mulher. Figuras incontornáveis que, para o bem e para o mal, marcaram a sociedade do seu tempo e definiram o rumo da história. Aqui deixamos o nosso contributo para a compreensão dessa história, com este estudo sobre mulheres quase sem nome, ficcionais, por certo, mas reflexo do mundo que na literatura as representou.

*

Anexos

Anexo 1: Regras de cavalaria em evidência em A Demanda do Santo Graal

O cavaleiro deve:

- Ser fiel e obediente ao rei ou senhor a quem presta homenagem.
- Ir à corte do rei Artur para contar as aventuras que vivencie. (omitir ou contar inverdades é contra o juramento prestado por todos.)
- Coibir-se de atacar outro companheiro da Távola Redonda.
- Recusar lutar contra outro cavaleiro que não esteja tão bem armado como ele.
- Recusar lutar contra outro cavaleiro, estando um a cavalo e outro apeado.
- Aceitar sempre justar com outro cavaleiro que para tal o desafie.
- Aceitar enfrentar simultaneamente dois cavaleiros em luta à espada, se ousar ele próprio trazer duas espadas à cinta.
- Impedir que alguém ofenda ou mate um companheiro da Távola Redonda.
- Auxiliar sempre qualquer donzela em dificuldades.
- Coibir-se, em qualquer circunstância, de atacar uma donzela mensageira.
- Conceder sempre os dons que lhe sejam solicitados, sem se preocupar em saber o que lhe será exigido depois.
- Cumprir o dom concedido, por mais difícil ou penoso que seja a sua concretização.

*

Anexo 2: Nomes próprios referidos neste trabalho

A

Aglinda, ou Angélica – Filha do rei Nascor, ligada à maldição da Fonte da Virgem
Agravaim – Irmão de Gauvaim, denuncia ao rei o segredo de Lancelot e Genevra
Alaim o Branco – Cavaleiro da Távola Redonda, filho de Boorz de Gaunes.
Aldret – Sobrinho do rei Mars, irmão de Ladiana.
Amador de Belrepaire – Cavaleiro da Távola Redonda
Amida – Filha do rei Pelles, mãe de Galaaz.
Arnalt – Conde, aprisionado pelos filhos.
Arpiom – Ganacioso senhor do Castelo Pagão no tempo do rei Artur.
Artur – Rei de Logres, senhor de Camaalot.
Artur o Pequeno – Cavaleiro da távola Redonda, filho de Artur e da filha do rei Tanas.
Asgares o Triste – Cavaleiro da Távola Redonda.
Atamas o da Fonte – Cavaleiro que tem a incumbência de guardar a Fonte da Cura.

B

Bam de Benoic - Rei de Benoic, pai de Lancelot.
Bandemaguz – Rei de Gorra, conhecido pela sua sabedoria e sensatez.
Benoic – País que fora do rei Bam, agora de seu filho, Lancelot.
Besta Ladrador – Monstro ruidoso e disforme perseguido por Palamedes.
Blioberis – Cavaleiro que regista a identidade de Artur o Pequeno sobre a sua campá.
Boorz – Cavaleiro da Távola Redonda, um dos eleitos do Santo Graal e o único que depois regressará à corte.
Brutos – Rei, senhor do castelo de Brut, descendente de Brutus de cujo nome foi batizada a Britânia.

C

Camaalot, Camaalat – Camelot – corte do rei Artur.
Canabos – Encantador do reino de Logres, fundador do castelo de Corberic.
Canedor – cavaleiro da corte de Artur, cuja amiga é possuidora de uma grande formusura.
Carados do Pequeno Braço – Rei da Irlanda.
Castelo Estranho – castelo da amada de Dalides.
Catanance – Rainha da Irlanda, mulher de Carados.
Claudas – Rei da Deserta.
Claudim – Cavaleiro da Távola Redonda, filho do rei Claudas.
Corberic, Corbenic – Castelo do Rei- pescador, onde estava guardado o Graal.

D

Dalides – Cavaleiro da Távola Redonda que pede para ser sepultado no castelo da amada.
Danor – filho de Tanas.
Dondinax – Cavaleiro da Távola Redonda.
Donzela Laida – donzela feia, que vem À corte anunciar as desgraças que cairão sobre Logres.

E

Ebes o Nomeado – Cavaleiro da Távola Redonda.

Elaim o Branco – Cavaleiro da Távola Redonda, filho de Boorz.

Elena de Benoic – mãe de Lancelot.

Erec – Cavaleiro da Távola Redonda, filho do rei Lac.

Esclabor o Desconhecido – cavaleiro pagão que se converte ao cristianismo, pai de Palamedes.

Estor de Mares – Cavaleiro da Távola Redonda, irmão de Lancelot.

F

Froila – Rei de Gaula.

G

Gaariet – Cavaleiro da Távola Redonda, irmão de Galvam.

Galaaz, Galaad – Filho de Lancelot, ocupa o Assento Perigoso da Távola Redonda, é o escolhido para guardião do Graal.

Galaaz – Filho do rei Hipomenes.

Galegantim – avô de Lancelot, vive isolado num ilhéu a espiar os seus pecados.

Galeote – Senhor das Longas Insoas, Ilhas distantes, amigo de Lancelot.

Galmanasar – Parente de Príamos, responsável pela construção do Castelo Pagão.

Galvam – Cavaleiro da Távola Redonda, sobrinho do rei Artur.

Gansonais – Cavaleiro da Távola Redonda.

Genevra, – Guinevere, rainha de Logres, mulher do rei Artur.

Genevra – Nome da Mulher da Capela.

Giflet – Cavaleiro da Távola Redonda, acompanha Artur até ao fim.

Gueeres – Cavaleiro da Távola Redonda, irmão de Galvam.

H

Hiom – Rei, companheiro de Artur.

Hipomenes – Rei, cuja filha dá à luz a Besta Ladrador.

I

Iseu – Isolda, Rainha da Cornualha, mulher do rei Mars, amada de Tristam.

Ivan das Mãos Brancas – Cavaleiro da Távola Redonda.

Ivam de Cenel – Cavaleiro da Távola Redonda.

J

Joiosa Guarda – Castelo de Lancelot na Grã-Bretanha, antes da conquista chamado de Doorosa Guarda.

L

Ladiana – Sobrinha do rei Mars, mãe de Meraugis de Porlegues

Lamorat – Cavaleiro, irmão de Persival.

Lancelot, Lançalot, Lançarot do Lago – Cavaleiro da Távola Redonda, uma das figuras centrais no desenrolar da novela do Graal.

Lionel – Cavaleiro da Távola Redonda, irmão de Boorz.

Logres – Reino de Artur, Inglaterra. (A palavra galesa para Inglaterra continua a ser, Lloegr)

M

Mars – Rei da Cornualha, tio de Tristam.

Meraugis de Porlegues – Cavaleiro, filho ilegítimo do rei Mars da Cornualha.

Merlim – Mago do reino de Artur.

Mordaim – eremita, Nome cristão de Evalac.

Morderet – Irmão de Galvam, fruto de uma relação incestuosa do rei Artur.

Morgaim – Morgana, irmã de Artur e detentora de poderes especiais.

N

Neciam – Nascimento, eremita com forte ascendente sobre o reino de Logres. Nome cristão de Sarafes.

P

Paaço Celestial, Paaço Espiritual – Palácio de Sarras para onde é levado o Graal.

Palamedes – Cavaleiro pagão cujo maior objetivo é matar a Besta Ladrador; filho de Esclabor.

Patrides – Cavaleiro, sobrinho do rei Bandemaguz.

Peles – O Rei Pescador, senhor de Corberic, avô de Galaaz

Pequena Bretanha – Bretanha continental.

Persival – Cavaleiro, um dos heróis do Graal.

Príamos – rei de Troia.

Q

Queia – o mordomo do rei Artur.

Sarras – cidade dos sarracenos, onde reinava o rei Mordaim.

S

Samaliel – Cavaleiro, filho do rei Froila.

T

Tanas – avô materno de Artur, o Pequeno.

Tristam – Cavaleiro da Távola Redonda, sobrinho do rei Mars.

U

Uriam – Rei de Gales, pai de Ivam.

Uter Padregão – Pai do rei Artur.

*

Anexo 3: Índice de ocorrências femininas referidas no trabalho

- A abadessa, 47
A aia da rainha, 38
A amada de Dalides, 109
A amada de Queiam, 109
A bela e o cavaleiro adormecido, 104
A Dama da Capela, 56
A dama de companhia de Amida, 28
A donzela da Floresta Gasta, 35
A donzela de Amador de Belrepaire, 99
A donzela de Asgares, o Triste, 101
A donzela do palafrém negro, 31
A Donzela Feia, 29
A donzela que deslumbrou Arciel e seu irmão, 98
A donzela que encantou Persival, 80
A donzela que envergonha Galaaz, 78
A donzela que informa Galvam sobre a morte de Gaariet, 35
A donzela que morre na Fonte que Ferve, 43
A donzela que se queria vingar do cavaleiro negro, 34
A emparedada que anuncia a morte de Erec, 52
A favorita de Deus, 57
A filha da Dama da capela, 106
A filha de Tanas, 96
A filha do conde Arnalt, 98
A filha do gigante, 68
A filha do rei Brutos, 102
A filha do rei de Gram Bregonha, 79
A guardiã da espada do rei Froila, 42
A guardiã da Fonte da Cura, 83
A irmã de Dondinax, 77
A irmã de Erec, 53
A irmã de Ivam de Cenel, 31
A mãe da Besta Ladrador, 73
A mãe de Merlim, 75
A Mensageira de Lancelot, 45
A mensageira do eremita, 28
A monja que anuncia a cura da mulher enferma, 48
A prometida de Giflet, 49
A tia de Persival, 51
A viúva que acolhe Galaaz e o eremita, 76
A viúva que alberga Galaaz por uma noite, 78
A viúva que criou Meraugis de Porlegues, 76
Aglinda, 81
Amida, a mãe de Galaaz, 71
As 500 donzelas do Castelo Pagão, 40
As 60 virgens, 65
As irmãs do rei Peles, 73
As mulheres no caminho de Boorz e Lionel, 91
As vítimas do cavaleiro suicida, 90
Donzela parente de Persival, 77
Donzela vítima de Morderet, 94
Elena de Benoic, 70
Genevra, 115
Iseu, 109
Ladiana, 95
Morgaim, 84
Outra vítima da crueldade de Morderet, 100
Uma donzela cautelosa, 36
Uma donzela do Paço Aventuroso, 44
Uma monja intriguista, 49

Bibliografia

Corpus

NUNES, Irene Freire, ed.

2005 - *A Demanda do Santo Graal*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

Crítica e Teoria

ARCHIBALD, Elizabeth

2001 - *Incest and the Medieval Imagination*, New York, Oxford University Press Inc.

ASHLEY, Mike

2005 - *The Mammoth book of King Arthur*, Carroll & Graf Publishers, New York.

BAUBETA, Patrícia Anne Odber

1995 - (edição original 1992) - *Igreja, Pecado e Sátira Social na Idade Média Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

BARBER, Richard ed,

2004 - *Myths and Legends of the British Isles*, Woodbridge, UK, The Boydell Press, (1ª ed. 1999).

BODARWÉ, Katrinette,

2006 – “Abbesses”, in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, ed. Margaret Schaus, New York, Routledge Taylor & Francis Group, pp. 1- 4.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão

1990, *Literatura Portuguesa Medieval*, Universidade Aberta.

BULFINCH, Thomas

1995 - *Bulfinch's Mythology – The Age of Chivalry and Legends of Charlemagne or Romance in The Middle Ages*, (Ed. de Lorre Goodrich) Meridian, a division of Penguin Books, USA (ed. original 1884).

BURNS, E. Jane

2006 - “Courtly Love”, in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, ed. Margaret Schaus, Routledge Taylor & Francis Group, New York.

CARROLL, David F.

1996 - *Arturius, A Quest for Camelot*, Yorkshire, Ivory Printers Ltd,

CASTRO, Ivo

1983, “Sobre a Data da Introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata” in *Textos Medievais Portugueses e Suas Fontes*, Boletim de Filologia (*Miscelânea Rodrigues Lapa*), tomo XXVIII, pp. 81-98 [Consultado em 22 Dez. 2012]

http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/lingua/boletimfilologia/28/boletim28_pag81_98.pdf

CASTRO, Ivo

1997 - Matéria da Bretanha ou Literatura Arturiana - Boletim Fundação Calouste Gulbenkian, Setembro, Excerto de *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Organização e coordenação de Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, 1993, Lisboa, editorial Caminho, SA, pp. 445-450.

- CASTRO, Ivo
2006 - “Fallar e a Tradição Peninsular da Demanda” página de Ivo Castro (FLUL/CLUL), p.1 [Consultado em 10 julho 2012] http://www.clul.ul.pt/files/ivo_castro/2006_Fallar.pdf
- CASTRO, Francisco Lyon de, ed.
2001 - *História da Literatura Portuguesa – Das Origens ao Cancioneiro Geral*, Lisboa, Publicações Alfa.
- CESCO, Valentina
2006 - “Rape and Raptus” in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, ed. Margaret Schaus, New York, Routledge Taylor & Francis Group, pp 694-696.
- DALARUN, Jacques
1993 - “Olhares de Clérigos” in *História das Mulheres- A Idade Média* direção de Georges Duby e Michelle Perrot, Porto, Edições Afrontamento, pp. 29-63.
- DILLARD, Heath
2006 - “Iberia” in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, ed. Margaret Schaus, New York, Routledge Taylor & Francis Group, pp. 389-391.
- DUBY, Georges e PERROT, Michelle, dir.
1993 - *História das Mulheres- A Idade Média*, Porto, Edições Afrontamento.
- DUBY, Georges
1993 - “O Modelo Cortês”, in *História das Mulheres- A Idade Média*, direção de Georges Duby e Michelle Perrot, Porto, Edições Afrontamento, pp. 331-351.
- FERNANDEZ, Raquel Diez e VILLAR, Maria Pilar Alonso
2009 - *LAS ‘MURADAS’ una elección de vida para mujeres eremitas*, I Congresso Virtual Sobre Historia de las Mujeres, 15 – 31 Outubro, Biblioteca Gonçalo de Berceo [consultado em 10 de dezembro 2012] <http://www.vallenajerilla.com/berceo/fernandezdiez/emparedadasomuradas.htm>
- FRANCO, José Eduardo e MOURÃO, José Augusto
2005 - *A Influência de Joaquim de Flora em Portugal e na Europa. Escritos de Natália Correia Sobre a Utopia da Idade Feminina do Espírito Santo*. Lisboa, Roma editora.
- FREITAS, Lima de
2006, *Porto do Graal, A Riqueza ocultada da tradição mítico-portuguesa*, Lisboa, Ésquilo & Multimédia.
- FRUGONI, Chiara
1993 – “A mulher nas imagens, mulher imaginada – o ponto de vista da Igreja”, in *História das Mulheres - A Idade Média*, direção de Georges Duby e Michelle Perrot, Porto, Edições Afrontamento, pp. 462 - 511.
- LAUFENBERG, Lynn Marie
2006 - “Honor and Reputation”, in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, ed. Margaret Schaus, New York, Routledge Taylor & Francis Group, pp. 375, 376.
- LOOMIS, Roger Sherman, ed.
1959 - *Arthurian Literature in the Middle Ages*, London, Oxford University Press.

- MARVIN, William P.
2006 – “Hunting and Falconery” in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, ed. Margaret Schaus, New York, Routledge Taylor & Francis Group, pp. 386, 387.
- MATTOSO, José
2009 - *Naquele Tempo – Ensaio de História Medieval*, Círculo de Leitores e Temas e Debates.
- MEGALE, Heitor
2005 - “A Demanda do Santo Graal – Tradição Manuscrita e Tradição Impressa”, in *Estudos Linguísticos XXXIV*, p. 135-140, [consultado em 20 dez. 2012]
<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/a-demanda-do-santo-graal-1573.pdf>
- MERSEY, Daniel
2004 - *Arthur King of The Britons From Celtic hero to cinema icon*, Great Britain, J. H. Haynes & Co. Ltd,
- MIRANDA, José Carlos
Data “A dimensão literária da cultura da nobreza em Portugal no século XIII, in *Revista da Faculdade de Letras* [consultado em 14 dez. 2012] <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4074.pdf>
- MIRANDA, José Carlos
1996 - “Como o rei Artur e os Cavaleiros da Sua Corte Demandaram o Reino de Portugal”, in *COLÓQUIO/Letras – Fundação Calouste Gulbenkian*, nº 142 (outubro - dezembro 1996) pp 83-102 <http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=142&p=83&o=p>
- NEVES, Leonor Curado, MADUREIRA, Margarida, AMADO, Teresa, coord.
2002 - *Matéria de Bretanha em Portugal – Actas do Colóquio realizado em Lisboa nos dias 8 e 9 de Novembro de 2001*, Lisboa, edições colibri.
- NUNES, Irene Freire
1999 - “A Demanda do Santo Graal” in *Textos Medievais Portugueses e Suas Fontes*, organização de Heitor Megale e Hakira Osakabe, São Paulo, Humanitas Publicações FFLCH/USP pp. 74-99.
- OPITZ, Cláudia
1993 – “As mulheres nas estratégias familiares e sociais - O quotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500)”, in *História das Mulheres- A Idade Média*, direção de Georges Duby e Michelle Perrot, Porto, Edições Afrontamento, pp.354 -435.
- PILOSU, Mário
1995 - *A Mulher, a Luxúria e a Igreja na Idade Média*, Lisboa, Editorial Estampa.
- RANKIN, Alisha
2006 – “Doctors and Healers”, in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, ed. Margaret Schaus, New York, Routledge Taylor & Francis Group, pp. 216, 217.
- ROBERTSON, Elizabeth
2006 – “Anchoresses”, in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, ed. Margaret Schaus, New York, Routledge Taylor & Francis Group, pp.17-19.

ROSSI, Luciano

1979 - *Literatura Novelística na Idade Média Portuguesa, Biblioteca Breve / Volume 38*, Amadora – Portugal, Oficinas Gráficas da Livraria Bertrand (Traduzido do italiano por Carlos Moura).

SCHAUS, Margaret, ed.

2006 – *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, New York , Routledge Taylor & Francis Group.

TALBOT, Alice-Mary

2006 – “Monasticism and Nuns, Byzantine” in *Women and Gender in Medieval Europe – an Encyclopedia*, ed. Margaret Schaus, Routledge, New York, Taylor & Francis Group, pp.585, 586.

VASCONCELOS, Laura Paes

2002 – “Do Immrama Brian Mac Febal ao Conto do Amaro”, in *Matéria de Bretanha em Portugal – Actas do Colóquio realizado em Lisboa nos dias 8 e 9 de Novembro de 2001*, coord. Neves, Leonor Curado, Madureira, Margarida, Amado, Teresa, Lisboa, edições colibri.

Diversos

BRUNEL, Pierre. Dir.

1988 – *Dictionnaire des Mythes Littéraires (nouvelle édition augmenté)*, Edition du Rocher

CLARKE, Lindsay,

2003 – *Parsifal e o Mistério do Graal*, Lisboa, Ésquilo edições & multimédia (tradução de Graça Barroso e Rosário Morais da Silva)

ECO, Humberto, dir.

2011 - *Idade Média – Bárbaros, Cristãos e Muçulmanos*, Afragide, Portugal, Publicações D. Quixote (tradução de Bonifácio Alves)

EMMERSON, Richard K., ed.

2006 - *Key Figures in Medieval Europe – an encyclopedia*, New York, Routledge Taylor & Francis Group

LOPES, Fernão, *Cónica de D. João I*, capítulo 34 [consultado em 18 de fev. 2013]

http://www.azpmedia.com/espacohistoria/index.php?option=com_content&view=category&id=42&Itemid=106

MAGNE, Augusto, ed.

1989 - *A Demanda do Santo Graal*, São Paulo, T. A. Queiroz, Editor, Ltda.

MARTINS, Miguel Gomes

2011 – *De Ourique a Aljubarrota- A Guerra na Idade Média*, Lisboa, A esfera dos livros.

MATTHEWS, Catlin

2002 – *Mabon and The Guardians of Celtic Britain: hero myths in the Mabinogion*, USA, Rochester, Vermont.

PESSOA, Fernando/QUADROS, António, ed.

1986 – *Mensagem e outros poemas afins seguidos de “Fernando Pessoa e a ideia de Portugal”*, Mem Martins, Portugal, Publicações Europa América.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo,

1979 - *História de Portugal*, Vol. I – Estado, Pátria e Nação (1080-1415), Editorial Verbo.

A Bíblia Sagrada

1974 – Tradução de João Ferreira de Almeida, Lisboa, Sociedades Bíblicas Unidas.

The Mabinogion

1993 – tradução para inglês moderno de Gwyn Jones, London, J.M. Dent, Orion Publishing Group.

A História de Santa Catarina – *Boletim Congregar*, nº 22, Dezembro 2007-

[consultado em 15 de Janeiro 2013] <http://www.acsc.org.br/congrega/congregar22/pagina303.html>

<http://www-di.inf.puc-rio.br/~furtado/ensaios1.doc> [consultado em 4 de Junho 2012]

http://en.wikipedia.org/wiki/Geoffrey_of_Monmouth [consultado em 26 de Janeiro 2013]

http://fr.wikipedia.org/wiki/Bernart_de_Ventadour, [consultado em 26 de Janeiro 2013]

<http://en.wikipedia.org/wiki/Wace>, [consultado em 26 de Janeiro 2013]

ManesseCodex: [consultado em 12 Dezembro 2012]

<https://www.google.pt/search?q=manesse+codex+online&hl=pt-PT&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=WPFiUY2BE-Wp7Aawy4DIDQ&ved=0CFYQsAQ&biw=1280&bih=861>